

ANNA CAROLINA FERREIRA CARRARA

**AS CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS CAUSAIS NOMINAIS DO
PORTUGUÊS – UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA**

Juiz de Fora
2010

ANNA CAROLINA FERREIRA CARRARA

AS CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS CAUSAIS NOMINAIS DO PORTUGUÊS –
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
2010

ANNA CAROLINA FERREIRA CARRARA

AS CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS CAUSAIS NOMINAIS DO PORTUGUÊS –
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito à obtenção do Título de Mestre em
Linguística e aprovada pela seguinte banca.

Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Marta Cristina da Silva – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Dias Pereira – Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro

Juiz de Fora
2010

À Professora Neusa que, ao reconhecer em mim uma linguista coespecífica, presenteou-me, durante bons anos, com sua presença tutora e com o compartilhamento de inúmeros trabalhos e conhecimentos. Sua constante exigência e estímulo construíram a ponte que me trouxe até aqui.

Este trabalho é fruto desta caminhada.

AGRADECIMENTO

A meus pais, primeiramente, pela oportunidade impagável que me deram de poder dedicar-me sempre àquilo que escolhi fazer. À minha mãe, pela paciência, dedicação e por inúmeras vezes colocar a minha cabeça no lugar; a meu pai, pela torcida calada e por sempre considerar importante investir na educação.

À minha família, pelo apoio, preocupação e amor:

À minha irmã, por suportar uma repetição incansável da palavra ‘mestrado’ durante esses dois anos, pela ajuda e também pelas gargalhadas.

Aos meus avós, modelos de amor, carinho, dedicação. Alicerces dessa história.

Aos meus tios e tias, por formarem a torcida organizada mais empolgada que já se viu e por sempre acharem que eu poderia conquistar os meus objetivos. Em especial, à tia Marli, minha marqueteira particular tão querida e que me ajudou a alçar voos maiores. À tia Sônia (tia-mãe), pelo amor explícito. À tia Sueli, pelas orações, ajuda e carinho. Ao tio Paulinho, pelo incentivo de sempre.

Ao João Paulo, pela companhia, atenção e amor e também por aceitar as minhas ausências impostas neste período. Mais que isso, por ter me motivado nas horas em que pensei não dar conta e por ter aguentado minhas frequentes variações de humor.

Aos amigos (Paula, Thaís, Robledo, Márcia Stela e Mari), pela torcida e carinho.

Ao meu cunhado-irmão, Igor, meu fã e incentivador.

Ao Igor, companheiro de pesquisa, pelas horas incansáveis de estudo e pela disponibilidade em me ajudar e esclarecer dúvidas.

Aos funcionários, alunos e professores do curso de Letras da FAFILE/UEMG, em especial à Taynná, pela admiração, carinho e por me fazer acreditar ainda mais na importância deste trabalho.

À Professora Neusa, por saber, mais que ninguém, o significado real de ‘trabalho em grupo’ e por dominar a arte de ensinar e estimular a vontade do saber no outro. Agradeço pela dedicação a este trabalho e por esta tão produtiva orientação, mesmo que intercalada por momentos propositais de “desorientação” – o que sempre me fez crescer.

Ao nosso Grupo de Pesquisa (GP ‘Gramática e Cognição) coordenado pela Prof.^a Neusa, pelos momentos de explosão de ideias, trabalho sério, discussões enriquecedoras e produtivas.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, pelo ensino de qualidade. Em especial aos professores Margarida Salomão, Luiz Fernando e Sônia Bittencourt, que sempre estiveram disponíveis a compartilhar, mesmo fora dos limites da sala de aula, seus conhecimentos.

À Rosângela, pela educação, carinho e paciência de sempre.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Este estudo tem como objeto as aqui nomeadas **Construções Superlativas Causais Nominais** (CSCNs) do tipo “*O inverno aqui é sofrível, mas bonito de chorar.*” e, para desenvolvê-lo, lançou-se mão, principalmente, dos constructos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER; TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999, 2009a; MIRANDA, 1999, 2000, 2002; CROFT; CRUSE, 2004; BARCELONA, 2003; SILVA, 1997, 2003) e dos Modelos de Uso da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 2002, 2009b; MIRANDA, 2000, 2003, 2007, 2008a, 2008b; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003; TRAUGOTT, 1995; 2009). Tendo a Linguística de *Corpus* como aporte metodológico (SARDINHA, 2004), constituiu-se um *corpus* específico com 1.390 ocorrências e 37 tipos licenciados da CSCN. A análise dos dados, buscando desvelar a riqueza multidimensional da construção, apontou, inicialmente, para três padrões formais: (1) [X_N (W)_{ADJ de Y_V}] (... *Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher (N) feia (ADJ) de doer (V).); (2) [X_{SN} cópula (W) ADJ de Y_V] (*Esse senador* (SN) é (cópula) chato (ADJ) de doer (V), *mas é oportunista, sonso...*) e (3) construções cristalizadas, como *de fechar o comércio, de estourar a boca do balão, de abalar as estruturas*. Quanto ao aspecto semântico da CSCN, foi evidenciado seu valor simbólico de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físico, orgânico ou emocional, que se manifestam de forma negativa sobre o Afetado e são metaforicamente expressos por verbos que se agrupam em *frames* de Causa (**Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional**). O *frame* mais abstrato de **Ação Transitiva** descrito pela FrameNet nos pareceu o gatilho da cena da CSCN e o processo de mudança semântica em foco na construção, metaforicamente promovido, suscita, por sua vez, uma reanálise da cena dentro do *frame* **Posição em uma Escala**. A CSCN evoca, ainda, um *frame* semântico de **Avaliação**. Além desses achados, promoveu-se a descrição da dimensão conceptual da CSCN, desvelando-se os esquemas imagéticos (Escala, Força), metáforas primárias (CAUSA É FORÇA FÍSICA e INTENSIDADE É ESCALA) e metáfora complexa (“Viver é Guerrear”) motivadores do processo de significação da construção estudada. As CSCNs configuram-se, ainda, como estratégias de modalização e avaliação pragmática da escala semântica de impacto. Sua distribuição discursiva (indústria de entretenimento e contextos mais informais de comunicação), especificidade semântica para demarcar superlativização e a comprovada produtividade e grau de convencionalização atestam a não-sinonímia semântica e pragmática da construção. Nossas análises consolidam, portanto, a hipótese inicial de que as CSCNs se constituem como um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Superlativas do Português. Atestam ainda, de modo reiterado, a relevância dos Modelos de Uso como aporte analítico e o papel das projeções figurativas na constituição e expansão da rede de construções de uma língua.*

ABSTRACT

The present work has as its objective the study of the **Causal Nominal Superlative Construction** (CNSC) such as “*O inverno aqui é sofrível, mas bonito de chorar.*” and in order to develop it, we based ourselves on the study of theoretical constructs of Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER; TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999, 2008a; MIRANDA, 1999, 2000, 2002; CROFT; CRUSE, 2004, BARCELONA, 2003; SILVA, 1997, 2003) and on the usage-based models of the Construction Grammar (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 2002, 2005, 2008b; MIRANDA, 2000, 2003, 2006, 2007, 2008a, 2008b; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003; TRAUGOTT, 1995, 2009). Having the *Corpus* Linguistics as methodology (SARDINHA, 2004), a specific corpus has been built containing 1.390 examples and 37 types of CNSC. The analysis of the data which aims to show the multidimensional richness of this construction, led us, firstly, to three formal patterns: (1) [XN (W)ADJ de Yv] (... *Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher* (N) *feia* (ADJ) *de doer* (V).); (2) [XSN cópula (W)ADJ de Yv] (*Esse senador* (SN) *é* (copula) *chato* (ADJ) *de doer* (V), *mas é oportunista, sonso...*) and (3) crystallized constructions, such as *de fechar o comércio, de estourar a boca do balão, de abalar as estruturas*. On the semantic aspect of the CNSC, it has been evidenced its symbolic value in order to highlight the superlative degree of an Attribute through physical, organic or emotional impacts, which reveal the negative form about the Affected and are metaphorically expressed by verbs that group in frames of Cause (Causing a Physical Impact, Causing an Organic Impact and Causing an Emotional Impact). The most abstract frame of **Transitive Action** described by FrameNet seemed to be the trigger of the scene of the CNSC and the process of semantic change focused on the construction which is metaphorically promoted, evokes a reanalysis of the scene inside the **Position in a Scale** frame. The CNSC still evokes a semantic frame of **Evaluation**. Beyond these findings, it has been promoted a description of the conceptual dimension of the CNSC, revealing the image schemas (Scale, Force), primary metaphors (CAUSES ARE PHYSICAL FORCES and INTENSITY IS SCALE) and the complex metaphor (“Life is War”) which motivate the process of meaning of the studied construction. The CNSCs configure strategies of modalization and pragmatic evaluation of the semantic scale of impact. Its discursive distribution (industry of entertainment and more informal contexts of communication), semantic specificity demarcate superlativization and the proven productivity and degree of conventionalization certify the pragmatic and semantic non-synonymy of the construction. Our analyses consolidate, therefore, the initial hypothesis that the CNSCs constitute a specific construction standard inside the Superlative Constructions in the Portuguese language. They certify, in a reiterated way, the relevance of the usage-based models as an analytical way and the role of the figurative projections in the constitution and expansion of the constructions in a language.

“Sim, eu sei [...]. A distância que separa os sentimentos das palavras. Já pensei nisso. E o mais curioso é que no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é, seguramente, o que eu sinto, mas o que eu digo.”

(Clarice Lispector em *Perto do Coração Selvagem*)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Esquema de Dinâmica das Forças – Antagonista mais forte	29
FIGURA 2- Esquema de Dinâmica das Forças – Agonista mais forte	30
FIGURA 3- Modelo de organização do conhecimento gramatical das teorias sintáticas	41
FIGURA 4- Estrutura simbólica da construção	43
FIGURA 5- A fusão abstrata dos esquemas verbo-construção	46
FIGURA 6- Gráfico ilustrativo do século em que emerge o tipo/type de <i>arrepiar</i>	75
FIGURA 7- Esquema da Dinâmica das Forças da CSCN – Agonista mais forte	85
FIGURA 8- Formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português	88
FIGURA 9- Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal	93
FIGURA 10- A construção “um olhar lindo de matar”	104
FIGURA 11- A construção “deve ser coisa de vomitar”	105
FIGURA 12- Mapeamento da metáfora complexa “Viver é Guerrear”	138

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Listagem dos tipos/ <i>types</i> licenciados pela CSCN	71
TABELA 2 – A organização do <i>Corpus</i> do Português	74
TABELA 3 – Uso diacrônico da CSCN	76
TABELA 4 – Tipos e número de ocorrências da CSCN encontrados no <i>Corpus</i> do Português	76
TABELA 5 – A organização do <i>Corpus</i> VISL/Português	77
TABELA 6 – Tipos e número de ocorrências da CSCN encontrados no <i>Corpus</i> VISL/Português	78
TABELA 7 – Tipos e número de ocorrências da CSCN encontrados no <i>site</i> da Editora Abril	79
TABELA 8 – Classes sintático-semânticas, papéis temáticos e frequência de <i>types</i> e <i>tokens</i> dos verbos	99
TABELA 9 – Os <i>frames</i> ativados pelas ULs verbais	109
TABELA 10 – Os dois padrões formais da CSCN	114
TABELA 11 – Os quatro subtipos de padrões formais da CSCN	114
TABELA 12 - Os adjetivos lexicalizados na CSCN	116
TABELA 13 – Os gêneros no <i>Corpus</i> do Português	125
TABELA 14 – O ambiente discursivo da CSCN nas ocorrências da Editora Abril	127
TABELA 15 - A frequência de ocorrência dos <i>types</i> licenciados pela CSCN	132
TABELA 16 - A frequência de ocorrência das construções idiomáticas	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM.....	18
2.1 SIGNIFICADO: DE COADJUVANTE À PROTAGONISTA NA CENA DA LINGUÍSTICA	19
2.2 EU, O OUTRO E O MUNDO: CONDIÇÕES PARA A EMERGÊNCIA SIMBÓLICA	21
2.3 PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS DE CONCEPTUALIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO	23
2.3.1 O experiencialismo sociocognitivista	23
2.3.1.1 Esquemas Imagéticos.....	25
2.3.1.2 Domínios conceituais complexos – os <i>frames</i>	31
2.3.2 Processos de Integração Conceptual: a projeção e a mesclagem	34
2.3.3 Teorias da metáfora e da metonímia	35
2.3.3.1 A Teoria Conceptual da Metáfora	35
2.3.3.2 A Metonímia	38
2.4 O PARADIGMA CONSTRUCIONISTA	40
2.4.1 A restauração do conceito de construção	41
2.4.2 A anatomia da construção	42
2.4.3 A Gramática das Construções Cognitiva	44
2.4.3.1 A Gramática das Construções como Modelo Baseado no Uso	48
2.5 GRAMATICALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES	50
3 O FENÔMENO DA INTENSIFICAÇÃO	54
3.1 A ABORDAGEM GRAMATICAL DAS SUPERLATIVAS NOMINAIS ...	54
3.2 A INTENSIFICAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DA ENUNCIÇÃO ...	57
3.3 UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA	58
3.4 A ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA	60
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
4 METODOLOGIA	65
4.1 LINGUISTICA DE <i>CORPUS</i> : UM BREVE HISTÓRICO	65
4.1.1 A Linguística de <i>Corpus</i> como metodologia de pesquisa	66
4.1.2 A caracterização de um <i>corpus</i>	68
4.2 LINGUISTICA COGNITIVA E LINGUISTICA DE <i>CORPUS</i> : UM DIÁLOGO EMERGENTE	69
4.3 A MONTAGEM DO <i>CORPUS</i> ESPECÍFICO E SUA DESCRIÇÃO	71
5 A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA CAUSAL NOMINAL	82
5.1 A MOTIVAÇÃO CONCEPTUAL DA CSCN	83
5.2 A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA NOMINAL GENÉRICA DO PORTUGUÊS	88
5.3 A CORRELAÇÃO ENTRE O POLO DA FORMA E O POLO DA SIGNIFICAÇÃO DA CSCN	89
5.3.1 Os aspectos semânticos da construção	94
5.3.2 Investigando os tipos/types verbais da construção	96

5.3.2.1A valência dos verbos no domínio-fonte	97
5.3.2.2 A valência dos verbos no domínio-alvo	102
5.3.3 Os múltiplos <i>frames</i> que configuram a CSCN	107
5.3.4 A reanálise promovida pela CSCN – os <i>frames</i> Posição em uma Escala e de Avaliação	110
5.3.5 Variação da expressão formal da CSCN	112
5.3.6 Investigando o Núcleo Graduável (NG) da construção	115
5.3.6.1 A seleção de X e W	115
5.3.7 A dimensão pragmática da Construção Superlativa Causal Nominal ...	117
5.3.7.1 Avaliação pragmática da escala semântica de impacto físico, orgânico e emocional	118
5.3.7.2 A avaliação positiva ou negativa – uma inferência pragmática	119
5.3.7.3 A CSCN como uma estratégia de modalização	122
5.4 A NÃO-SINONÍMIA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA CAUSAL NOMINAL E SEU PROCESSO DE CONVENCIONALIZAÇÃO	123
5.4.1 O ambiente discursivo da CSCN	123
5.4.2 Produtividade e convencionalização da CSCN	130
5.5 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DA CSCN	135
5.6 A EMERGÊNCIA DA METÁFORA COMPLEXA “VIVER É GUERREAR”	137
5.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
6- CONCLUSÃO	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXOS 1, 2 e 3: CD <i>room</i> que acompanha a dissertação.	

1- INTRODUÇÃO

Dizem que o comedimento é uma virtude que deve ser sempre almejada pelo homem e que os comedidos se definem pelo equilíbrio de suas ações e linguagem. Nesse sentido, a metáfora lakoffiniana¹ (LAKOFF, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999) se inverte – “Menos é bom, mais é ruim”. Este pode ser até um bom conselho, mas, como tudo que diz respeito às vivências humanas, a questão é relativizá-lo à cena. De fato, nas cenas em que procuramos garantir nossa força subjetiva, nossa expressividade argumentativa e avaliativa ante o outro, a metáfora se recupera - “Mais é bom, menos é ruim”. Assim, quando “argumentar é guerrear” (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999), vale tudo! No embate, nossa capacidade de perspectivização (TOMASELLO, 1999 [2003]) nos habilita à manipulação das escolhas simbólicas de modo a garantir o foco atencional do outro. Vencê-lo pela ênfase, pela força e mesmo pelo exagero do argumento é, pois, uma importante estratégia bélica

É nessa moldura comunicativa que as escalas semânticas de intensidade representam uma arma poderosa, garantindo o uso corriqueiro e a reinvenção de uma grande rede de símbolos linguísticos superlativos. Nos mais diversos ambientes discursivos - da política à moda, dos negócios à culinária, dos esportes à beleza - exprimir-se de modo superlativo parece ser uma produtiva estratégia dos falantes de Português.

É, pois, dessa rede de símbolos superlativos da Língua Portuguesa que recortamos nosso objeto de estudo - as nomeadas por nós “**Construções Superlativas Causais Nominais**” (CSCNs). Trata-se de uma rede de construções em que o grau superlativo de um Atributo é, metaforicamente, demarcado através de impactos físico, orgânico ou emocional sobre um Afetado, e expresso por verbos que se agrupam em *frames* de Causa. Os exemplos abaixo ilustram a CSCN:

1. “É sério. A situação do controle do tráfego aéreo brasileiro descrita pelos dois é **de apavorar...**”,

¹ A metáfora lakoffiniana a que nos referimos é BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO em que temos a base física para o bem estar pessoal (felicidade, saúde, vida e controle) - aspectos que especialmente caracterizam o que é bom para uma pessoa - como PARA CIMA (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]; 1999).

2. “Quem foi que votou nesse cara, hein?! Deve estar arrependido ou é tão sem noção quanto ele. Esse senador é chato **de doer**, mas é oportunista, sonso...”
3. “Tribos brasileiras ainda praticam o infanticídio. O livro traz histórias **de arrepiar**. Impressionante...”
4. “Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher feia **de doer**.”

Tal estudo se integra ao macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil – um estudo sobre a semântica de escalas” (CNPq - 477670/2008-3) cujo foco é o desvelamento de padrões formais e semântico-pragmáticos de uma rede de construções metafóricas que evocam um *frame* de Escala em seu grau superlativo, com valor mínimo ou máximo (MIRANDA, 2008a). As CSCNs são, pois, mais um nódulo dessa rede de Construções Superlativas.

Nossa tarefa investigativa consiste em **desvelar o sistema conceptual** que subjaz ao uso metafórico e metonímico dessa rede e **descrever o padrão formal e semântico-pragmático** que a institui.

Para desenvolver essa pesquisa, elegemos como escopo teórico central a Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987, LAKOFF; JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER; TURNER, 2002; FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003; SALOMÃO, 1999, 2009a; MIRANDA, 1999, 2000, 2002; CROFT; CRUSE, 2004; BARCELONA, 2003; SILVA, 1997, 2003), dada a riqueza de seus constructos no trato da significação e, mais especificamente, nos processos sociocognitivos de integração conceptual. Nesse enquadre paradigmático, recortamos, fundamentalmente, as teorias sociocognitivas sobre os processos de conceptualização e categorização (Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999; TALMY, 2000) e Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003)) e integração conceptual (metáfora e metonímia (LAKOFF, 1987, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 1980[200], 1999; BARCELONA, 2003, SILVA, 2003)). Outro aporte teórico de grande relevância em nosso estudo são os Modelos de Uso da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 2002, 2009b; MIRANDA, 2000, 2003, 2007, 2008a, 2008b; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; TRAUGOTT, 1995, 2009; BYBEE, 2003). Trata-se de uma vertente construcionista que confere à gramática e ao léxico o estatuto de uma rede de signos ou construções erguida na cultura através do uso. Nessa direção, a Antropologia Evolucionista (TOMASELLO, 1999 [2003])

empresta evidências externas, quer na ontogênese ou na filogênese, que corroboram com as teses sociocognitivas e construcionistas da linguagem subscritas por este estudo linguístico.

No âmbito do paradigma cognitivista e construcionista acima referenciado, nossa proposta é, pois, desvelar as multidimensões das Construções Superlativas Causais Nominais a partir de sua definição como **um padrão de uso definido em termos probabilísticos** (CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003). Para tanto, elegemos como parâmetro metodológico a Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). Constituímos, assim, um *corpus* específico com ocorrências do Português do Brasil e do Português de Portugal colhidas de dois *corpora* tratados, o *Corpus* do Português e o *Corpus* VISL, e do *site* de busca da Editora Abril, totalizando 1.390 ocorrências/*tokens* e 37 tipos/*types* da CSCN.

Recortados o objeto, a tarefa analítica e o aporte teórico-metodológico, passamos a apresentar a organização da presente dissertação:

O segundo capítulo se propõe a justificar nossa opção por uma abordagem sociocognitivista e construcionista. Com esse objetivo, discorre resumidamente a respeito da evolução no trato do significado dentro da linguística. Apresenta, posteriormente, os pressupostos nucleares da Linguística Cognitiva: os processos sociocognitivos de categorização e conceptualização (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999; FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003); os processos de integração conceptual (LAKOFF, 1987, 1993; FAUCONNIER; TURNER, 2002; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999; BARCELONA, 2003; SILVA, 2003) e os Modelos de Uso da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 2002-2009; MIRANDA, 2000-2008; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003; TRAUOGOTT, 1995, 2009). Também é abordada a teoria de Tomasello (1999 [2003]) que contribui para o estudo empreendido. Anunciam-se, ao longo do capítulo, os olhares e os pontos teóricos, alicerces do desenvolvimento analítico e de sua compreensão.

O terceiro capítulo versa sobre os aspectos formais e semântico-pragmáticos que envolvem o fenômeno da intensificação já atestados em diferentes tradições analíticas (a Gramática Tradicional, a Teoria da Enunciação, o Funcionalismo e o Sociocognitívismo) com o intuito de fornecer maiores detalhes acerca da natureza deste fenômeno.

O capítulo quatro apresenta a escolha metodológica de nosso estudo, que recai sobre os principais parâmetros da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). Sinaliza também o diálogo existente entre a Linguística Cognitiva, em sua vertente construcionista e a Linguística de *Corpus*. Posteriormente, procede-se a uma detalhada descrição dos procedimentos e etapas que precedem a análise das Construções Superlativas Causais Nominais e sob os quais ela se ergue.

O capítulo cinco, coração do trabalho, apresenta a análise das multidimensões da CSCN, a saber, conceptual, semântico-pragmática, sintática, de modo a comprovar a hipótese de serem tais símbolos um nóculo construcional da rede de Construções Superlativas do Português. Para fundamentar essa proposta, identificamos as características das CSCNs que as distinguem das demais construções linguísticas que expressam superlativização.

Por fim, na conclusão, apresentamos os principais ganhos teóricos e analíticos possibilitados pela imersão sociocognitiva e construcionista exigida por este estudo. Vale antecipar, em termos desses ganhos, que o estudo de caso desenvolvido neste estudo - um nóculo da rede de Construções Superlativas, as CSCNs – constitui-se, a nosso ver, como um forte argumento em favor das teses que afirmam o estatuto de insuficiência do significante linguístico e a complexidade do sistema pré-conceptual e conceptual que subjaz à linguagem. Nesse sentido, os processos de integração conceptual – metáforas e metonímias – merecem relevo na constituição da rede de construções lexicais e gramaticais de uma língua. De igual modo, nosso trabalho busca contribuir, como veremos, com uma das teses mais cara ao paradigma eleito, qual seja, **gramática e léxico emergem na cultura através do uso.**

2- A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM

A perspectiva linguística que adotamos, enfeixada pelo rótulo de Linguística Cognitiva, propõe uma análise da linguagem em consonância com as experiências humanas. Nesse sentido, sua principal meta teórico-analítica consiste em um novo olhar sobre os processos de significação, diferindo-os pelo caráter relativo de sua composição. Refuta-se, assim, a Hipótese Forte da Composicionalidade, nos moldes fregeanos², que concebe a interpretação dos signos em termos de previsibilidade e transparência. Em contrapartida, afirma-se uma Hipótese Fraca da Composicionalidade que empresta à integração dos sentidos um olhar multidimensional, considerando-a, essencialmente, como uma ação partilhada nas cenas interacionais de uma cultura.

Tendo tal escolha em vista, este capítulo apresenta uma revisão dos principais constructos que guiam o nosso olhar no trato das Construções Superlativas Causais Nominais, abordando as principais teses do paradigma sociocognitivo (SALOMÃO, 1999, 2009a; MIRANDA, 1999, 2000, 2002) e os fundamentos acerca dos processos de conceptualização e categorização impostos por este modelo (esquemas imagéticos, *frames*, metáforas e metonímias) (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999; CROFT; CRUSE, 2004; FAUCONNIER; TURNER, 2002; BARCELONA, 2003; SILVA, 1997, 2003). A semântica de *frames* (FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003) e a Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 2002, 2009b; MIRANDA, 2000, 2003, 2007, 2008a, 2008b; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003; TRAUOGOTT, 1995, 2009) são apresentados como constructos fundamentais às nossas análises. A Antropologia Evolucionista (TOMASELLO, 1999 [2003]) servirá, por fim, de endosso ao viés interacional e cultural da cognição e da linguagem imposto pelo paradigma sociocognitivo e construcionista.

² A Hipótese forte da Composicionalidade, em termos fregeanos, significa assumir que o todo é resultado da simples soma de suas partes.

2.1- SIGNIFICADO: DE COADJUVANTE À PROTAGONISTA NA CENA DA LINGUÍSTICA

Por muitos séculos, desde a Antiguidade Clássica, as reflexões tanto intuitivas quanto científicas sobre o significado são dominadas pela ideia de que o sentido pré-existe às experiências dos sujeitos e a língua possui, essencialmente, a função de descrever as coisas já existentes no mundo.

A história da Linguística não é diferente. Tomando o século XX como o marco inicial dessa ciência, tem-se a prevalência de uma visão entitativa do significado, o que determina um trato formalista do mesmo e, acima de tudo, sua subfocalização frente aos componentes fonológicos e morfossintáticos. Os paradigmas estruturalista e gerativista representam, de modo cabal, tal perspectiva sobre os significados linguísticos.

E foi justamente a questão do sentido a força propulsora que levou a uma dissidência teórica dentro da tradição gerativista e desencadeou o que hoje chamamos de Linguística Cognitiva³. Neste momento em que a questão do **sentido** e da **insuficiência do significante** ganha relevo, surge, timidamente, na cena dos estudos linguísticos, a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, inovadora por sua ênfase em todas as fontes de conhecimento disponíveis (gramática, esquemas conceptuais e molduras comunicativas).

O Programa Sociocognitivo, posto pela Linguística Cognitiva, realiza uma ruptura com a Linguística Gerativa nos termos postulados por Chomsky. Salomão (2009a, p. 22-28) considera a questão da **significação** e a questão da **idiomaticidade** como os dois grandes cortes com a Gramática Gerativa de Chomsky, e ainda pontua três grandes asserções nas quais o programa Sociocognitivo se ancora: (i) a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo, é contínua aos demais sistemas cognitivos; (ii) a gramática é uma rede de construções (continuidade entre sintaxe e léxico) calcada no uso linguístico e (iii) todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos.

A Linguística Cognitiva passa a entender o signo linguístico na indissociabilidade entre significante e significado, sendo a forma linguística escassa –

³ Esta perspectiva teórica, condutora do nosso trabalho, origina-se da linguística praticada na Califórnia a partir dos últimos anos da década de setenta, inicialmente em Berkeley e mais tarde também em San Diego. Daí irradiou-se mundialmente a ponto de hoje constituir importante movimento internacional. (SALOMÃO, 2009a, p. 20)

ela é apenas uma pista que ajudará o falante, inserido em um determinado contexto, a trilhar os caminhos que o levarão ao sentido.

Nessa perspectiva, portanto, a linguagem passa a ser encarada a partir de um trabalho integrado com outras capacidades cognitivas, e as realizações linguísticas passam a ser estudadas como manifestações de capacidades gerais de cognição, que compreendem princípios de categorização, organização, integração conceptual e experiências socioculturais. Assim, para os cognitivistas, um dos princípios fundamentais da cognição e, portanto, dos processos de significação em linguagem é a *gestalt*⁴.

A indistinção entre léxico e sintaxe, por sua vez, é uma das premissas fundadoras da gramática das construções. Nestes termos, a gramática é concebida como uma grande rede construcional, de tal modo que as unidades construcionais divergem apenas no caráter de sua especificação formal. A segunda premissa refere-se à concepção de signo linguístico como “vetor bipolar indissociável”, pareando forma e condições de construção do sentido, que são sempre semântico-pragmáticos (SALOMÃO, 2009a).

Por fim, a reivindicação do estudo dos processos imaginativos (da metáfora, da metonímia, da contrafactualidade, da mesclagem) como característica distintiva de cognição e de linguagem humana é, para Salomão (2009a, p. 32), “o ponto que dá ao programa sociocognitivo sua face própria e nos permite relacionar os mais diversos tipos de bases de conhecimento”.

Assim dimensionada, a Linguística Cognitiva concebe a mente como um fenômeno essencialmente **corporificado** e a nossa cognição como o resultado de nossas capacidades sensório-motoras. Portanto, é da nossa constante interação com o mundo que os conceitos emergem e se desenvolvem, havendo uma conexão inseparável entre mente e corpo – o experiencialismo ou realismo corporificado (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980[2002], 1999).

Os processos cognitivos não podem, então, deixar de incluir o fato óbvio de que a atividade linguística, assim como as atividades cognitivas em geral, acontecem em contextos reais de uso. Assim, determinada língua só pode ser apropriadamente compreendida quando vista em funcionamento e na interação. Diante disso, a interação,

⁴ Para os cognitivistas contemporâneos, o pensamento apresenta propriedades *gestálticas* e, dessa forma, o todo se configura cognitivamente como sendo mais simples do que as partes; o pensamento é muito mais do que uma simples combinação de símbolos (CARVALHO-MIRANDA, 2008, p. 23).

a negociação de sentido, a sensibilidade e flexibilidade em relação ao contexto que os processos cognitivos demandam devem ter seu espaço preservado e garantido nas análises linguísticas (KOCH; CUNHA-LIMA, 2007).

É, pois, dentro deste enquadre antimodularista e do entendimento da cognição como situada e distribuída que o Programa Sociocognitivo reclama uma revisão na agenda investigativa a respeito dos fenômenos linguísticos, principalmente no trato dos significados linguísticos. A escolha deste paradigma como ‘guia’ do nosso trabalho é justificada, portanto, pelo foco dado à semântica - o significado é tratado de modo holístico, é o ‘Santo Graal’ da linguagem – e pela perspectiva construcionista imposta às unidades linguísticas.

2.2- EU, O OUTRO E O MUNDO: AS CONDIÇÕES PARA A EMERGÊNCIA SIMBÓLICA

Diante da perspectiva sociocognitiva e construcionista adotada neste trabalho, qual seja, a visão da linguagem como um modo da cognição humana e como forma de ação e atenção conjunta, faz-se necessário uma evidência externa que possa corroborar este viés teórico-analítico. Para isso, o estudo do antropólogo evolucionista Michael Tomasello (1999 [2003]) será retomado e descrito brevemente uma vez que suas pesquisas reforçam o recorte teórico que adotamos.

Para o antropólogo, o incrível conjunto de habilidades cognitivas e de produtos manifestado pelos homens modernos é resultado de algum tipo de modo ou modos de transmissão cultural únicos da espécie (TOMASELLO, 1999 [2003]). Este modo de transmissão cultural seria a **evolução cultural cumulativa** ou “efeito catraca”, i.e, a invenção criativa por parte do homem no que se refere às ferramentas e práticas sociais se acumula e depende de uma transmissão social confiável que não permita um retrocesso.

A capacidade de cada organismo compreender os coespecíficos como seres iguais a si mesmo, com vida intencional e mental é, para Tomasello, o que distingue os humanos dos primatas. E é essa diferença biológica que possibilitou o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas tão específicas pelo homem, como a linguagem - um modo de cognição condicionada para fins de comunicação interpessoal.

De acordo com o autor, essa capacidade de ver o “eu” como um dos participantes, entre outros, de uma **interação** é “a base sociocognitiva da aptidão da criança de compreender os eventos socialmente compartilhados que constituem o formato básico da atenção conjunta para a aquisição da linguagem e de outros tipos de convenções comunicativas” (TOMASELLO, 1999 [2003], p.128).

Como atividade cognitiva, a linguagem aparece por volta dos nove meses de idade, período crucial para a emergência da ontogenia humana e para a ocorrência da “revolução simbólica”. Esta afirmação sustenta-se na capacidade que os seres humanos possuem de relacionar comunicação e representação cognitiva, i.e., tanto crianças quanto primatas (i) percebem atividades externas; (ii) percebem sons vocais discretos; (iii) associam sons com experiências visuais; mas somente crianças humanas conseguem relacionar-se de maneira triádica.

Diante disso, Tomasello (1999 [2003]) aponta dois pontos fundamentais que conferem importância às representações simbólicas das crianças: (i) a **intersubjetividade**, no sentido de que um símbolo é socialmente compartilhado com outras pessoas; e (ii) a **perspectivização**, no sentido de que cada símbolo apreende uma maneira particular de ver algum fenômeno. As crianças humanas estariam, então, biologicamente preparadas para adquirir uma língua natural. Contudo, cada criança só aprenderia as **construções linguísticas particulares de sua língua**.

Com seus estudos e pesquisas, Tomasello (1999 [2003]) nos dá fortes indícios de que os seres humanos não nascem com um padrão específico de comportamento linguístico. A espécie, na verdade, é biologicamente preparada para esta tarefa, mas só a desenvolve a partir da interação em **frames de atenção conjunta** e **categorização** do mundo ao seu redor. Isto significa que o que temos, na verdade, é um padrão de comportamento humano, já os padrões construcionais convencionais e os padrões abstratos são construídos historicamente e culturalmente. A emergência da gramática é, então, um acontecimento histórico-cultural – o que rompe radicalmente com o gerativismo. A gramática é construída pelo homem na sua ontogênese, e os padrões adquiridos são, majoritariamente, os que são reiterados, ou seja, as crianças aprendem construções que são relevantes em seu *frame* de atenção conjunta.

Fica, então, explícita, a importância da linguagem para configurar o que somos: seres eminentemente culturais, capazes de produzir e legar cultura, tendo em vista a forte interação que mantemos com o meio ambiente, na medida em que o transformamos, e com o outro, ao reconhecê-lo como contraparte fundamental nesta

missão de continuação e conservação da própria espécie no espaço e na História (CARMO, 2005).

Diante da crença de que os homens aprendem basicamente por imitação e instrução ativa, o fato de as construções serem também aprendidas pelo que ouvimos no ambiente em que estamos inseridos é um ponto fundamental sob o qual se ergue a Gramática das Construções - modelo a ser apresentado na seção 2.4. Antes trataremos dos fundamentos da Linguística Cognitiva acerca dos processos de conceptualização e categorização sob os quais se ergue nossa análise de visão construcionista.

2.3- PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS DE CONCEPTUALIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Dentro da dimensão teórica anunciada nas seções anteriores, a Linguística Cognitiva delinea os processos de conceptualização e categorização a partir das seguintes premissas nucleares que serão tratadas nas próximas seções: (i) centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceituais; (ii) existência de estruturas pré-conceituais da experiência (esquemas imagéticos e categorias de nível básico); (iii) existência de domínios complexos de conhecimento (*frames*) e de redes de integração entre domínios; (iv) centralidade das projeções metafóricas e metonímicas (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999).

É sobre tais questões que passamos a nos debruçar nesta seção, colocando em foco os fundamentos e categorias que servirão às nossas análises.

2.3.1- O experiencialismo sociocognitivista

As premissas postas acima evocam, de pronto, o experiencialismo sociocognitivista exaustivamente defendido por Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1999) como um dos fundamentos centrais da Linguística Cognitiva. Para estes autores, o experiencialismo define-se a partir das seguintes teses: (i) a mente é inerentemente corporificada; (ii) o pensamento é majoritariamente inconsciente e (iii) conceitos abstratos são largamente metafóricos.

Tais teses são incompatíveis com a perspectiva da Tradição Filosófica Ocidental, segundo a qual a razão nos levaria à percepção do mundo e a referência e as condições de verdade nos levariam ao significado. Assim, haveria uma ligação direta entre a linguagem e o mundo externo. A Linguística Cognitiva aponta outra direção.

A partir desse enquadre teórico, uma das questões centrais levantadas por Lakoff e Johnson (1980 [2002]) pode ser assim estabelecida: De onde vem a complexidade associada com nossa representação conceitual? A resposta dada é que essa complexidade existe, em boa medida, devido a uma estreita correlação entre os tipos de conceitos que os seres humanos são capazes de formar e a natureza física dos corpos que eles têm.

Nossa estrutura conceptual deriva, portanto, da nossa **corporificação** e a estrutura semântica reflete a **estrutura conceptual**. Podemos examinar como os conceitos são codificados e exteriorizados via linguagem, observando como o sistema linguístico fornece sentido baseado em conceitos derivados da corporificação. Os Esquemas Imagéticos e as Categorias de Nível Básico seriam estruturas advindas da experiência e anteriores aos conceitos (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Tal perspectiva implica afirmar que as coisas no mundo não têm uma essência em si, essa essência emerge das nossas relações com o mundo. Sob esse ângulo, a mente seria um fenômeno essencialmente corporificado em que os aspectos motores e perceptuais bem como as formas de raciocínio abstrato teriam natureza semelhante e se manteriam inter-relacionados. O mundo não é categorizado, nós é que o concebemos assim, ou seja, a emergência e desenvolvimento de conceitos ocorrem nas atividades nas quais os organismos se engajam.

Vários tipos de evidências são levantadas para fortalecer a concepção de que os sistemas perceptuais e motores são fundamentais para o desenvolvimento de vários tipos de conceitos e de toda vida cognitiva em geral (KOCH; CUNHA-LIMA, 2007). Lakoff e Johnson (1999), por exemplo, apontam alguns desses fenômenos: a formação do conceito de cores, a formação dos chamados conceitos de nível básico (ROSCH, 1976 apud LAKOFF, 1987) e o uso de projeções corporais na formação de conceitos, bem como a forma como concebemos as relações espaciais e a estruturação de eventos no tempo.

A partir dessa perspectiva experiencialista emergem as categorias cognitivas acerca do nosso processo de conceptualização. As categorias pré-conceptuais da experiência são, pois, duas: as Categorias de Nível Básico e os Esquemas Imagéticos.

As Categorias de Nível Básico foram propostas por Rosch (1976 apud LAKOFF, 1987) e seriam segmentações naturais do mundo a partir das nossas características corpóreas e sensorio-motoras. Segundo a autora, pertencer a uma categoria não significa preencher determinados requisitos e possuir certas características. O que existe, na verdade, são membros mais centrais em cada categoria e outros mais marginais, e os elementos do centro tendem a ser considerados como os protótipos dessa categoria.

Além das categorias exibirem efeitos de prototipicidade, elas também possuem uma hierarquia interna. A categoria de nível básico corresponde a um nível ótimo de percepção no qual é possível formar uma imagem que represente toda a categoria. Isto é, o nível básico é um nível em que a forma geral ainda permite a identificação da categoria (é possível formar uma imagem mental genérica para cadeira, mas não para móvel, já que este conceito engloba objetos muito diferentes).

Salomão (1999) distingue as categorias em simples – como a de flores e cores – e complexas, que envolvem os domínios conceptuais, quais sejam, os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) ou *frames*.

Os Esquemas Imagéticos, por sua vez, seriam *gestalts* experienciais minimamente estruturadas, que permitiriam a organização de um número indefinidamente grande de percepções, imagens e eventos (LAKOFF, 1987). Assim, teríamos o Esquema do Recipiente, por exemplo, em que o corpo seria o continente e o conteúdo.

Os Esquemas Imagéticos, em virtude de sua importância em nossas análises, ocuparão uma subseção deste estudo (2.3.1.1). Já as categorias complexas serão tratadas mais adiante, na seção 2.3.1.2, em que abordaremos os MCIs ou *frames*.

2.3.1.1- Esquemas Imagéticos

Dizer que os conceitos e a razão são corporificados significa dizer que os sistemas perceptual e motor modelam certos tipos de conceitos, como o conceito das cores, os conceitos de nível básico, as relações espaciais e aspectuais. Como anunciado nesta seção, a categorização não é, em grande parte, produto do nosso pensamento consciente, mas sim uma consequência inescapável da nossa constituição biológica, da

estrutura corporal que temos e da maneira como interagimos no mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Categorizar é, portanto, parte da nossa experiência.

Os Esquemas Imagéticos são estruturas emergentes das experiências humanas no ambiente, mais propriamente dos nossos movimentos repetidos no espaço (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Esses esquemas seriam memórias inconscientes, constituídas através da recorrência e sistematicidade de experiências sensoriais e perceptuais quando interagimos com ou nos movemos no mundo, como, por exemplo, quando engolimos algo, subimos ou descemos de algum lugar, nos deslocamos (JOHNSON, 1987). Estes esquemas podem ser representados por imagens estáticas (RECIPIENTE, ELO, CENTRO-PERIFERIA) ou dinâmicas (CAMINHO, IMPOSIÇÃO DE FORÇA, ESCALA).

Dentre os vários esquemas que ancoram o significado de expressões linguísticas, vamos descrever aqui somente aqueles centrais para a nossa análise: o esquema de ESCALA e o esquema da FORÇA, concebido em termos do MODELO DA DINAMICA DAS FORÇAS (TALMY, 2000).

(i) Esquema de ESCALA

A Construção Superlativa Causal Nominal, tratada neste trabalho, é caracterizada, basicamente, por Unidades Lexicais que se agrupam em uma escala semântica referente ao grau de **impacto físico, orgânico** ou **emocional** causado no Afetado pelo uso metafórico dessas ULs, como *assustar, vomitar, arrepiar, doer*, entre outras. O esquema da Escala ancora o desvelamento do significado semântico-pragmático da CSCN mesmo que este impacto acima referido não possa ser quantitativamente medido.

Nessa direção, os estudos da intensidade, no seio da Linguística Cognitiva, conduzem necessariamente às bases experienciais e corporificadas de nossos processos de conceptualização e categorização. Assim, teríamos o esquema imagético de Escala, básico na nossa experiência, como estofa do conceito de intensidade. Segundo Johnson (1987, p. 122) “o mundo é experienciado parcialmente em termos de aumento, diminuição e igualdade. Pode-se ter mais, menos ou o mesmo número de objetos, quantidade de substância, graus de força, intensidade de sensação. O aspecto de “mais”

ou “menos” da experiência humana é a base do esquema de Escala”. Essa noção escalar parece permear toda a experiência humana.

Nesses termos, os aspectos de “mais” ou “menos” constituem a dinâmica dos domínios escalares de força, quantidade, dimensão, espaço, sensações/estados biofísicos ou psicoafetivos que estruturam as metáforas de intensidade ⁵.

Dessa forma, “esse esquema que emerge na nossa experiência com entidades físicas, concretas, é figurativamente ampliado para recobrir entidades abstratas de todos os tipos – números, propriedades, relações, estruturas geométricas, entidades em modelos econômicos” (JOHNSON, 1987, p. 123).

(ii) Esquema da FORÇA e MODELO DA DINÂMICA DAS FORÇAS

O esquema imagético da Força surge da nossa experiência de agir sobre outra entidade, ou de ser afetado por ela, resultando em uma transferência de energia em movimento. Johnson (1987, p. 43) ilustra a derivação intencional desse esquema imagético da seguinte maneira:

A FORÇA é sempre experimentada através da interação. Tomamos consciência da FORÇA quando ela nos afeta ou quando afeta algum objeto no nosso campo perceptual. Quando você entra em um quarto escuro não familiar e dá uma pancada na quina da mesa, você experimenta o caráter interacional da FORÇA. Não há esquema para FORÇA que não envolva interação ou interação potencial ⁶.

Para Johnson (1987), o sentido é sempre conduzido por estruturas *gestálticas*, como o próprio esquema da Força. Assim, da mesma forma que a causalidade é uma estrutura *gestáltica* (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]), a força também o é. O esquema imagético da Força, então, “é um todo organizado que se forma em razão das experiências humanas repetidas cotidianamente, constituindo um complexo de propriedades que ocorrem em conjunto, sendo que o todo é considerado mais básico e mais facilmente compreensível do que suas partes, se analisadas separadamente” (JOHNSON, 1987, p. 46).

⁵ Esta questão do esquema da Escala funcionar como estofa das metáforas de intensidade já foi tratado por CARRARA, A. C. F.; MIRANDA, N. S. (2009), no artigo: *Linda de doer*: um estudo de caso sobre o caráter metafórico das Construções Superlativas do Português.

⁶ Tradução nossa.

Os esquemas imagéticos podem ocorrer em *clusters* ou redes de esquemas imagéticos relacionados, como no esquema da Força, que consiste de uma série de esquemas relacionados. Os esquemas de Força partilham um número de propriedades propostas por Johnson (1987, p. 42-64) que estão sumarizadas abaixo:

- (i) Esquemas Força são sempre experienciados na interação;
- (ii) Esquemas Força envolvem um vetor força, isto é, uma direcionalidade;
- (iii) Esquemas Força tipicamente envolvem um único caminho por onde ocorre movimento;
- (iv) Esquemas Força têm fontes de força e alvos que são atingidos por ela;
- (v) Esquemas Força envolvem graus de intensidade;
- (vi) Esquemas Força envolvem uma cadeia de causalidade, como consequência de ter uma fonte, um alvo, um vetor força e um caminho para o movimento, por exemplo, quando uma criança chuta uma bola para o gol.

Johnson identificou não menos que sete esquemas Força que partilham as propriedades detalhadas anteriormente. Esses esquemas são os seguintes (JOHNSON, 1987, p. 45-48): IMPOSIÇÃO (ser empurrado por uma grande multidão); BLOQUEIO (quando um carro bate em uma árvore.); CONTRAFORÇA (trombar com alguém em uma rua.); DESVIO (nadar contra uma forte correnteza e ela nos empurrar para longe da margem da praia.); REMOÇÃO DE BARREIRAS (empurrar uma porta que se abre repentinamente); CAPACITAÇÃO (a maioria das pessoas se sente capaz de pegar uma sacola de compras, mas não de levantar um carro.) e ATRAÇÃO (ímãs e aspiradores de pó, por exemplo).

O fato de a força sempre se manifestar em um ambiente interacional e não ser percebida já parte do fato de sempre haver duas forças em constante interação. Existem duas forças sempre presentes interagindo em nós: nossas forças corporais e as forças interagindo com o mundo e as outras pessoas (CARVALHO-MIRANDA, 2008). Essas dinâmicas naturais, que se apresentam no cotidiano, remetem ao modelo de interação de forças propostos por Talmy (2000).

O Modelo da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000), é uma generalização da noção de **causa**, em que determinados processos são conceptualizados a partir do envolvimento de diferentes tipos de forças agindo de diferentes formas nos participantes

do evento. Se dissessemos, *Eu chutei a bola*, estaríamos representando um modelo prototípico da Dinâmica de Forças em que um Antagonista (causador – ‘eu’) exerce uma força sobre um Agonista (a bola) – o qual tem tendência ao repouso, mas movimenta-se através da força exercida pelo Antagonista.

O que caracteriza essencialmente o modelo de interação de forças é a presença de duas entidades exercendo uma força. Na linguagem, os papéis semânticos exercidos por essas entidades serão diferenciados. Assim, tal modelo proposto por Talmy (2000) tem a seguinte configuração: *duas entidades de força – um Agonista, foco da atenção e do exercício da força, e um Antagonista, a entidade de força que se opõe ao Agonista*. Tais entidades apresentam uma *tendência de força intrínseca* tanto para o repouso quanto para o movimento, e nessa interação, *a oscilação das forças* implicará uma entidade de força igual, mais fraca ou mais forte que a outra.

Em uma frase como *O vento derrubou o vaso de flores*, temos um Agonista – *o vaso de flores*, com tendência para ficar em repouso; há, no entanto, outra entidade, o Antagonista – *vento* – o impelindo a movimentar-se e cair. O resultado é o movimento, ação contrária à tendência intrínseca do Agonista, já que o Antagonista é mais forte e desempenha uma força em oposição à do Agonista, mais fraco. Tal padrão pode ser representado pela figura (1) a seguir:

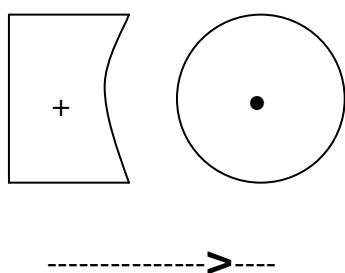


Figura 1: Esquema de Dinâmica das Forças - Antagonista mais forte

O Agonista é representado pelo círculo cujo ponto (•), em seu interior, demonstra o estado em repouso. O Antagonista é representado pela figura côncava (ou convexa, dependendo estar o Agonista, respectivamente, em repouso ou movimento) cujo símbolo (+) indica ser ele a entidade de maior força, e o tracejado com a seta (>) é a representação do resultado da interação entre as duas forças, que, neste caso, é de movimento (TALMY, 2000).

Um ponto importante a ser salientado e que será relevante em nossas análises (cap. 5), é o fato de as entidades de força não serem obrigatoriamente entidades animadas (JOHNSON, 1987) e também o fato de não operarem somente no campo físico, mas também em ambientes psicológicos. Esses fatores se relacionam com a postulação de Talmy (2000) de que a Dinâmica das Forças é uma categoria fundamental e atuante em domínios básicos para transferências metafóricas, que permitem a projeção de aspectos do campo físico para o psicológico.

Tendo em vista estas ressalvas, sentenças do tipo *Carlos não conseguiu convencer Paula a viajar com ele* podem ser explicadas com base na Dinâmica de Forças: *Paula* – Agonista – possui tendência ao repouso, i.e., *não viajar*, estado que permanece inalterado apesar de o Antagonista – *Pedro*, exercer uma força com o intuito de fazer *Paula* movimentar-se, que, no caso, seria *viajar*. Nesta frase, o Agonista é mais forte já que permanece em repouso (símbolo de +) independentemente da força exercida sobre ele – indicada pela figura côncava. O resultado da dinâmica dessas forças é o repouso, representado pela seta tracejada com o ponto negro. Tal interação é representada na figura (2) abaixo:

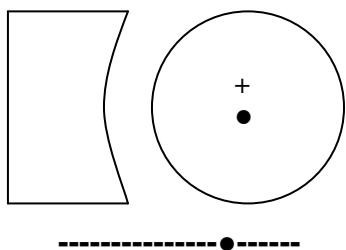


Figura 2: Esquema de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte

O que estes exemplos evidenciam é a noção de **causa** como a aplicação direta de força resultando em um movimento, repouso ou em mudança física. Nesse sentido, é possível entender a Dinâmica das Forças como um sistema cognitivo com origem na força física e que pode ser metaforicamente projetado em muitos outros conceitos causativos.

Em se tratando da Construção Superlativa Causal Nominal em estudo, nossas análises (cap. 5) apontam para o esquema imagético da Escala e da Força e para as metáforas primárias INTENSIDADE É ESCALA e CAUSA É FORÇA FÍSICA (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999) como bases primárias da rede metafórica complexa dessa construção (seção 2.3.3.1)

2.3.1.2 – Domínios conceptuais complexos – os *frames*

Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) é a denominação usada por Lakoff (1987) para referir-se às estruturas mentais complexas que organizam o conhecimento humano. De acordo com essa tese, as estruturas categoriais e os efeitos de prototipia seriam subprodutos dessa organização conceptual radial. Para tornar o conceito mais claro, utilizaremos o exemplo dado por Sampaio (2007) sobre o MCI de casamento.

Na nossa sociedade, temos, no MCI de casamento, elementos estruturais básicos tais como *esposa, marido, filhos, fidelidade*, que nos fornecem uma descrição, mas também uma representação normativa de como deve ser um casamento. É fato que essas representações não dão conta de todas as possíveis realizações de casamento em nossa sociedade, no entanto, ela é a base de nosso conhecimento estruturado sobre essa instituição social.

A partir deste MCI construímos uma categoria para casamento, que terá como membro central aquele casamento prototípico em nossa cultura: *uma união civil e religiosa entre um homem e uma mulher, que fazem votos de fidelidade, união eterna, dividem a mesma casa e constituem uma família*. Em torno desse protótipo, agrupamos outras possibilidades de relacionamento que as pessoas conhecem como casamento, embora mais periféricas, já que possuem características diferentes das do protótipo (*pessoas que não são casadas legalmente, união entre pessoas do mesmo sexo, pessoas casadas, mas que moram em casas separadas, etc.*). É por isso que Lakoff (1987) afirma que os processos de categorização, com seus respectivos protótipos, são subprodutos dessa organização.

Na literatura da Linguística Cognitiva Contemporânea, contudo, o conceito de MCI vem sendo substituído pelo de *frame*, conceito este que advém de outros campos teóricos⁷ e que, na Linguística Cognitiva, recebe um trato especial dado pela Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982). Lakoff (1987) afirma que os MCIs são estruturas conceptuais que organizam o conhecimento humano. Fillmore, por sua vez, define *frames* semânticos como sendo representações esquemáticas de estruturas conceptuais e padrões de crenças, práticas, instituições, etc., que fornecem uma base comum para as

⁷ “A noção de *frame*/enquadre perpassa uma ampla variedade de estudos, que vai desde a Antropologia (Bateson, 1955; Hymes, 1974), na Sociologia (Goffman, 1974) chegando à Linguística através dos trabalhos de Chafe (1977), Fillmore (1975) e Inteligência Artificial (Minsky, 1975)”. (ALBERGARIA, 2008, p. 16)

interações comunicativas numa dada comunidade de fala (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003).

O conceito de *frame* do qual estamos nos apropriando no presente estudo, parte do pressuposto de que o significado das palavras é organizado a partir de cenários conceptuais ou *frames*, o que permite a compreensão de um conceito que esteja vinculado a ele. Tal estrutura conceptual subjaz ao uso e à interpretação dos itens lexicais. O *frame* pode ser definido, então, como um mega instrumento de descrição, análise e organização do léxico, que possibilita caracterizar todas as categorias de palavras, frases e expressões, utilizando o mesmo aparato cognitivo – o *frame* (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003).

Neste trabalho usaremos o termo *frame* para fazer referência à cena abstrata de Ação Transitiva (seção 5.3.3) evocada pela maioria dos itens lexicais que constituem nosso *corpus*. Outros *frames* evocados pela semântica dos verbos licenciados pela CSCN (Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional) serão usados em nossas análises (seção 5.3.3). De fato, a CSCN evoca uma complexa rede de *frames* dentre os quais se incluem ainda o *frame* de Posição em uma Escala e Avaliação, que configuram o sentido básico da construção (seção 5.3.4). Para alguns desses *frames* utilizaremos o projeto lexicográfico computacional FrameNet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>) sobre o qual cabe, assim, um pequeno parêntese explicativo.

Este projeto, desenvolvido na Universidade de Berkeley, na Califórnia, tem como objetivo criar uma fonte de pesquisa para o léxico da Língua Inglesa, ancorada na descrição de ***frames* semânticos** e sustentada por evidências empíricas coletadas em ***corpora* eletrônicos, sintática e semanticamente anotados**. Dentro dessa perspectiva, duas são as unidades básicas de análise: a Unidade Lexical e o *Frame*.

Uma **Unidade Lexical** (UL) se configura pela união de um significado a uma forma linguística. Por exemplo, em *As batatas estão cozidas; As batatas cozinham e Eu já cozinhei as batatas*, temos três Unidades Lexicais: *cozidas*, *cozinham* e *cozinhei* – formas linguísticas que se associam a significados específicos, respectivamente um *frame* de estado, um *frame* incoativo e um *frame* causativo.

O termo Unidade Lexical pode ser usado, então, para referir-se a uma junção entre um lexema particular e um sentido particular. Tipicamente, cada sentido veiculado por uma palavra pertence a uma semântica de *frame*, um *script* semelhante a uma estrutura conceptual que descreve um tipo particular de situação, evento, objetos, etc.

Outro conceito relevante em nosso trabalho é o de **Elementos do Frame**. Estes elementos são vistos como funções semânticas e cada *frame* possui um número de elementos nucleares e periféricos. A classificação destes elementos é feita em termos do quão centrais eles são em um *frame* particular.

O **componente nuclear** é aquele que instancia a conceptualização dos componentes necessários do *frame*, aqueles que marcam sua exclusividade e o diferencia dos demais *frames*. Por exemplo, no *frame* de Vingança, *punição*, *vingador* e *vingado* são elementos nucleares já que num evento de *vingar* estes elementos são necessários. Os **elementos periféricos** são aqueles que introduzem adicionais ao evento principal, marcam noções como tempo, lugar, maneira, modo, classe. Já os **elementos extratemáticos** não possuem um *frame* específico de entendimento. Estes elementos não fazem parte conceptualmente dos *frames* em que aparecem, eles não precisam ser evocados por um léxico material, podendo ser simplesmente evocados construcionalmente.

A título de clarear nossa descrição sobre *frames*, tomamos o exemplo dado por Salomão (2007, p. 2):

O *frame* Transferência (aqui representado com outra fonte gráfica para distinguir seu status ontológico das unidades linguísticas que lhe correspondem) inclui três **Elementos**: um DOADOR, um TEMA, e um RECIPIENTE, de tal modo que o DOADOR, que tem a posse inicial do TEMA, faz com que o RECIPIENTE venha a deter a posse final do TEMA, que, eventualmente, se move até o RECIPIENTE. A FrameNet realiza então a busca eletrônica dos usos linguísticos de **Unidades Lexicais** tais como dar, receber, doar, entregar, conceder, que realizam este *frame*, algumas vezes com diferentes **Perspectivas** (caso de dar e receber), e descreve a **Valência** (propriedades combinatórias destes itens) em termos sintáticos e semânticos. É este processo de anotação que subsidia as diversas possíveis aplicações da FrameNet, já que os esquemas conceptuais que ela identifica são verificados e retificados contra o uso linguístico atestado.

Após este percurso analítico em torno dos conceitos de MCIs e *frames*, passaremos à descrição dos processos de projeção figurativa – metáfora e metonímia, já que são centrais para o nosso trabalho. Antes disso, trataremos brevemente dos **processos de integração conceptual** haja vista que as metáforas e metonímias são consideradas como um caso especial de integração de domínios (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

2.3.2- Processos de Integração Conceptual: a projeção e a mesclagem

A **integração conceptual** é um aspecto crucial da cognição humana na abordagem sociocognitiva da linguagem. Diante disso, a simples postulação da existência de domínios do conhecimento simples ou complexos, descritos às seções anteriores, não dá conta de todo o processo de produção e difusão do conhecimento. É imprescindível, então, a nossa capacidade de **integrar** esses domínios do conhecimento.

No caso específico deste estudo, os principais processos de integração conceptual que estão em jogo são as projeções figurativas - a **metáfora** e a **metonímia** (seção 2.3.3). De todo modo, convém considerar, ainda que brevemente, um processo cognitivo mais amplo, o **processo cognitivo da mesclagem** (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

A ideia básica de Fauconnier e Turner (2002) é que, para dar conta da complexidade do pensamento humano, um modelo de projeção entre domínios é insuficiente. Por isso, propõe um modelo de integração em rede.

Nos termos postos por Fauconnier (1997, apud MIRANDA, 1999), a **mesclagem** é um processo cognitivo que opera minimamente sobre quatro espaços: dois espaços mentais (*Input 1 e 2*) que geram um terceiro espaço – o *domínio mescla*, que combina as propriedades dos domínios 1 e 2, e um quarto espaço que apresenta uma estrutura emergente (nova) e que aloca propriedades originais e organização estrutural própria, já que o resultado é algo que não existia em nenhum dos domínios de *input*.

Os domínios ou *frames*, que servem como *inputs*, podem veicular eventos (*formatura, palestra, velório*), atividades (*estudar, escrever, comprar*), papéis sociais (*político, médico, telefonista*), dentre outros. Esses domínios, por sua vez, evocam cenas. A compreensão do processo comunicativo é, portanto, permeada pelo compartilhamento das estruturas dos domínios-fonte, isto é, quando falante e ouvinte compartilham os mesmos *frames* e conseguem ativá-los conjuntamente, estão gerando entendimento e também criando novas formas de expressão. Desta forma, as ações e a linguagem se renovam, mesclando o velho com o novo.

2.3.3- Teorias da metáfora e da metonímia

A metáfora e a metonímia são importantes fenômenos cognitivos que implicam a mescla de domínios de conhecimento e influenciam de modo decisivo a nossa maneira de pensar, agir e falar. Dada a relevância dessas categorias em nossas análises, passamos a apresentar sucintamente a concepção da Linguística Cognitiva para metáfora e metonímia.

2.3.3.1 – A Teoria Conceptual da Metáfora

A Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF, 1987, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999) parte de uma afirmação básica de que a metáfora é uma **operação cognitiva fundamental** subjacente à linguagem, ao pensamento e às ações.

Os estudos de Lakoff e Johnson tidos como pioneiros⁸, vão conferir um tratamento mais explícito ao fenômeno, desvelando metáforas conceptuais como a metáfora “Discussão é Guerra” a partir de metáforas linguísticas, como ilustram os exemplos⁹ abaixo:

Às vezes é necessário **atacar os pontos fracos da argumentação contrária**...todos nós sabemos que a presença nas aulas é importante, nem sempre nos apetece aturar os professores...

E convido abertamente qualquer pessoa a responder, meter o malho e **destruir os argumentos do meu texto**. Não tenham pena!

Uma vez um colega me acusou de **ganhar uma discussão científica** por estar usando perfume. Eu obviamente respondi que ganhei a discussão porque minha teoria era a correta e a dele era errada. E porque sou mais inteligente que ele!

Assim, concebemos um conceito abstrato e complexo, como discussão, em termos de um evento mais próximo de nossa experiência concreta, a guerra. O mapeamento de contrapartes traz para o domínio interacional de discussão parte da

⁸ Ressalva-se a abordagem primeira de Reddy (1979) sobre a metáfora do conduto, inspiradora do trabalho de Lakoff e Johnson.

⁹ Estes exemplos não fazem parte de nosso *corpus*, foram colhidos no site de busca www.google.com.br com o único intuito de ilustrar a metáfora em questão com ocorrências do Português.

estrutura do evento bélico. Ataque, defesa, armas, vencedores, vitória, derrota são, pois, elementos desse domínio projetados parcialmente em termos de outro.

Nestes termos, a operação cognitiva metafórica nos leva a compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Como explicitamos à seção 2.3.1, uma das hipóteses mais caras à Linguística Cognitiva é a de que conceitos abstratos são largamente metafóricos.

Dessa forma, realizamos um **mapeamento sistemático e parcial entre domínios diferentes da experiência do sistema conceptual**. Este mapeamento vai envolver dois domínios da experiência, o **domínio-fonte** e o **domínio-alvo** e a projeção entre eles, por sua vez, normalmente é unidirecional, ou seja, dimensionamos e criamos parcialmente o conceito de um domínio abstrato (domínio-alvo) com base em domínios mais concretos e familiares (domínio-fonte). A metáfora não implica a projeção de todos os traços do domínio-fonte, o que constitui o **caráter parcial** da projeção.

Assim, não é todo o nosso conhecimento sobre *guerra* que se projeta no domínio de *discussão*. Dessa forma, o mapeamento se dá de forma **seletiva**. A necessidade de as projeções preservarem a estrutura dos esquemas imagéticos, por sua vez, caracteriza a **sistematicidade** do mapeamento. O Princípio da Invariância garante, portanto, “que os mapeamentos metafóricos preservem a topologia cognitiva do domínio-fonte de uma forma que seja consistente com o domínio-alvo”.¹⁰

Em obra mais recente, *Philosophy in the Flesh* (1999), Lakoff e Johnson postulam, de modo mais claro, uma relação hierárquica entre metáforas nomeadas como metáforas complexas e metáforas primárias. Nestes termos, metáforas do tipo: “Propósito de Vida é uma Viagem”, são metáforas complexas formadas por metáforas primárias como: PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS. Uma vez que, nessa perspectiva, os conceitos abstratos são conceptualizados por inúmeras metáforas complexas, sem elas os conceitos estariam reduzidos a meros esqueletos (CARRARA; RODRIGUES; UCHÔA, 2008).

As **metáforas primárias**¹¹ possuem uma estrutura mínima, seriam átomos que formariam moléculas - as metáforas complexas. As metáforas primárias aparecem naturalmente, automaticamente e inconscientemente através das nossas experiências

¹⁰ Anotações de aulas da Prof.^a Margarida Salomão (UFJF, 2008).

¹¹ A Teoria Integrada da Metáfora Primária apresentada por Lakoff e Johnson (1999) envolve a contribuição de quatro teorias: a Teoria da Conflação (JOHNSON, 1997), a Teoria da Metáfora Primária (GRADY, 1997), a Teoria Neural da Metáfora (NARAYANAN, 1997) e a Teoria da Mesclagem/Blending (FAUCONNIER e TURNER, 2002).

diárias pelos meios de “conflação”¹² (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Seria exemplo a metáfora FELIZ É PARA CIMA, em que a experiência pessoal de *felicidade* une-se à *orientação corporal* do domínio sensório-motor, resultando na experiência primária que entrelaça *sentir-se feliz* à postura *ereta, elevada, direcionada para cima*.

Duas metáforas primárias utilizadas no nosso trabalho em virtude da noção **escalar** e da articulação **força física** e **causa** presentes na Construção Superlativa Causal Nominal, são, respectivamente, as metáforas INTENSIDADE É ESCALA e CAUSA É FORÇA FÍSICA.

Tratando da metáfora CAUSA É FORÇA FÍSICA, devemos salientar que as ações mais corriqueiras de crianças quando manipulam objetos por meio da força, como *empurrar, jogar, quebrar, puxar*, estão relacionadas à causalidade. Para o adulto, a percepção deste conceito de causa está relacionada às situações que envolvam algum tipo de mudança na qual ele está direta ou indiretamente envolvido. Na verdade, **vontade** e **disponibilidade** são pré-requisitos fundamentais para entendermos este conceito. Assim, quando eu empurro uma estante, minha vontade e disponibilidade atuam juntas para que eu realize a ação. Se, por outro lado, eu decidir empurrar um carro, não basta minha vontade, já que não tenho disponibilidade para tanto.

O que os exemplos dados acima evidenciam, é a noção de **causa como aplicação direta de força** resultando em um movimento ou em algum tipo de mudança física. Diante disso, o esquema da Força, anteriormente explicado (cf. seção 2.3.1.1), permite formular o surgimento do conceito *gestáltico* da causalidade.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), o centro do conceito de causalidade é a interferência consciente e voluntária do homem através da força física. Essa nossa noção prototípica de causalidade, envolvendo a ação física, que resulta em uma mudança, levará à formulação da metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA.

Com isso, a união do julgamento de causa à experiência sensório-motora de força resulta na metáfora em questão, utilizada em casos de extensão radial do protótipo (quando a força física é perceptível, saliente), quando a causalidade abstrata é conceitualizada metaforicamente em termos da força (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

¹² Johnson levanta a hipótese de que as metáforas conceptuais emergem através de dois estágios: o período da conflação, correspondente a um nível mais básico de elaboração conceptual, que opera num nível conceptualmente anterior ao dos domínios conceptuais, e um período de diferenciação, responsável pela formação dos domínios conceptuais (JOHNSON, 1997 apud LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Já a metáfora primária INTENSIDADE É ESCALA alia-se ao modelo da Escala, básico na nossa experiência, como estofa do conceito de intensidade. Nesses termos, conforme vimos à seção 2.3.1.1, os aspectos de “mais” ou “menos”, básicos no esquema da Escala, constituem a dinâmica dos domínios escalares de força, quantidade, dimensão, espaço, sensações/estados biofísicos ou psicoafetivos que estruturam as metáforas de intensidade.

A metáfora primária INTENSIDADE É ESCALA e a metáfora CAUSA É FORÇA FÍSICA, aliada ao modelo da Dinâmica das Forças, serão essenciais em nossas análises (cap. 5). Mais que isso, a metáfora CAUSA É FORÇA FÍSICA servirá de base à metáfora complexa “Viver é Guerrear” e às submetáforas “Sucesso é Destruição” (BRONZATO, 2010) e “Fracasso é Destruição” que estruturam o processo de significação da CSCN.

2.3.3.2- A Metonímia

À primeira vista, metáfora e metonímia são semelhantes uma vez que ambas representam uma conexão entre duas entidades na qual um termo é substituído por outro. Segundo Silva (2003, p. 23), “até mesmo em termos da moderna teoria cognitiva, metáfora e metonímia descrevem projeções (*mappings*) conceptuais sistemáticas de um domínio-origem para um domínio-meta, experiencialmente motivadas”.

Estas semelhanças entre metáfora e metonímia (são fenômenos conceptuais, processos de projeção, podem ser convencionalizadas e são mecanismos de extensão de recursos limitados da linguagem) provocam uma falta de consenso quando o objetivo é contrastar esses dois processos de projeção figurativa (SILVA, 2003).

Apesar desta visível semelhança, George Lakoff e Mark Johnson (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999) estabelecem uma distinção básica entre metáfora e metonímia nos seguintes termos: a metáfora envolve domínios conceptuais distintos, com uma projeção, por uma série de correspondências conceptuais ontológicas e epistêmicas, da estrutura de um domínio-origem num outro domínio-alvo, passando este a ser entendido em termos daquele; ao passo que a metonímia envolve um mesmo domínio conceptual, em que um subdomínio é tomado

em vez de outro (ou por todo o domínio, ou este por um de seus subdomínios) (SILVA, 2003).

Em outros termos, pode-se visualizar a metonímia pelo esquema **A ESTÁ POR B**, sendo **A** o subdomínio mais saliente, evocado para se referir a outro menos saliente – **B** (SILVA, 2003). Langacker (1984, 1993, 1999 apud SILVA, 2003) denomina **A** como **ponto de referência** e, o subdomínio menos saliente, **B**, **zona ativa**. Em uma das metonímias conceituais mais frequentes, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO (*O Palácio do Planalto investiga escuta clandestina na ante-sala de Lula*)¹³, podemos demarcar o **lugar** como **ponto de referência** e a **instituição** como **zona ativa**.

Para Lakoff e Johnson (1980 [2002]) a metonímia tem principalmente uma **função referencial**, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra, tendo também a função de **propiciar o entendimento**. Este processo permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo e, assim como as metáforas, os conceitos metonímicos também fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos, ou seja, baseiam-se nas nossas experiências. Além disto, esses conceitos são sistemáticos, como observamos nos exemplos retirados de Lakoff e Johnson (1980 [2002]): PARTE PELO TODO (*Nós não contratamos cabeludos*); PRODUTOR PELO PRODUTO (*Ele comprou um Ford*); OBJETO PELO USUÁRIO (*Os ônibus estão em greve*); CONTROLADOR PELO CONTROLADO (*Napoleão perdeu em Waterloo*), entre outros.

Entre os autores da semântica cognitiva, enquanto uns insistem na oposição metáfora e metonímia, outros preferem focalizar o *continuum* metáfora-metonímia, e ainda outros veem na metonímia primariedade cognitiva sobre a metáfora, como Barcelona (2003). Para o autor, as metáforas conceituais são necessariamente motivadas por uma metonímia, ou seja, qualquer metáfora teria uma base metonímica.

É através do domínio das emoções que Barcelona (2003) explica esse princípio i.e., as metonímias forneceriam um conjunto de estruturas dinâmicas de esquemas imagéticos para o domínio-alvo das emoções. As várias metáforas de emoções parecem assentar em metonímias fisiológicas, como em FELIZ É PARA CIMA e TRISTEZA É PARA BAIXO, por exemplo, em que a metáfora resulta da generalização de uma metonímia (SILVA, 2003).

¹³ Este exemplo, retirado de CARVALHO-MIRANDA (2008) é uma reportagem de capa da revista VEJA, Edição 2073, ano 41, n° 32 de 13 de agosto de 2008.

O que é invocado por essa hipótese é simplesmente a possibilidade de o domínio-fonte e/ou domínio-alvo serem entendidos ou perspectivizados metonimicamente para que a metáfora se torne possível (BARCELONA, 2003, p. 31-44).

Cabe, por aqui, anunciar a força da metáfora e da metonímia na constituição do léxico e da gramática. Nossas análises servirão de forte endosso a tal afirmação, como veremos no capítulo 5.

O percurso argumentativo realizado até aqui mostrou a perspectiva corporificada e socioculturalmente situada da Linguística Cognitiva que concebe o pensamento humano como diretamente influenciado por fatores emocionais, físicos e sociais. Assim, as estruturas linguísticas são concebidas como pistas que nos levarão ao funcionamento de um complexo sistema conceptual subjacente a esta forma linguística, majoritariamente inconsciente, metafórico e imaginativo. A busca de uma maneira de se estudar todas estas faces da linguagem tornou-se incessante neste campo de estudo.

Toda esta explicação da trajetória da construção do significado, desde a centralidade das experiências corporais, até os processos de projeção entre domínios, necessita de um suporte teórico que demonstre a ligação entre o sentido e a forma utilizada para expressá-lo. A percepção evidente de que o sinal linguístico apenas aponta para a instanciação de um significado leva a Linguística Cognitiva a propor uma Teoria da **Gramática das Construções**, tratada a seguir.

2.4- O PARADIGMA CONSTRUCIONISTA

A Gramática das Construções é uma teoria da gramática que se constitui no seio da Linguística Cognitiva e, como tal, agrega os fundamentos sociocognitivos impostos à abordagem do léxico e da gramática tratados sob esta perspectiva teórico-analítica. A dimensão conceptual das construções é abordada, então, tendo como suporte o aparato teórico da Linguística Cognitiva, com o intuito de recobrir sua motivação e as bases de configuração de seu significado.

É em torno da teoria da Gramática das Construções que as próximas seções se articulam de modo mais demorado. O espaço reservado a tal modelo se justifica pelo

relevo que terá no recorte de nossos procedimentos metodológicos (cap. 4) e analíticos (cap. 5).

2.4.1- A restauração do conceito de construção

A Gramática das Construções – enquanto perspectiva da Linguística Cognitiva para o trato da sintaxe – não apareceu em um vácuo teórico; ao contrário, surgiu como resposta ao modelo componencial de organização da gramática proposto pelas várias versões de gramática gerativa entre os anos 60 e 80.

Nesse modelo componencial, cada componente governa propriedades linguísticas de um mesmo tipo (modularismo). Além disso, há autonomia entre os níveis, i.e., cada componente é gerado isoladamente e os três níveis (fonológico, sintático e semântico) operam com regras genéricas. O léxico, por sua vez, é pensado como uma unidade atômica, ou seja, uma unidade sintática mínima que perpassa todos os outros módulos. Além de ser o lugar das idiosincrasias (CROFT; CRUSE, 2004).

A Figura (3) abaixo (CROFT; CRUSE, 2004, p. 227) representa este modelo:

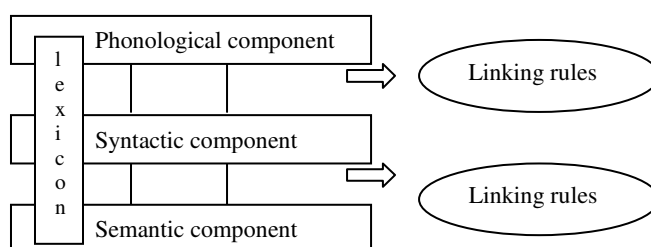


Figura 3: Modelo de organização do conhecimento gramatical das teorias sintáticas

Frente a isto, o modelo componencial postula, então, regras de ligação¹⁴ que associam todos os componentes; estes elos são isolados e as regras são externas. Como se vê, esse modelo de representação é essencialmente reducionista - cada componente consiste em um elemento atômico primitivo e são as regras de combinação entre esses componentes que irão construir estruturas complexas. A ideia de construção é, então, eliminada.

¹⁴ As regras de ligação são entendidas como sendo altamente gerais e aplicáveis a todas as sentenças de uma língua (CROFT; CRUSE, 2004).

Neste caminho percebemos que a Gramática Universal (GU) proposta por Chomsky fixa um sistema de princípios e parâmetros finitos. As regras de uma linguagem em particular ficam reduzidas à escolha de valores para seus parâmetros. A noção de construção gramatical é eliminada e substituída pela noção de regras de construções particulares (CHOMSKY, 1993 apud CROFT; CRUSE, 2004, p. 228). Esta posição de Chomsky de que há uma generalidade da sintaxe e de que as construções são irrelevantes, complementam sua visão de que todos os aspectos arbitrários e idiossincráticos da gramática ficam restritos ao léxico.

O paradigma componencial deixa, então, de analisar um fenômeno particular problemático, que são os idiomatismos – expressões linguísticas que são sintaticamente e/ou semanticamente idiossincráticas em vários caminhos, mas que são maiores que uma palavra e não podem ser assimiladas somente a partir do léxico sem levar em conta outros mecanismos. A crença na autonomia dos módulos serve de barreira para a explicação destes idiomatismos. No Português, por exemplo, como explicaríamos, a partir deste modelo, construções como “A reunião foi *de vomitar*” ou “Ela é linda *de arrepiar*”?

Expressões desse tipo representam um problema para o modelo componencial já que requerem a inclusão de informações de múltiplos componentes ao mesmo tempo e que não podem ser previstos por regras gerais dos componentes sintáticos e semânticos. Está posto, então, o problema do modelo componencial: não há um lugar para os idiomatismos que integram, de modo amplo, o léxico e a gramática.

A Linguística Cognitiva vai se deparar com este problema e propor uma alternativa teórico-analítica para o seu enfrentamento. Fillmore, Kay e O’Connor (1988, apud CROFT; CRUSE, 2004, p. 266), por exemplo, argumentam que a existência de idiomatismos pode ser aceita como evidência para a existência de construções. O que os três linguistas propõem é que, na verdade, existe um *continuum* do substantivo para o esquemático.

É o que trataremos a seguir.

2.4.2. A anatomia da construção

Segundo Miranda (2008a, p. 9),

O desafio heurístico posto pela Gramática das Construções, doravante GrC, consiste em desvelar os processos de significação, tratando todas as unidades linguísticas, em todos os níveis, como signos, ou seja, como construções integradas de forma e modo de significação semântico-pragmática. Nessa direção, gramática ou léxico recebem tratamento indistinto e Semântica e Pragmática definem-se em um contínuo.

Diante disso, a construção vai articular dois polos: “(i) o polo da forma como dimensão expressiva do significante (expressão fônica, escrita e outras semioses, como o gesto) e dimensão morfofossintática; (ii) o polo da significação ou função que agrega a dimensão semântica e pragmática” (MIRANDA, 2008b, p. 12).

A GrC, ao representar as unidades gramaticais como fundamentalmente simbólicas, vai exigir, conseqüentemente, a existência de relações de correspondência entre a forma e o sentido da construção – relações de correspondência chamadas de *links* simbólicos. É neste ponto que emerge a diferença essencial entre a teoria componencial e a GrC: “na GrC o link simbólico entre forma e sentido é interno à construção (Figura 4), já no modelo componencial, as regras de ligação entre os componentes são externas (Figura 3)” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 260).

A Figura (4) abaixo demonstra bem essa oposição (CROFT; CRUSE, 2004, p. 258):

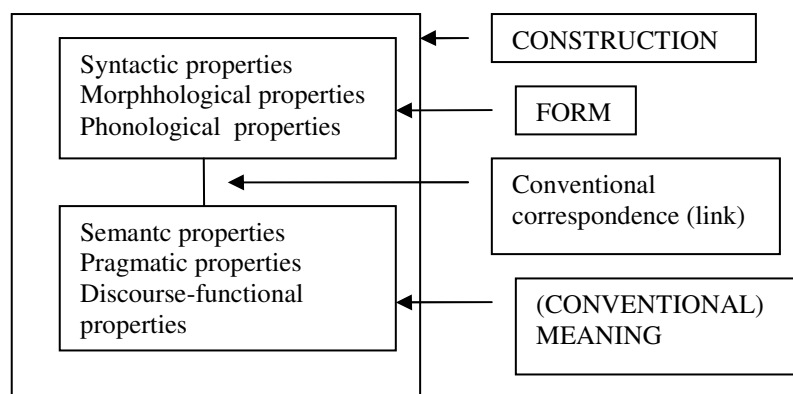


Figura 4: Estrutura simbólica da construção

Isto posto, muitas correntes teóricas da Gramática das Construções emergiram na Linguística Cognitiva. Croft e Cruse (2004, p. 265-290) nos oferecem um panorama dessas adesões, tomando as diferenças/semelhanças que as configuram e apresentando-as em termos dos quatro modelos seguintes: a **Gramática das Construções Unificada** (Fillmore, Kay, O’Connor) que explora as relações sintáticas em detalhe; a **Gramática**

das Construções Cognitiva (Lakoff, Goldberg), cujo foco recai sobre as relações entre as construções; a **Gramática Cognitiva** (Langacker), que trata das categorias semânticas e suas relações; e a **Gramática das Construções Radical** (Croft), cujo objetivo de análise volta-se para categorias sintáticas em um modelo não-reducionista.

Goldberg (2006) considera uma relativa unidade teórica das três últimas abordagens – Gramática das Construções Cognitiva, Gramática Cognitiva e Gramática das Construções Radical – “agrupando-as como Modelos Baseados no Uso (que passamos a nomear como Modelos de Uso) em relativa dissonância (noção de herança, relevo do uso, dispositivos de formalização) com a Gramática das Construções Unificada” (MIRANDA, 2008b, p. 14).

Embora apresentem diferenças, todas as teorias concordam em três princípios essenciais da construção gramatical: (i) a existência independente de construções como unidades simbólicas; (ii) a representação simbólica uniforme da informação gramatical; (iii) a organização taxonômica de construções na gramática (CROFT, 2007, p. 479).

Construções não são, portanto, uma lista aleatória, ao contrário, formam uma estrutura criativa do conhecimento do falante a partir de convenções de sua língua. Essa estrutura inventiva, representada por uma rede de construções, forma a gramática e o léxico de uma língua.

Além disto, o que o modelo construcionista busca é dar conta de todas as línguas do mundo e de todas as construções das línguas do mundo – o foco é na diversidade e o objeto de análise são construções tanto centrais como periféricas.

Cabe ressaltar ainda dois conceitos igualmente cruciais dentro do aparato teórico da Gramática das Construções: **elo simbólico** e **herança** que, embora compareçam em todos os modelos de GrC, não são tratados de modo consensual (MIRANDA, 2008a). Estes conceitos serão abordados em nosso estudo nos termos da Gramática das Construções Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995), tratada na seção a seguir.

2.4.3. A Gramática das Construções Cognitiva

A Gramática das Construções Cognitiva desenvolvida por Adele Goldberg (1995) tem como foco de estudo as Construções de Estrutura Argumental (CEA) da

língua inglesa. A autora defende que as sentenças básicas de uma língua são pareamentos de forma e significado, que “existem independentemente dos verbos particulares que as instanciam, i.e., as construções em si possuem significados, independentemente das palavras das sentenças que as constituem” (GOLDBERG, 1995, p.1).

Ao entendermos uma construção como um pareamento de forma/sentido, somos levados a dizer que, para cada componente que participa de uma determinada estrutura, vai existir um argumento que emerge na estrutura conceptual. Assim, segundo Goldberg (1995), a construção é a unidade básica da língua, uma espécie de padrão formal, mas que possui certo grau de abertura. Vai haver, então, uma associação de uma estrutura argumental básica e de uma cena dinâmica que é básica à experiência humana. É o que a autora denomina de cenas humanas relevantes.

Sendo assim, uma construção para Goldberg (1995, p. 40) pressupõe os seguintes elementos:

- (i) um VERBO que determina os papéis dos participantes, que por meio de sua valência funciona focalizando ações específicas dentro de uma cena humanamente relevante (ou *frame*);
- (ii) uma CONSTRUÇÃO que se caracteriza como um esquema sintático que possui um padrão oracional básico, porém lexicalmente aberto, e uma estrutura argumental que traz em si as cenas cognitivas básicas.

De acordo com a autora, este pareamento não vai ocorrer de maneira desordenada, mas sim por meio da operação que ela denomina de FUSÃO (GOLDBERG, 1995, p. 50). E essa FUSÃO parte de dois princípios:

- (i) *Princípio da coerência semântica*: somente as funções semanticamente compatíveis que podem ser fundidas
- (ii) *Princípio da correspondência*: cada participante que é lexicalmente recortado e expresso deve ser fundido com uma função argumental (gramatical) da construção.

Se esquematizarmos a proposta de Goldberg (1995), ou seja, uma associação entre verbo e construção, vamos ter o seguinte:

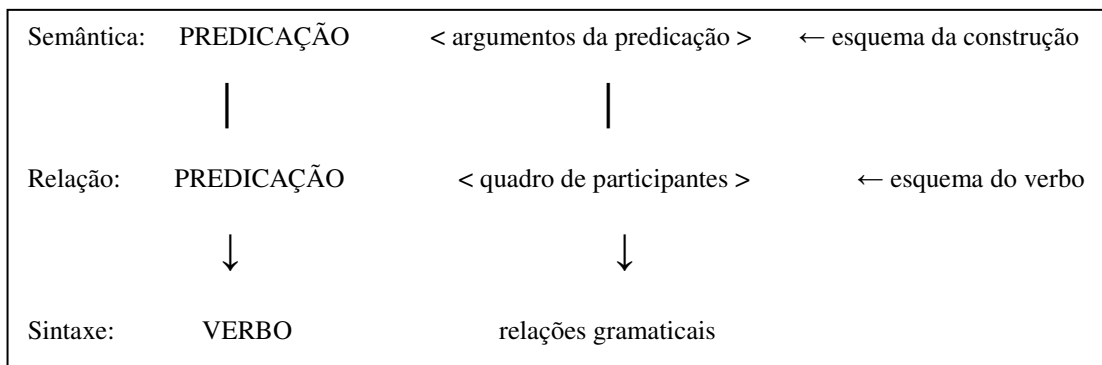


Figura 5: A fusão abstrata dos esquemas verbo-construção.

Esta Figura 5 mostra o nível semântico e o nível sintático de uma função gramatical pareados. Para exemplificar estas relações, Goldberg (1995) vai postular cinco tipos de construções argumentais básicas na língua inglesa, que são: as *ditransitivas* (X causar Y receber Z); *movimento causado* (X causar Y mover Z); *resultativas* (X causar Y tornar-se Z); *movimento intransitivo* (X mover Y); *conativas* (X dirigir a ação a Y).

Uma das partes da semântica de *frames* (FILLMORE, 1982), usada pelo modelo goldbergiano, inclui a delimitação de papéis participantes (específicos do *frame*), distintos dos papéis associados à construção, estes chamados de papéis argumentais (agente, paciente, meta etc.). Papéis participantes são instâncias dos papéis argumentais mais gerais. Por exemplo, na sentença *Paula jogou a lapiseira para Carol* temos a construção de movimento causado (X causar Y mover Z). Esta construção estabelece uma relação entre os papéis argumentais e o padrão sintático, que seriam as relações gramaticais (Suj. V Obl Obj). Estas relações vão se fundir aos papéis dos participantes oferecidos pela valência do verbo *jogar*: *Paula* (jogadora), *Carol* (destino) e *lapiseira* (coisa jogada). Aqui percebemos claramente a emergência do conceito de FUSÃO proposto por Goldberg (1995), i.e., um dispositivo que promove a integração da forma (estrutura sintática) e significado (estrutura semântica) das construções.

Goldberg (1995, p. 72) ainda ressalta a extraordinária capacidade de reiteração manifestada por construções. Essa capacidade ocorre mediante a existência de dois princípios básicos que são a motivação e a herança. Nesse enquadre, as construções são organizadas em rede por relações de herança motivadora de outras construções (A motiva B que, por sua vez, é herdeira de A). Esses princípios possibilitam a explicação não só de construções centrais de uma língua, mas também de construções tidas como

periféricas.

Desse modo, *links* por herança são realizados entre construções que são relacionadas semanticamente e sintaticamente (uma construção A motiva B se B herda de A). Percebemos, então, que o conceito de herança é um caminho para se chegar às generalizações linguísticas.

Tudo isso relatado até agora pode se associar à postulação de que a gramática de uma língua seria uma rede de construções e que essas construções não são listas aleatórias. A GrC tem, então, uma tarefa, que seria a de definir o tipo de relação que dá conta dessa rede.

De acordo com Miranda (2008b, p. 25), “as relações por herança seriam tipos de redes que se organizam radialmente, como famílias de construções, em torno de uma construção central, básica, da qual a herança se irradia”. Esses conceitos nos remetem, claramente, aos postulados da Linguística Cognitiva acerca dos processos de conceptualização e de categorização (cf. seção 2.3).

Goldberg (1995, p. 74-81) define quatro tipos de herança: (i) **Herança por polissemia** (quando uma construção é uma extensão semântica da construção-mãe); (ii) **Herança por subparte** (quando uma construção é subparte de uma construção-mãe, mas existe independentemente dela); (iii) **Herança por instanciação** (quando a construção herdeira é um caso da construção-mãe; (iv) **Herança por extensão metafórica** (a construção herdeira é uma extensão metafórica da construção-mãe).

Podemos concluir, então, que a postulação de relação de herança e motivação entre construções, de modo a configurarem-se redes de construções, são estabelecidas através de projeções (*links*) de diferentes naturezas, nos termos de uma construção radial.

Tal tipo de herança é o que se define como herança *by default*, i.e., redes que se organizam radialmente, como famílias de construções, em torno de uma construção central, básica, da qual a herança se irradia. Sendo uma rede, diferentes níveis de esquematicidade e generalização estão envolvidos, podendo-se destacar três tipos de construções por graus de idiomatidade, ou possibilidade de preenchimento aleatório (CROFT; CRUSE, 2004) (cap. 5):

- (i) **Construções abertas ou macroconstruções:** estruturas complexas de possibilidades infinitas de preenchimento, como as construções transitivas,

por exemplo;

- (ii) **Construções semiabertas ou mesoconstruções:** um tipo particular de construção e suas várias possibilidades; são as construções específicas de um tipo;
- (iii) **Construções semiabertas ou microconstruções:** são totalmente preenchidas, nelas se encontram as expressões idiomáticas.

Tomada como um Modelo de Uso, a Gramática das Construções Cognitiva põe em relevo o caráter cultural e interacional da rede de signos que compõem o léxico e a gramática. Tal perspectiva implica afirmar que as construções derivam diretamente do **uso linguístico** e que a gramática é uma **rede de construções** erguida na cultura. Tais questões são o objeto da próxima subseção.

2.4.3.1 - A Gramática das Construções como Modelo Baseado no Uso

O Modelo Baseado no Uso é um modelo de representação gramatical em que o uso da linguagem determina as representações gramaticais. Especificamente, a frequência de uso e a similaridade da forma e sentido são fatores determinantes para a estruturação do conhecimento gramatical na mente. Os princípios básicos deste modelo estão sumarizados em quatro hipóteses (CROFT, 2007, p. 499-500)¹⁵:

- (i) O armazenamento da forma de uma palavra, regular ou irregular, é função da sua frequência de ocorrência.
- (ii) A produtividade de um esquema é função da frequência de tipos instanciados pelo esquema.
- (iii) Em adição às regras/esquemas de orientação inicialmente morfológica, existem esquemas orientados produtivamente que não podem ser facilmente representados por regras.
- (iv) A conexão entre palavras e suas forças ativadas por seu aspecto fonológico (entre outras coisas), é função da similaridade. A similaridade é limitada por comparação de palavras com outras de mesmo significado e forma; a similaridade no significado é mais forte que a similaridade na forma.

Pelos princípios anunciados, percebe-se que esse modelo se difere da tradição formalista de representação da gramática, segundo o qual somente a estrutura das

¹⁵ Tradução nossa.

formas gramaticais determina sua representação na mente do falante. Tal tradição faz a distinção entre formas **regulares** e **irregulares**. Formas regulares, como o plural *boys* são derivadas de regras mais gerais de formação do plural a partir do singular, já que a relação estrutural entre *boy* e *boys* é ocasionada pela adição do *-s*. Formas irregulares, por sua vez, como a forma plural *feet*, não têm uma relação estrutural entre singular e plural. Diante disso, não podem ser derivadas de uma regra geral e, portanto, são listadas no léxico, que é tido como o lugar das **idiosincrasias** (CROFT; CRUSE, 2004).

Em direção oposta ao que postula a tradição formalista, no Modelo Baseado no Uso, os modos de expressão na comunicação é que determinam a representação gramatical na mente do falante. Em outras palavras, **a arquitetura cognitiva da gramática se codifica no uso**.

Este modelo, conforme anunciado pelos princípios (i) e (ii) dados anteriormente, nos coloca diante de algumas correlações com relação à frequência de ocorrência e à frequência de tipos. A frequência de ocorrência tem uma relação direta com o grau de convencionalização de uma construção, i.e., o entrincheiramento de uma estrutura só é possível se ela for predileta. Já a frequência de tipos é vinculada à produtividade, ou seja, um padrão produtivo é o que instancia muitos tipos (BYBEE, 2003).

A hipótese posta por Bybee (2003) é a de que, cada vez que uma palavra ou construção é usada, é ativado um padrão específico na mente e a frequência com que esta ativação ocorre afeta o armazenamento da informação, que é armazenada como uma unidade gramatical convencional, tornando-se uma construção entrincheirada - o que ocorre gradativamente e só é possível se esta forma/construção for originária de uma representação gramatical mais esquemática.

Bybee (2003) argumenta ainda que instâncias de um esquema que possuem alta frequência de ocorrência não vão contribuir para a produtividade deste esquema. A produtividade está relacionada com a frequência de tipos de uma construção, i.e, com o padrão de produtividade (número de diferentes estruturas que são instanciadas num esquema particular) ou a criatividade do falante.

Segundo Miranda (2008b, p. 24):

[...] tais postulações em relação ao uso têm o mérito de trazer à tona, de modo vigoroso, a questão da diversidade linguística e de promover uma virada metodológica no seio da Linguística Cognitiva. [...] Nessa direção, a

Pragmática ganha uma força substancial em um contínuo com a Semântica na medida em que se firma a tese de os significados se convencionalizarem a partir do uso, isto é, de implicaturas pragmáticas que se dão no fluxo discursivo em contextos linguísticos específicos.

Assim, os projetos analíticos de viés construcionista passam a operar com *corpus* natural e, nesse sentido, uma parceria com a Linguística de *Corpus* ganha espaço no seio da Linguística Cognitiva (cap. 4). Vale pontuar, por fim, que a perspectiva anunciada pelos Modelos de Uso da Gramática das Construções constitui-se, como veremos no capítulo 5, como o cerne de nossa argumentação analítica. De igual modo, nossa escolha metodológica, baseada na análise quantitativa e qualitativa de *corpora* eletrônicos, respalda-se nessa perspectiva.

Na próxima seção passamos a demarcar, de modo breve, a interface entre gramaticalização e Gramática das Construções nos termos de Miranda (2008b), sabendo que esta possível convergência surge como mais uma luz para o desvelamento das redes de significação que ancoram a construção que nos propusemos a analisar – a Construção Superlativa Causal Nominal.

2.5 – GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES

Nosso objetivo, ao propor esta seção, é apontar o caminho convergente que vem sendo alinhavado entre algumas vertentes da gramaticalização e a abordagem construcionista da gramática. A leitura que passamos a fazer de gramaticalização é aquela que, nos termos de Miranda (2008b), destaca processos semântico-pragmáticos e até mesmo cognitivos das mudanças linguísticas e, portanto, se distanciam de alguma forma de uma perspectiva funcionalista mais formalista e linear.

Para Miranda (2008b, p. 33), três pontos marcam esta convergência, quais sejam: “(i) a incorporação da perspectiva dos **Modelos de Uso**; (ii) a vinculação ao conceito de **construção**; (iii) a afirmação da **diversidade** como parâmetro nuclear da gramática.” Tendo isto em vista, Hopper & Traugott (1993, p. 35 apud MIRANDA, 2008b, p. 26), ao definirem a gramática “como uma propriedade emergente de uso em lugar de uma entidade autônoma e estática” corroboram com esta proposta de interface.

São as escolhas simbólicas motivadas sociocognitivamente e acrescidas da **reiteração pelo uso coletivo** que permitem a ocorrência de processos de convencionalização que emergem na gramática e no léxico. Este é o ponto de encontro principal entre a gramaticalização e a Gramática das Construções. Os demais partirão daí.

Consoante com os Modelos de Uso, Tomasello (2006, p. 5 apud MIRANDA, 2008b, p.34) define a “dimensão gramatical da linguagem como um produto de uma série de processos históricos e ontogenéticos” e afirma que o processo de gramaticalização tem lugar quando os seres humanos usam os símbolos para se comunicarem, fazendo emergir padrões de uso que se consolidam em **construções gramaticais**.

Baybee (2003, p. 602), por sua vez, assume que não se deve conceber a gramaticalização como um processo em que um item lexical adquire o estatuto de gramatical (ou um item gramatical se torna mais gramatical). Ela adota a visão de que uma **construção com itens lexicais é que se torna gramaticalizada**. Para a autora, a gramaticalização é a emergência de novas construções, o que significa dizer que uma instância de uma construção aumenta de frequência e toma novas funções (MIRANDA, 2008b). Temos aí uma visão construcionista da gramaticalização – segundo ponto de convergência entre as teorias.

Nesse mesmo viés, Hopper & Traugott (2003, p. xv apud MIRANDA, 2008b, p. 26) afirmam que o fenômeno da gramaticalização é entendido como “a mudança em que **itens lexicais e construções** passam a ocorrer em certos contextos lingüísticos com funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a se desenvolver com novas funções gramaticais.”¹⁶

Em trabalho mais recente, Traugott (2009, p. 91) assume claramente a interface entre a Gramática das Construções e a gramaticalização. A autora destaca ainda que, “enquanto a gramaticalização tem sido estudada primordialmente do ponto de vista diacrônico, a Gramática das Construções tem se dedicado fundamentalmente a pesquisas de caráter sincrônico”.

A discussão sobre a diversidade dos sistemas lingüísticos é outro ponto de convergência entre o programa construcionista e a gramaticalização. Miranda (2008b, p.

¹⁶ Grifos nossos.

36) faz, entretanto, uma ressalva com relação a este terceiro ponto de aproximação entre os paradigmas:

[...] enquanto a gramaticalização, como um fenômeno conceitualmente delimitado à questão da mudança linguística, promove o uso como eixo desta questão; a Gramática das Construções vai mais longe, assumindo um arco epistemológico mais amplo para a dimensão do uso linguístico. Uma metateoria construcionista de gramática recobre as teorias de aquisição, de processamento e renovação/mudança da gramática.

O que nos parece, de fato, é que, dentro do recorte construcionista, os pontos convergentes com a gramaticalização (MIRANDA, 2008b) são tão significativos que este aporte teórico acerca da mudança linguística, sob o teor das perspectivas elencadas aqui e apontadas por Miranda (2008b) (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, 2003; TRAUGOTT, 2009; BYBEE, 2003; TOMASELLO, 2006), enriquecerão nosso percurso analítico (cap. 5).

Nesse sentido, cabe, por aqui, apresentar o princípio da **unidirecionalidade da mudança**.

A unidirecionalidade da mudança é o principal princípio da gramaticalização e significa apostar no fato de a mudança ter uma única e irreversível direção (SILVA, 2008) ¹⁷: (1) do lexical ao gramatical; (2) da autonomia à dependência; (3) do específico/concreto ao genérico/abstrato; (4) do objetivo ao subjetivo.

Essa direção de mudança envolve a perda de autonomia de um determinado item em direção a sua maior dependência semântica e formal (item 2). Os itens (3) e (4) remetem à natureza conceptual e semântico-pragmática da mudança (MIRANDA, 2008b, p. 28). A ideia de generalização de um conteúdo semântico é transmitida pelo item (3). Isto quer dizer que itens de significado mais concreto passam a ter sentidos novos mais genéricos e abstratos, o que não ocasionaria um enfraquecimento de conteúdo ou uma perda de conteúdo, mas sim uma mudança.

O item (4), por sua vez, associa-se à ideia de que a mudança imprime uma direção de **subjetificação** do significado, que se refere, segundo Traugott (1995, p. 31), a “processos semântico-pragmáticos através dos quais os significados tornam-se cada

¹⁷ Relatório do IX Seminário do Projeto de História do Português Paulista, sob a coordenação do Prof. Dr. Augusto Soares da Silva, da Universidade Católica Portuguesa, Braga (Portugal), sobre o tema Linguística Cognitiva e Linguística Histórica, 6 a 10 de outubro de 2008 na Universidade de São Paulo.

vez mais baseados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição”. Nesse sentido, os participantes podem se colocar objetivamente ou se alinhar subjetivamente em relação à sua fala. A noção de subjetificação alinha-se a uma tendência de processos de mudança conceptual.

O próximo capítulo versará sobre o fenômeno da intensificação, abrangendo os escassos trabalhos já desenvolvidos sobre o assunto em diferentes tradições analíticas. Este capítulo elucidará um pouco a natureza do fenômeno da intensificação antes de se proceder à análise das Construções Superlativas Causais Nominais que consideramos ser mais um nóculo da rede de Construções Superlativas do Português.

3- O FENÔMENO DA INTENSIFICAÇÃO

Nossa atuação e intuição enquanto falantes nos capacita a perceber, de modo claro, a força da intensificação como uma das estratégias discursivas mais utilizadas nos diversos processos de interação verbal, desde os mais formais àqueles mais ritualizados. No entanto, mesmo diante de um fenômeno tão corriqueiro entre os usuários de uma língua, pouco ainda foi dito sobre ele nos estudos da Língua Portuguesa.

É exatamente por entre os escassos trabalhos já empreendidos sobre o fenômeno da intensificação em diferentes tradições analíticas que iremos caminhar neste capítulo. Para isso, faremos uma breve exposição sobre o modo como o tema tem sido tratado sob o ponto de vista da Tradição Gramatical (seção 3.1), da Teoria da Enunciação (seção 3.2), do Funcionalismo (seção 3.3) e do Sociocognitivismo (seção 3.4), proporcionando, dessa forma, um panorama mais abrangente acerca desse fenômeno cognitivo complexo – a intensificação – que envolve a Construção Superlativa Causal Nominal tratada neste trabalho.

Iniciaremos nossa exposição pela abordagem promovida pela Tradição Gramatical e Formalista.

3.1 – A ABORDAGEM GRAMATICAL DAS SUPERLATIVAS NOMINAIS

A expressão superlativa em Língua Portuguesa não tem sido objeto de abordagens consistentes nas gramáticas tradicionais, sendo sua análise pouco esclarecedora por considerarem, acima de tudo, o aspecto formal das expressões, deixando de lado as múltiplas dimensões do fenômeno, inclusive seus usos discursivos. Quando evocam tais usos, limitam-se à listagem ou a rápidas considerações acerca de algumas ocorrências tidas como exceções ou próprias da linguagem informal.

De acordo com as gramáticas normativas do Português, temos basicamente duas formas de expressar grandeza e intensidade nominal na língua, circunscritas ao nível lexical: o grau dos **adjetivos** e **substantivos**. Começemos pelos adjetivos:

Bechara (2004, p. 142) afirma que “o adjetivo é um inventário aberto, sempre susceptível de ser aumentado”. O autor ressalta ainda que, no Português, a marca da gradação é tida como uma das desinências dos adjetivos, expressando o grau absoluto ou relativo da parte, ou o aspecto (“qualidade”) expresso no radical, com em *belíssimo*.

Segundo o gramático, há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: **positivo**, **comparativo** e **superlativo**. Passamos a nos restringir ao superlativo, foco de nossa investigação.

Na análise proposta pelo autor, que se repete nas gramáticas normativas em geral, existem duas formas de expressar o grau superlativo: o superlativo relativo (*O rapaz é o mais cuidadoso dos pretendentes ao emprego*) e o superlativo absoluto (*O rapaz é cuidadosíssimo*). Este, por sua vez, é subcategorizado em analítico (quando há anteposição de palavra intensiva – geralmente um advérbio – ao adjetivo, como em *muito cuidadoso*) e o superlativo sintético (que é obtido por meio de sufixo derivacional de valor intensivo acrescido ao adjetivo, como o – *íssimo*).

É interessante ressaltar aqui o trato semântico que os gramáticos em geral dão à questão da intensidade. Bechara (2004) se limita a dizer que *cuidadosíssimo* diz mais, é mais enfático que *muito cuidadoso*, por exemplo. Segundo o autor, “na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva (advérbio): *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais improvisadas como – *ésimo*” (BECHARA, 2004, p. 149).

Ainda na listagem dos fenômenos que representam intensidade, Bechara (2004) cita a repetição do adjetivo com valor superlativo (*O dia está **belo belo** = belíssimo*), as comparações em lugar do superlativo (*feio como a necessidade = feíssimo; esperto como ele só; escuro como breu*, entre outras) e os adjetivos diminutivos que adquirem valor superlativo (*blusa amarelinha, feiozinho*, entre outros).

Azeredo (2004, p.120), por sua vez, lista os usos superlativos dos adjetivos na língua coloquial, destacando o emprego dos sufixos – *ão* e – *inho* em exemplos como *bonitão, gostosão, fininho, estreitinho*. Ressalta ainda que, “na linguagem dos jovens, a superlativização é normalmente expressa por meio de *super*, misto de prefixo e advérbio de intensidade (*supercheio, super-legal*)”. Cunha e Cintra (2007, p. 258) acrescentam a esta lista “certas expressões fixas como ‘*podre de rico*’, ‘*de mão cheia*’ e ainda a tonicidade e duração de um enunciado (Ela é a **cantora!**)”.

No que diz respeito aos substantivos, o trato dado pela Gramática Tradicional se limita a considerar que a intensidade emerge do uso de sufixos derivacionais ou adjetivos para marcar o grau aumentativo (“significação exagerada ou intensificada disforme ou desprezivelmente”) e diminutivo (“significação atenuada ou valorizada afetivamente”), por exemplo: (i) *homem – homenzarrão – homenzinho*; (ii) *homem enorme, boca minúscula*. Algumas considerações sobre o valor dessas formas são feitas nesta obra (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 198).

Em síntese, o enfoque da expressão superlativa dado pela Tradição Gramatical, centra-se, prioritariamente, na sua constituição formal e em uma lista de ocorrências que fogem à descrição proposta. Tal enfoque se equipara à visão formalista da suficiência do significante segundo a qual a forma porta o sentido e toda a informação necessária para a compreensão de enunciados já estaria nele contido.

As Construções Superlativas Causais Nominais, objeto do presente estudo, por certo, não equivalem aos padrões regulares descritos para as expressões superlativas nominais. Assim, sequer comparecem na lista de exceções ou de expressões da língua coloquial oferecidas por nossas gramáticas. Tal perspectiva é também fortemente demarcada nos paradigmas formalistas da Linguística do século XX, o que implicou descrever os padrões regulares do sistema e promover uma lista de idiossincrasias ou anomalias aleatoriamente postas no léxico, visto como o território dos “fora da lei”. A CSCN certamente integra tal lista.

Este aporte formal e semântico configurado por tais explicações, recorrente tanto na tradição gramatical quanto nas análises linguísticas formalistas representa, frente aos novos ares respirados pelos linguistas, uma abordagem incapaz de desvelar a complexa e rica rede de relações estabelecidas por construções superlativas, como a CSCN, tanto no âmbito semântico quanto no pragmático.

Em busca de um olhar mais rico do fenômeno da intensificação, passamos a uma abordagem sob o ponto de vista da enunciação e posteriormente a uma abordagem funcionalista. Ambas contemplam a dimensão do uso na construção do sentido e dão ao componente discursivo um papel preponderante na gramática de uma língua.

De qualquer forma, vale pontuar que as Gramáticas Normativas nos fornecem uma razoável lista de “anomalias” que não deixam de ser para os linguistas, portanto, uma fonte de questões a serem colocadas sob um foco investigativo.

3.2 – A INTENSIFICAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DA ENUNCIÇÃO

Como advoga a chamada *Semântica Argumentativa*, dentro do campo da *Análise do Discurso*, a linguagem não se limita apenas a exteriorizar um pensamento ou transmitir informações. Ao contrário disso, ela serve, principalmente, segundo Lopes (2001, p. 1) “para realizar ações, atuar sobre o alocutário, persuadir, argumentar, veiculadora que é de ideologias. Na interação, o sujeito se identifica com aquilo que diz, revelando o caráter subjetivo e dialógico da linguagem.”

Dentro deste enquadre teórico, os processos de intensificação são agrupados em duas grandes classes semânticas: a dos *amplificadores* (marcadores de uma intensificação relativa tipo aproximativa, adequada ou excessiva, situada acima do grau médio, ou então de uma intensificação absoluta ou totalizante) e a dos *atenuadores* (marcadores de uma intensificação do tipo aproximativa ou minimal situada nas proximidades ou abaixo do grau médio).

Segundo Lopes (2001, p. 3),

Os intensificadores, portanto, nem sempre se limitam a indicar um simples aumento ou diminuição da intensidade. Podem indicar também um ponto numa escala de valores situável acima ou abaixo do ponto neutro (ou médio) dela, como é o caso dos amplificadores relativos, capazes de expressarem uma intensificação relativa, correspondente aos graus *aproximativo-superior*, *médio-superior* e *superior*, quando, então, se pode dizer que há uma intensificação graduada, onde o grau está para a intensificação assim como o número para a quantificação.

O autor argumenta que os processos de intensificação abrangem aspectos que vão além do formal e semântico, funcionando também como operadores pragmáticos da linguagem, i.e., como estratégias retóricas intimamente relacionadas com a atividade argumentativa, mais precisamente com a ideia de força argumentativa, empregados com o propósito, dentre outros, de expressar o grau de apreciação, manipular (impressionando o alocutário) e persuadir, revelando, desse modo, a intenção da fala.

Os processos de intensificação são também reveladores de interesse do falante e demonstram a habilidade dos participantes da interação. Diante disso, temos que “a intensificação é uma necessidade perpétua experimentada pela linguagem, pois, sendo esta um fato eminentemente social, necessita ser compreendida, e a intensificação

ou ênfase é uma reação contra o enfraquecimento do sentido das palavras e um reforço do enunciado” (BRUNNER, 1995 apud COSTA, 2003, p. 3).

É através da escolha dos intensificadores que o sujeito manifesta sua opinião em termos intensificacionais sobre o enunciado ou parte dele, variando da intensidade máxima, em que se dá a entender mais do que realmente se diz, para a intensidade mínima, em que se mitiga a força ilocutória de uma ação, palavra ou expressão. Lopes (2001) considera a intensificação como uma variedade de modalização capaz de aumentar ou mitigar a força ilocutória de um enunciado.

As asserções de Lopes (2001, p. 3) ilustram bem a função da intensificação:

A intensificação possui a capacidade de impactar o alocutário, de provocar estranhamento, ou melhor, inovações insólitas, e, desse modo, sem comprometer a compreensibilidade da mensagem, conseguir que o ouvinte, preso à admiração e deleite de tal procedimento, dê maior crédito ao conteúdo da mensagem intensificada; escute-a com atenção e prazer; tenha boa disposição para julgar as opiniões nela defendidas; e chegue até a comover-se, ao perceber argumentos cheios de emotividade.

Após essas considerações a respeito do caráter subjetivo e dialógico da linguagem, a partir da qual a intensificação é tratada como um fenômeno que vai além de aspectos formais e semânticos, mas que também funciona como uma estratégia retórica relacionada à força argumentativa, passamos ao trato que a abordagem funcionalista confere ao fenômeno.

3.3 – UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

No curto passeio que faremos por entre os estudos sobre intensificação, é necessário dar uma parada ligeira sobre o que, em termos gerais, significa Gramática Funcional. Para Pezatti (2007, p. 214) duas idéias se mostram bem claras nesta gramática:

a primeira é a de que, embora importante, a sintaxe não é, para nenhum enfoque funcional, um componente autônomo que possa conter todas as explicações possíveis para todas as formas de organização da linguagem; a segunda, que não se desvincula da primeira, é a de que, justamente por não

ser autônoma, a sintaxe depende crucialmente das dimensões semântica e pragmática da linguagem.

A importância de percorrermos os estudos feitos sobre o fenômeno da intensificação pelos funcionalistas é, além de considerarem a não-autonomia da sintaxe, o fato de conceberem a gramática como uma teoria **integrada** a um **modelo de usuário de língua natural**, o que demarca um ponto forte de convergência com os estudos traçados pelos sociocognitivistas (cf. cap. 2).

Distanciando-se de certo modo do trato limitado ao nível lexical (grau do adjetivo e grau do advérbio) dado pela tradição gramatical ao fenômeno da intensificação, os funcionalistas tentam mostrar que “esse fenômeno não se relaciona apenas à manifestação de conteúdo (i.e., a função ideacional da linguagem), mas também às dimensões intersubjetiva (interpessoal) e textual do uso linguístico” (ROMERITO-SILVA, 2008, p. 1).

Em seus trabalhos, Romerito-Silva (2006, 2008) advoga que a intensificação está vinculada tanto a aspectos semântico-cognitivos quanto às funções ideacional, textual e interpessoal da linguagem.

Ao tratar dos aspectos semântico-cognitivos, o autor leva em conta a motivação icônica observada nas estratégias de intensificação, a qual, segundo ele, “reside em sua dimensão metafórica, que tem como fundamento a percepção sensório-motora resultante de nossas experiências com o mundo físico e sociocultural” (ROMERITO-SILVA, 2006, p.207-208). Partindo, assim, da motivação conceptual, cognitiva, das expressões de intensidade, Romerito-Silva (2006) afirma que os recursos de intensificação representariam uma analogia aos conceitos concretos de força/peso, quantidade, tamanho/dimensão, espaço/distância e sensações/estados biofísicos ou psicoafetivos, derivados da nossa relação com o mundo.

No que tange às funções ideacional, interpessoal e textual da linguagem¹⁸, Romerito-Silva (2008) nos dá conta da coatuação desses fatores no caso dos fenômenos de intensificação. Mais que isso, ele aposta que essas funções contribuem para o estabelecimento da teia de relações entre linguagem, cognição e interatividade pessoal que existe nestes fenômenos.

¹⁸ Romerito-Silva (2008) defende que o fenômeno da intensificação está vinculado às funções ideacional, textual e interpessoal da linguagem conforme postuladas por Halliday (1976, 1985 apud ROMERITO-SILVA 2008).

Sob esse ponto de vista, a intensificação está relacionada, em primeiro lugar, com a necessidade do falante em exprimir, de forma escalar, sua impressão acerca de algo, a qual emerge de sua relação com o mundo que o cerca. Está, portanto, segundo Romerito-Silva (2008, p. 5) “vinculada antes de tudo à manifestação de conteúdo cognitivo, ou seja, à função ideacional da linguagem”.

Os falantes, mais do que exporem seu mundo interno, ao utilizarem fenômenos de intensificação também exercem um juízo de valor, fornecendo uma avaliação pessoal acerca de certa realidade, i.e., uma vinculação à função interpessoal (ROMERITO-SILVA, 2008). Aliada a essa expressividade está a vontade do falante em tornar sua informação relevante para o interlocutor, atendendo também a determinadas intenções informativas e/ou retórico-argumentativas.

Quando se trata da função textual, a aplicação de valores elevados a nomes e verbos atua para o estabelecimento da coesividade textual. Para Romerito-Silva (2008, p. 12) isso significa dizer que

a aplicação de marcas superlativas especiais a um item transforma-o num componente de extrema relevância e indispensável na confecção da malha textual, uma vez que este aponta para outras entidades endofóricas circunvizinhas, auxiliando no estabelecimento das relações cotextuais. Desse modo, um elemento é esclarecido em função do outro, o que os torna interdependentes e coparticipantes num determinado conjunto de signos.

Após este breve percurso teórico em torno da perspectiva funcionalista a respeito do fenômeno da intensificação, em que se postula a relação entre as funções ideacional, interpessoal e textual que se associam à natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática que subjazem à manifestação desse fenômeno, passamos à abordagem sociocognitiva.

3.4 – A ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

É do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva e, em especial, da Gramática das Construções (cf. cap. 2) que advém, contudo, uma contribuição mais significativa, mais holística, para a compreensão das múltiplas dimensões do fenômeno da intensificação. No caso das Construções Superlativas do Português, um amplo projeto

investigativo vem se desenvolvendo de modo a descrever e explicar alguns nós dessa rede.

Trata-se do macroprojeto “*Construções Superlativas no Português do Brasil: uma abordagem sociocognitiva*”¹⁹ (CNPq, 2007), liderado pela Prof. Dra. Neusa Salim Miranda e vinculado ao Grupo de Pesquisa (GP) “Gramática e Cognição” da UFJF. Este macroprojeto tem como meta, segundo Miranda (2007, p. 2), “[...] a descrição, organização tipológica e explicação de uma rede de construções do Português do Brasil que estamos nomeando como Construções Superlativas [...]”.

Trata-se de um repertório de construções variadas, entre as quais figura a Construção Superlativa Causal Nominal foco deste trabalho, que são distintas em termos formais, mas que mantêm elos em torno de uma dimensão conceptual e de uma dimensão comunicativa básicas assim definidas por Miranda (2007, p. 2):

Significado semântico: **expressão superlativa da semântica de escala;** *frame* de escala, perspectivizado na ponta, no extremo da escala, em termos de processamentos figurativos metafóricos e metonímicos;
Objetivo comunicativo (significado pragmático): força, ênfase da enunciação e/ ou jocosidade da mesma.

Consoante o que tratamos à seção 2.4, os estudos dentro do programa sociocognitivista vêm evidenciando o caráter de analisabilidade e recorrência de construções. Assim, as explicações e descrições que só encobriam o “centro” passam a atingir a “periferia” e vice-versa e as construções tornam-se parte integrante de redes regulares afastando-se do *status* de exceção, até então dado pela tradição formalista.

Nessa direção, os estudos da intensidade, no seio da Linguística Cognitiva, conduzem necessariamente às bases experienciais e corporificadas de nossos processos de conceptualização e categorização. É assim que, sob o escopo da Linguística Cognitiva e da Gramática das Construções que Sampaio (2007), Carvalho-Miranda (2008) e Albergaria (2008) começam a desvelar o significado de alguns nós da rede de Construções Superlativas do Português.

¹⁹ Este trabalho iniciado em 2007, e que tem como resultado três dissertações de mestrado (SAMPAIO, 2007; CARVALHO-MIRANDA, 2008 e ALBERGARIA, 2008) está ainda em desenvolvimento através do projeto “*Construções Superlativas do Português – um estudo sobre a semântica de escalas*” (MIRANDA, 2008a), que dá continuidade ao primeiro através dos trabalhos de CARRARA (2010) e OLIVEIRA-COSTA (2010).

Sampaio (2007) debruçou-se em seu trabalho sobre a *Construção Superlativa de Expressão Corporal* (X MORRER DE Y)²⁰, a qual apresenta uma escala superlativa final em termos do estágio máximo de EFEITO metafórico sobre o organismo (efeito somato-sensório e sensório-motor). A autora descreveu ainda as duas formas de heranças deste padrão construcional: X MORRER de Y, sendo Y um NOME (...*para morrer de inveja e suspirar com essa linda história de amor*) e X MORRER de Y, sendo Y um VERBO (...*gente vcs naum tem ideia do q foi mt mt, loko msm morri de rir*)²¹.

As *Construções Concessivas de Polaridade Negativa* foram descritas em Carvalho-Miranda (2008), em que se consolidou a hipótese de que essas construções se constituem como um padrão específico dentro da rede de construções concessivas do Português Brasileiro. A autora distinguiu dois tipos de construções: [**P nem que Q** – “*Tento estar presente, nem que seja por mensagens de texto*” (Revista Veja)] e [~ **P nem que Q** – “*E daqui não saio, nem que me empurrem*” (Corpora NILC)] (CARVALHO-MIRANDA, 2008, p. 7).

Albergaria (2008), por sua vez, teve seu foco de análise voltado para a expansão figurativa e categorial através de um estudo de caso: o *frame* ‘animal’. A hipótese analítica desenvolvida pela autora neste trabalho é a de que o domínio-fonte, representado pelo *frame* de animal resultaria em um *frame* de Escala, como ilustram os exemplos retirados de Albergaria (2008, p. 1): *O café da manhã dos caras vai ser animal!* (CETENFolha); *Enfrentada de modo adequado, a Matemática se torna uma fera dócil* (Abril.com); *Coração na boca, frio na barriga e ansiedade monstra!!!* (blog).

Ainda nesta breve descrição de trabalhos que tratam do fenômeno da intensificação a partir do panorama teórico da Linguística Cognitiva, é de extrema relevância tratar do trabalho de Miranda (2008b)²² em que a autora, ao realizar um estudo de caso (as *Construções Negativas Superlativas de IPN*) propõe uma convergência entre gramaticalização e Gramática das Construções.

As *Construções Negativas Superlativas de IPN* têm, em sua origem, SNs que expressam unidades mínimas dentro de diversas escalas de dimensão (*um pingo, uma gota, um pio...*) e dimensão/valor (*tostão, centavo* – moedas pequenas e de pouco valor)

²⁰ Esta construção é retomada em MIRANDA (2008a).

²¹ Os exemplos foram reportados de SAMPAIO (2007).

²² Este estudo integra um projeto mais amplo – *Construções Superlativas no Português do Brasil*, coordenado pela Prof. Dra. Neusa Salim Miranda, PPG Linguística – UFJF, GP Gramática e Cognição, fomento Edital Universal CNPq – 2008.

e que, no alvo, exprimem intensidade com ênfase na polaridade negativa (MIRANDA, 2008b). Os exemplos a seguir, retirados do trabalho citado, ilustram bem essa construção: “*Não publicara **uma linha** até então. Só dois anos mais tarde lançaria seu primeiro livro...*” (*Corpus do Português*); “*...sem perder um homem nem um cavalo, nem derramar **uma gota** de sangue...*” (*Corpus do Português*).

Em consonância com os trabalhos que constituem o projeto “*Construções Superlativas no Português do Brasil: uma abordagem sociocognitiva*” (CNPq, 2007), Bronzato (2010), em tese de doutorado “*A construção gramatical de hiperbolização: um caso de coerência metafórica da gramática*” trata de construções que evocam cenas de **sucesso** motivadas pela metáfora complexa “Sucesso é Destruição”. São construções do tipo *Ela **abafou**; Ivete Sangalo...Vem **abalando** com essa nova música...rs...que é MASSA; Tinha um cara lá no show que deu uma canja e **arrasou***²³.

Como pudemos observar, todos os trabalhos citados fazem parte de um grande projeto em que o objetivo principal consiste em desvelar os nós que compõem a grande rede de Construções Superlativas do Português, tanto no nível léxico quanto sintático.

3.5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito das distintas abordagens arroladas neste breve panorama acerca da intensidade, cabe ressaltar algumas contribuições. No que respeita à tradição gramatical, apesar do apego à forma, a lista de usos periféricos que nos oferece, ainda que bastante incompleta, pode representar uma boa lista de questões analíticas a serem levadas em frente pela Linguística.

Quanto às abordagens enunciativas e funcionalistas valem, acima de tudo, pela dimensão do uso que colocam em relevo. A análise funcionalista chega também a pontuar, ainda que de modo bastante superficial, a motivação cognitiva da intensidade através do conceito de motivação icônica. O que nenhuma delas oferece, contudo, é uma abordagem holística de forma-significado, de tal modo a promover a análise da forma em compasso simultâneo com a dimensão semântica e pragmática. Esta é uma tarefa

²³ Ocorrências retiradas do corpus montado por Bronzato (2010).

que as abordagens construcionistas da gramática podem cumprir de modo bem mais primoroso. É o que buscaremos evidenciar nos próximos capítulos de modo a justificar nossa escolha teórica para a abordagem de nossa construção, a Construção Superlativa Causal Nominal (CSCN).

4- METODOLOGIA

Antes de darmos início a uma descrição detalhada dos procedimentos e etapas sobre as quais a análise das “Construções Superlativas Causais Nominais” se ergue, cabe-nos apresentar, de forma sucinta, a escolha metodológica de nosso estudo que recai sobre os principais parâmetros Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). Em seguida, sinalizaremos o diálogo existente entre a Linguística Cognitiva, em sua vertente construcionista (Modelos de Uso da Gramática das Construções), e a Linguística de *Corpus* que, a nosso ver, é estimulado pela busca da **sistematicidade** de construções.

4.1 - LINGUISTICA DE *CORPUS*: UM BREVE HISTÓRICO

É inegável a influência que os avanços tecnológicos, nos últimos anos, tiveram sobre as mais diversas áreas do conhecimento com as quais o ser humano interage. Os estudos da linguagem, por certo, não ficaram à margem dessa revolução tecnológica que se deu e que continua de forma acelerada.

Diante disso, não nos surpreende o fato de a Linguística de *Corpus* ser uma das áreas de pesquisa de linguagem mais ativas nos últimos anos. De acordo com Sardinha (2004, p. 3),

a Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Fica claro, portanto, que a evolução desta área está intimamente ligada ao desenvolvimento de ferramentas computacionais. Cabe ressaltar, contudo, que a utilização de *corpus* – um conjunto de documentos ou dados – na pesquisa linguística antecede a existência do computador.

Durante boa parte do século XX, como salienta Sardinha (2004), muitos pesquisadores utilizaram *corpus* em suas investigações, mas estes não eram eletrônicos e eram coletados e analisados manualmente. Neste período, muitos *corpora* não-computadorizados foram produzidos e deram feição aos *corpora* atuais. É o caso, por

exemplo, da imensa massa de dados produzida pelos linguistas estruturalistas americanos em sua tarefa descritiva.

Em direção oposta, contudo, os parâmetros racionalistas do modelo gerativista, preterindo o olhar empirista sobre a linguagem, impuseram a intuição linguística do pesquisador como medida metodológica. Tal perspectiva, acrescida da falta de instrumentos para se lidar com os *corpora* – o processamento manual era criticado – resultou em uma perda de fôlego das abordagens baseadas em *corpus*.

Foi justamente a invenção do computador nos anos 60 e sua posterior popularização que permitiram que a coleta, o armazenamento e o processamento de dados ocorressem de maneira facilitada e que as pesquisas linguísticas baseadas em *corpus* retomassem o fôlego antes perdido. Assim, “a história da linguística de *corpus* está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de *corpora*, mas também sua exploração”. (SARDINHA, 2004, p. 15).

4.1.1 – A Linguística de *Corpus* como metodologia de pesquisa

Há um constante debate em torno da definição da Linguística de *Corpus*: esta área seria uma **disciplina** ou uma **metodologia de pesquisa**? Sardinha (2004) argumenta que esta área da linguística não se comporta da mesma maneira que disciplinas como a semântica ou a sociolinguística, por exemplo, já que não possui um objeto de análise pré-determinado.

A Linguística de *Corpus* se ocupa de fenômenos diversos que são estudados em outras áreas, como o léxico e a sintaxe. Diante disso, a princípio, a Linguística de *Corpus* seria uma **metodologia** da qual outras áreas se podem valer. Esse pressuposto é defendido por McEnery e Wilson (1996, p. 1 apud SARDINHA, 2004, p. 36) que afirmam que Linguística de *Corpus* é “apenas uma metodologia” e também por Leech (1992, p. 105 apud SARDINHA, 2004, p. 36) que a descreve como uma “base metodológica”.

Em nosso estudo utilizaremos a Linguística de *Corpus* como uma opção metodológica (embora admitamos a existência de correntes que a assumem como uma disciplina) uma vez que pensamos metodologia como um **instrumental**. Diante disso,

“é possível aplicar o instrumental da Linguística de *Corpus* livremente e manter a orientação teórica da disciplina original” (SARDINHA, 2004, p. 36).

Como aporte metodológico, cabe-nos revelar alguns aspectos relevantes do quadro conceitual da Linguística de *Corpus* que são fundamentais à nossa análise, quais sejam, a abordagem empirista e uma visão da linguagem como sistema probabilístico.

De acordo com a concepção **empírica**, a pesquisa dará primazia aos dados, normalmente reunidos sob a forma de um *corpus* e provenientes da observação e não da introspecção. Por meio de *corpus*, é possível descrever a língua de forma mais objetiva e descobrir fatos novos que a intuição do linguista, sozinha, não seria capaz de descobrir.

O outro elemento central da Linguística de *Corpus* é a chamada **visão probabilística** da linguagem que realça o uso efetivo e observável dos sistemas linguísticos, levando em conta o contexto situacional em que os falantes os empregam. Essa visão pretende demonstrar, através da análise de dados, que, “embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (SARDINHA, 2004, p. 31).

Segundo Sardinha (2004, p. 32),

[...] uma teoria da linguagem deve incorporar a probabilidade de ocorrência dos traços. [...] o que o falante nativo pode informar é somente se o traço ou estrutura em questão é **intuitivamente** provável ou não [...]. Para saber qual a probabilidade de um traço ou estrutura é necessária, portanto, a **observação empírica** da frequência do emprego realizado por diversos usuários, em contextos definidos.²⁴

Diante disso, podemos pontuar algumas características principais que orientam os trabalhos que elegem a Linguística de *Corpus* como suporte metodológico (SARDINHA, 2004):

- i) pesquisa **empírica** e análise de **padrões reais de uso** em textos naturais;
- ii) uso de **corpus** como base de análise;
- iii) uso de **ferramentas computacionais** na análise;
- iv) utilização de técnicas **qualitativas** e **quantitativas**.

²⁴ Grifos nossos.

4.1.2 – A caracterização de um *corpus*

Tendo em vista que nossa análise parte da exploração de um ***corpus geral*** para a constituição de um ***corpus específico*** e de sua posterior descrição e exploração, cabe-nos explicitar o que é e como se constitui um *corpus* para a Linguística de *Corpus*.

Uma definição de *corpus* linguístico considerada completa é a seguinte:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ e CANTOS, 1996, p. 8-9 apud SARDINHA, 2004, p. 18).

Essa definição destaca vários pontos importantes em um *corpus*, quais sejam (SARDINHA, 2004):

(i) a **origem**, um *corpus* deve ser natural, i.e., os dados que o constituem devem existir previamente e serem colhidos a partir de realizações espontâneas e reais da linguagem e não devem ser criados com o objetivo de fazer parte do *corpus*. Deve também ser autêntico, i.e., os dados devem ter sido produzidos por falantes nativos;

(ii) o **propósito**, o *corpus* deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo, ou seja, deve ser adequado, servir aos interesses do propósito da investigação linguística;

(iii) a **representatividade**, o *corpus* deve ser representativo de uma língua ou variedade e ser suficientemente extenso de modo a representar um dos âmbitos de uso da linguagem;

(iv) a **composição**, o conteúdo do *corpus* deve ser escolhido criteriosamente e reproduzir a variedade escolhida (oral e/ou escrita) da forma mais fiel possível;

(v) a **heterogenia**, os dados que compõem o *corpus* devem ser fragmentos de textos de diversos gêneros, temáticas e autores.

É importante salientar que, mesmo possuindo todas as características acima explicitadas, o *corpus* possui seus limites e pode auxiliar no desvelamento de alguns questionamentos somente. Assim, parte-se do objeto e não da questão da pesquisa, isto é, além de representativo, o *corpus* deve se adequar aos interesses do pesquisador que, tendo uma questão a investigar, monta um *corpus* específico.

4.2 - LINGUÍSTICA COGNITIVA E LINGUÍSTICA DE *CORPUS*: UM DIÁLOGO EMERGENTE

Uma vez que o paradigma **sociocognitivo** e **construcionista** converge em direção aos **modelos de uso**, ou seja, advoga-se que o que gera os padrões linguísticos são as **reiteraões** de uma dada forma no **uso efetivo** da linguagem (cf. seção 2.4.3.1), a adoção da Linguística de *Corpus* como base metodológica vem ao encontro das pretensões analíticas sociocognitivistas, por fornecer um instrumental que auxilia a observação das construções em seu *habitat* discursivo real.

Como já delineado (seção 4.1.1), o conhecimento da **probabilidade de ocorrência** de traços tanto lexicais quanto estruturais, semânticos, pragmáticos e discursivos constitui-se como parâmetro metodológico central da Linguística de *Corpus*. Tomando, então, a linguagem como um sistema probabilístico, haverá a possibilidade de se estabelecerem relações entre traços que são mais comuns e menos comuns em um contexto determinado.

Assim, podemos pressupor que, embora muitos traços sejam reconhecidos teoricamente, nem sempre eles ocorrem com a mesma frequência, ou seja, os instrumentais da Linguística de *Corpus* tornam viável o mapeamento entre frequências de um traço e o contexto em que ocorre. A variação, então, não é aleatória, mas relaciona-se diretamente com o contexto situacional em que os traços linguísticos aparecem.

Dizer que a variação não é aleatória significa afirmar que a linguagem é **padronizada**. Conforme argumenta Sardinha (2004, p. 31),

A padronização se evidencia pela recorrência, isto é, uma colocação, coligação ou estrutura que se repete significativamente mostra sinais de ser, na verdade, um padrão lexical ou léxico-gramatical. A linguagem forma padrões que apresentam regularidade (estáveis em momentos distintos, isto é, têm frequência comparável em *corpora* distintos) e variação sistemática (correlacionam-se com variedades textuais, genéricas, dialetais, etc.).

Essa questão da padronização posta pela Linguística de *Corpus*, embora remeta de modo explícito à ideia de **estrutura** e não de **construção**, se correlaciona, de modo produtivo, com os Modelos de Uso da Gramática das Construções. Para tais modelos, a

gramática de uma língua é uma rede de símbolos ou construções erguidos na cultura. Isto quer dizer que a emergência da gramática de uma dada língua ocorre a partir de **padrões de frequência de uso** (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007; CROFT; CRUSE, 2004; BYBEE, 2003). Só que estes são **padrões construcionais**, i.e., pareamentos de forma-função, e não apenas estruturas. Passamos, assim, a reconhecer a sensibilidade dos padrões construcionais da gramática e do léxico à **frequência de ocorrência/token** – relacionada com o processo de **convencionalização** da construção - à **frequência de tipos/types** – relacionada à **produtividade** da construção.

Esses parâmetros que passam a nortear a Gramática das Construções (cf. seção 2.4) trazem à tona a questão da diversidade linguística e promovem uma virada metodológica dentro da Linguística Cognitiva, já que as análises passam a ter como âncora *corpora* naturais.

Nessa direção, os Modelos de Uso reivindicam a necessária observação **empírica** das ocorrências de traços em contextos determinados. Assim, a introspecção do linguista, como falante nativo, passa a não ser suficiente para o empreendimento analítico pretendido. Conforme assinala Miranda (2008a, p. 14), “aquilo que as pessoas **pensam** sobre o pensamento e a linguagem não é necessariamente o modo como o pensamento e a linguagem **operam**”. Cabe pontuar, contudo, que, embora a parte substancial da análise conduzida pelos parâmetros da Linguística de *Corpus* seja inteiramente objetiva, contando, inclusive, com resultados estatísticos, a interpretação dos dados não dispensa a análise qualitativa e a natural subjetividade e intuição do linguista.

Perini (inédito) vem corroborar com esta posição:

[...] a descrição linguística não se dirige a regularidades observadas em um *corpus* de ocorrências; estas só podem ser entendidas como indicações dos julgamentos da comunidade. O mesmo vale, evidentemente, para os julgamentos explicitados pelos falantes: não passam de indicações. Nenhum desses recursos pode ser tomado como decisivo; podem apenas ter um poder aditivo, aumentando a probabilidade de que a hipótese em exame seja correta (ou incorreta).

Consideradas essas observações introdutórias, procederemos à explicação da natureza e da constituição de nosso *corpus* específico, constituído das “Construções Superlativas Causais Nominais”, nosso objeto de estudo.

4.3 - A MONTAGEM DO *CORPUS* ESPECÍFICO E SUA DESCRIÇÃO.

Selecionamos, para a análise que será empreendida, um *corpus* eletrônico natural, autêntico, representativo, adequado e heterogêneo, pertencente ao registro escrito, com pluralidade de autoria (SARDINHA, 2004). Nosso objetivo foi construir um *corpus específico* que englobasse tanto o registro formal quanto o informal. Para isso, foi realizada uma coleta criteriosa de dados para compor uma amostra desejada das “Construções Superlativas Causais Nominais”, sendo utilizados os mecanismos automáticos de busca existentes em cada *site* pesquisado.

Nesse enquadre, os procedimentos adotados foram os seguintes:

1ª etapa: Listagem dos tipos/types.

Primeiro foi necessário listar os tipos/types da construção investigada, tendo como foco e como palavras-chave os verbos que a integram (Linda de *doer*, de *abalar*, de *matar*...). Essa listagem contou com a nossa intuição enquanto linguistas e consistiu na busca de exemplares possíveis, sendo que o *frame* ativado em cada cena comunicativa das ocorrências foi o critério usado para distinguir uma construção metafórica de uma não-metafórica. Esse processo nos revelou ser esta uma construção bastante produtiva já que instancia muitos tipos. O total encontrado, sem esgotar, naturalmente, os tipos existentes na Língua Portuguesa, foram 37, listados na Tabela 1 abaixo ²⁵:

Tipos/Types	Exemplos
1- DE ABAFAR	...o estilo gostosona. Até meus seios diminuíram de 93 centímetros fui para 88!, diz. Cabelo bem cuidado, corpo de abafar e lindamente bronzeado...”
2- DE ABALAR	...iluminar o mundo com suas idéias, apesar de muitas vezes não ter noção de sua força interior. O 11 apresenta um magnetismo de abalar .
3- DE ALEGRAR	Sapato sem meia num dá! Adorei Reinaldo, essa foi de alegrar!
4- DE AMARGAR	...ações subam outros 5,5% na quinta-feira, o prejuízo em julho ainda seria de 16,67%, ou seja, uma perda de amargar .
5- DE APAVORAR	Parecia que havia vozes a perseguir-me, num agarra-agarra de

²⁵ É importante salientar que esta tabela não esgota as possibilidades de ocorrência de outros *types*/tipos das “Construções Superlativas Causais Nominais” para além dos 37 investigados e os exemplos foram retirados aleatoriamente de ocorrências advindas dos três *corpora* usados na pesquisa.

	apavorar. Mal atingi a primeira travessa, parei à escuta e, como nada ouvisse...
6- DE ARRASAR	Sob a luz azul de um spot, serpenteou uma mulata clara de arrasar. Vestindo biquíni e bustiê vermelhos, ondulava a cada passo, a exibir um...
7- DE ARREBATAR	A cidade das festas e shoppings de arrebatat voltou à moda. Com novos museus, boa comida e hotéis badaladíssimos...
8- DE ARREBENTAR	O Brasil se não fosse tão rico, já teria falido, porque a corrupção tá de arrebentar.
9- DE ARREPIAR	Para quem acompanha o circuito do tênis internacional, a trajetória das duas irmãs vem sendo de arrepiar.
10- DE ARDER	Meu ouvido não é penico. Pode crer... O cara é muito ruim! É ruim de arder!
11- DE ASSUSTAR	O adversário não é de assustar - tal como o Benfica e o Cibona Zagreb.
12- DE ATROPELAR	...que veio para uma Bienal, por 10.000 dólares. Hoje, vale 200.000", conta, satisfeito. Com esse jeitão de atropelar, é claro que o viking volta...
13- DE CANSAR	É de cansar ver tanta sede de totalitarismo. É preciso esmagar a cabeça...
14- DE CHORAR	...saudades de um belo pão de queijo, rrsrs, tem uma lanchonete chamada Pan de Queso na rua da Torre de Serranos que serve um de chorar! Beijos,...
15- DE DETONAR	Tio Rei é referência mesmo. Deixem essa petralhada vir aqui também. Ao menos podemos praticar, o jogo é de detonar.
16- DE DOER	...concluiu ele, não se fazem duas aventuras daquelas, e a minha foi de doer. Você verá, agora é para sempre. A vida recomeçou tão feliz...
17- DE ENJOAR	...braceletes, bolsas, carteiras e até unhas postiças com lacinhos! No começo você até acha fofo, mas com o tempo, é de enjoar!
18- DE ENLOUQUECER	...Zé Maria, a melhor do país segundo os leitores da VT. Não tem borda infinita nem está diante de um panorama de enlouquecer, debruçada sobre o...
19- DE FODER	...posso, não tenho grana, mas falar que é feio ou que você ajudaria uma família pobre ou sei lá faria outra coisa, é de fuder, afinal, se você...
20- DE HUMILHAR	...sempre mantendo folgada vantagem para o "sim". O restante, não preciso mais repetir. Foi de humilhar!
21- DE INCENDIAR	...pão francês? A gente revela o segredo: é só fazer as contas. Queremos que você entre no biquíni com curvas de incendiar.
22- DE LASCAR	... posso aliviar " Mandico que tinha perdido tudo, estava numa " m " de lascar. Tinha vendido até seu carrinho velho onde transportava as encomendas.
23- DE MATAR	A temperatura era de matar, por as 13h30 , e o ministro era um de os vários membros...
24- DE MORRER	...mais hipnotizadas por esses olhinhos castanhos liiiindos de morrer! Atualmente, Jonas faz o papel de Peralta, de Malhação...
25- DE OFUSCAR	...quilos, exíguos, sim, mas com concentrações exatamente nos lugares certos. Isabeli Fontana tem uma daquelas belezas de ofuscar.
26- DE TREMER	...da banda de Cássia Eller, juntou-se à cantora Emanuelle Araújo, ex-vocalista da banda Eva, para montar uma dupla de tremer.
27- DE VIVER	...muito a pena, pois estamos muito felizes, ele é lindo de viver amo demais.....o sono quem sabe um dia volto a saber...para habituar seu sono...
28- DE VOMITAR	São lixo do lixo!O pronunciamento do idealizador do falso dossiê(Mercadante) ontem no senado foi também de

	vomit !Bandidos defendendo...
29-DE TIRAR O CHAPÉU	A picanha-de-sol com feijão-tropeiro, queijo coalho, aipim e manteiga de garrafa (R\$ 26,00) é de tirar o chapéu.
30- DE ABALAR AS ESTRUTURAS	Basta olhar a foto ao lado e apreciá-la no Versace semitransparente, com fenda e decote de abalar as estruturas...
31- DE COMER REZANDO	... A comida é mineira bem tradicional, servida em frigideiras e panelas de barro. O doce de leite é de comer rezando.
32- DE FECHAR O COMÉRCIO	...viu vocês numa boate, antes ou depois do caso. Era uma loira de fechar o comércio , como se dizia no passado. Uma pantera.
33- DE PARAR O TRÂNSITO	Seres modernos ao quadrado, misturados a jornalistas famintos por novidades e uma ou outra gata de parar o trânsito.
34- DE PERDER O AR	...avançando para cima da água. Você fica hipnotizado, é de perder o ar.
35- DE CORTAR OS PULSOS	Não vou dizer que é exclusivo ou cheio de charme, tb não vou dizer que é de cortar os pulsos...
36- DE ESTOURAR A BOCA DO BALÃO	Pra acompanhar, quatro tipos de pimenta, uma mais cheirosa que a outra, a mais ardida uma malagueta de estourar a boca do balão....
37- DE TIRAR O FÔLEGO	Se as cenas de ação são de tirar o fôlego , a explicação de a trama é constrangedora.

Tabela 1: Listagem dos tipos/types licenciados pela CSCN

2ª etapa: Busca de ocorrências dos tipos/types listados em *corpora* e montagem do *corpus* específico a partir destas ocorrências.

Para a montagem de nosso *corpus* específico, três fontes foram selecionadas, a saber: o *Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>), o *corpus* VISL - *Visual Interactive Syntax Learning* (<http://visl.sdu.dk/visl/pt/>), e as revistas de conteúdo *online* da Editora Abril (www.abril.com). A busca nos dois *corpora* tratados e no *site* de busca da Editora Abril procedeu da seguinte maneira: os tipos listados (Tabela 1) foram digitados como palavras-chave de busca e o *site* nos forneceu o número de ocorrências. A partir disso o trabalho foi essencialmente “braçal”, ou seja, foi necessário ler todas as ocorrências para selecionar quais se enquadravam no padrão a ser estudado, i.e., como construções metafóricas de intensidade.

Os motivos da escolha de cada uma das fontes referidas e os resultados obtidos pela busca em cada uma das três fontes é o que passamos a expor.

(i) *Corpus do Português*

O *Corpus do Português* de *Michael J. Ferreira e Mark Davies* foi selecionado por ser formado por 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos, de diversos gêneros, em Português do século XIV ao século XX (o *corpus* não dispõe de dados do século XXI). Além disso, este *corpus* permite pesquisar *palavras exatas ou frases, curingas, lemas, classes gramaticais*, ou qualquer combinação destes. Proporciona também a *pesquisa de palavras vizinhas* (colocados) com um máximo de dez palavras de cada lado (apud <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>). A organização do *corpus* pode ser visualizada através da Tabela 2 abaixo, retirada do próprio *site* indicado acima:

PALAVRAS	SÉCULO	PÁIS	GÊNERO
550,968	XIII	Portugal	
1,316,268	XIV	Portugal	
2,875,653	XV	Portugal	
4,435,031	XVI	Portugal / Brasil	
3,407,741	XVII	Portugal / Brasil	
2,234,951	XVIII	Portugal / Brasil	
10,008,622	XIX	Portugal / Brasil	
3,087,052	XX	Portugal	Acadêmico
3,271,328	XX	Portugal	Notícias
3,048,020	XX	Portugal	Ficção
1,100,303	XX	Portugal	Oral
2,816,802	XX	Brasil	Acadêmico
3,346,988	XX	Brasil	Notícias
3,028,646	XX	Brasil	Ficção
1,078,586	XX	Brasil	Oral

Tabela 2: A organização do *Corpus do Português*²⁶.

O *Corpus do Português* nos permite investigar também em que século emergem as construções buscadas. Para isso, nos é fornecido um gráfico em que há a marcação do primeiro século em que determinado tipo aparece e a frequência de ocorrência por século. Esse dado se mostra relevante para investigarmos o possível processo de gramaticalização das “Construções Superlativas Causais Nominais”. Dentre os

²⁶ Os gêneros só são especificados em ocorrências do século XX.

tipos/types encontrados no *Corpus* do Português²⁷ (Tabela 4) temos que o século XIX é o primeiro em que a construção investigada aparece. O gráfico abaixo (Figura 6) exemplifica a forma como o *site* nos apresenta essa informação:

SECCÃO	s14	s15	s16	s17	s18	s19	s20	PORT	BRAS	ACAD	NOTIC	FIC	ORAL
POR MILH	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00	1.64	0.99	1.57	0.40	0.00	0.92	1.68	1.92
MILHÕES	1.8	2.8	4.3	3.3	2.2	9.7	20.3	10.2	10.0	5.8	6.5	5.9	2.1
OCORRÊNCIAS	0	0	0	0	0	16	20	16	4	0	6	10	4

Figura 6: Gráfico ilustrativo do século em que emerge o tipo/type de *arrepiar*

As informações trazidas pelo gráfico nos permitem apontar o século em que o tipo emerge (século XIX) e a frequência de ocorrência deste tipo/type por século (16 ocorrências no século XIX e 20 no século XX). É relevante ressaltar o fato de que no *Corpus* do Português as ocorrências não se restringem a casos metafóricos. Isso explica o fato de, no gráfico, aparecerem 36 ocorrências totais do tipo *de arrepiar* sendo que somente 17 destas são licenciadas para a “Construção Superlativa Causal Nominal”. Além destas informações, o gráfico nos fornece também o número de ocorrências por gêneros (*acadêmico, notícia, ficção e oral*), sendo que esta classificação só é feita com as ocorrências que emergem no século XX.

Essa mesma busca com os demais tipos/types encontrados no *Corpus* do Português nos oferece os resultados apontados na Tabela 3 abaixo. É importante ressaltar que apenas 16 tipos, dentre os 37 investigados foram atestados neste *corpus*.

²⁷ O *site* indica, nos exemplos:
Ano 1800 = século XIX
Ano 1900 = século XX

Século	Emergência de tipos/types
XIX	De arrepiar, de assustar, de vomitar, de apavorar, de doer, de arrebatat, de enlouquecer, de tremer, de arrebentar.
XX	De morrer, de fechar o comércio, de abalar as estruturas, de arrasar, de tirar o fôlego, de lascat, de matar.

Tabela 3: Uso diacrônico da CSCN

O processo de busca, embora o *corpus* seja tratado e já nos forneça informações (o século, o número de ocorrências existentes para cada tipo pesquisado, o contexto mínimo em que está inserido e o gênero que representam), não é tão simples, uma vez que se fez necessária a leitura de cada ocorrência para selecionarmos somente aquelas que são metafóricas e, portanto, que se enquadravam no nosso estudo – “Construções Superlativas Causais Nominais”.

Após a busca realizada com todos os tipos listados (Tabela 1), mostramos na Tabela 4 o número de ocorrências encontradas²⁸. Para facilitar nossa análise e descrição do *corpus*, optamos por separar as ocorrências pertencentes ao Português do Brasil (PB) e ao Português de Portugal (PT), já que o *site* nos fornece essa identificação.

Tipos	PT	PB	TOTAL DE OCORRÊNCIAS
De arrepiar	15	2	17
De matar	0	7	7
De enlouquecer	3	3	6
De doer	1	3	4
De arrasar	0	4	4
De assustar	2	2	4
De arrebatat	0	3	3
De morrer	3	0	3
De lascat	0	2	2
De apavorar	1	1	2
De tirar o fôlego	0	2	2
De arrebentar	0	1	1
De abalar as estruturas	0	1	1
De fechar o comércio	0	1	1
De vomitar	1	0	1
De tremer	1	0	1
Total de tipos: 16	27	32	59

Tabela 4: Tipos e número de ocorrências da CSCN encontradas no *Corpus* do Português

²⁸ É importante salientar que os tipos/types que não aparecem na Tabela 4, não ocorreram em textos do *Corpus* do Português e também que o *Corpus* do Português é equilibrado em termos do número de *tokens* do PT e PB no século XX.

(ii) **VISL - Visual Interactive Syntax Learning**

O *corpus* VISL é o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo Instituto de Linguagem e Comunicação da Universidade do Sul da Dinamarca. Desde setembro de 1996 um grupo de pesquisa e estudantes do Instituto vem desenvolvendo e implementando a ideia de se “fazer gramática” pela *internet* tanto para pesquisas em linguística quanto para o ensino de língua. O projeto se iniciou com a montagem de *corpus* de quatro línguas – Inglês, Francês, Alemão e Português. Posteriormente, entraram no projeto o Espanhol, Esperanto e o Dinamarquês (<http://visl.sdu.dk/visl/about/>).

A organização do *corpus* VISL/Português pode ser visualizada através da Tabela 5 abaixo:

PALAVRAS	FONTE
115 mil	Floresta Público
24 mil	Floresta Folha
27.2 milhões	Europarl
11.3 milhões	Wikipedia
18 milhões	Público / 91
38.4 milhões	Público / 92
38.4 milhões	Público / 93
38.4 milhões	Público / 94
38.4 milhões	Público / 95
38.4 milhões	Público / 96
38.4 milhões	Público / 97
38.4 milhões	Público / 98

Tabela 5: A organização do *corpus* VISL/Português

Em nossa pesquisa, somente encontramos ocorrências do nosso objeto na *Floresta Folha*, que possui textos em Português do Brasil e no jornal *Público*, que possui textos em Português de Portugal. Um dado que deve ser destacado é que o processo de busca neste *site* não ocorre de maneira global, ou seja, ao digitarmos a palavra-chave da busca, temos também que selecionar a fonte, já que a busca é realizada em uma fonte (Tabela 5) de cada vez. No jornal *Público*, por exemplo, tivemos que fazer a busca em cada ano separadamente e, dentre todas as ocorrências, selecionar as que se encaixavam em nosso estudo.

O resultado final de nossa busca no VISL/Português é demonstrado na Tabela 6 a seguir, onde só foram oito tipos licenciados para a CSCN.

Tipos	VISL/PB/FOLHA DE SÃO PAULO	VISL/PT/ PÚBLICO	TOTAL DE OCORRÊNCIAS
De tirar o fôlego	12	9	21
De arrasar	2	16	18
De assustar	7	8	15
De enlouquecer	1	5	6
De chorar	3	1	4
De matar	2	1	3
De morrer	1	1	2
De vomitar	0	1	1
Total de tipos: 8	28	42	70

Tabela 6: Tipos e número de ocorrências da CSCN encontradas no *corpus* VISL/Português

(iii) **Revistas da Abril.com**

Uma vez que os *corpora* VISL e o *Corpus* do Português apresentaram poucas ocorrências de nossa construção (**129** no total) e diante do fato de ambos veicularem uma linguagem mais formal, isso nos pareceu, à primeira vista, uma pista de que nossa construção deveria estar mais próxima de uma variante informal. A limitação (ou quase ausência) de *corpora* tratados em Português, em especial *corpora* com variante oral e/ou informal da língua, revelou-se como uma grande dificuldade para a pesquisa. Tal fato obrigou-nos a buscar novas fontes de dados, o que, a princípio, representa uma ruptura com os parâmetros da Linguística de *Corpus* (cf. seção 4.1.1). Entre romper com o rigor metodológico ou viabilizar a pesquisa, optamos pela segunda. Assim, decidimos, então, ampliar nossa busca para o *site* <http://www.abril.com.br/> - fonte que poderia nos fornecer um número maior de ocorrências já que veicula textos de gêneros muito variados.

O *site* da Editora Abril não é um *corpus* tratado, ou seja, trata-se de uma base de dados, um *corpus* bruto não preparado para a pesquisa linguística. Assim, não há como sabermos, ao certo, o tamanho da nossa fonte. Um dos motivos é o *site* ser atualizado

diariamente. Para nossa busca em especial, no entanto, esta base de dados foi de total relevância por motivos que passamos a explicar adiante.

O *site* da Editora Abril, além de publicar várias revistas de circulação nacional, todas com uma página disponível na *internet*, também disponibiliza um mecanismo de busca capaz de recolher ocorrências com a palavra chave identificada em todas as revistas que as apresentarem.

Decidimos, então, utilizar os instrumentos automáticos de busca existentes no próprio *site* uma vez que teríamos a possibilidade de acesso a públicos alvos diversos, assuntos variados e em graus de formalidade linguística distintos, caracterizando, pois, diferentes situações de utilização da linguagem.

Ao digitarmos a palavra chave, no caso um dos tipos listados (Tabela 1), no domínio de busca do site da Editora Abril, o termo de busca é apresentado em negrito dentro de um contexto linguístico satisfatório, que nos permite verificar se a palavra foi usada no seu sentido básico ou se é um caso de projeção figurativa característica da CSCN. Ao lado do espaço em que aparecem os contextos básicos em que os tipos ocorrem, há uma lista de todas as revistas do *site* em que foram encontradas ocorrências e a quantidade delas. Assim, basta clicar em cada revista e verificar quantas das ocorrências discriminadas se enquadram em nosso objeto de estudo – um minucioso trabalho de leitura.

Assim, a Tabela 7 a seguir mostra a distribuição das ocorrências encontradas para cada tipo pesquisado no site da Editora Abril, no período de janeiro a março de 2009.

Tipos	Número de ocorrências
De lascar	297
De tirar o fôlego	296
De doer	108
De arrasar	94
De arrepiar	92
De morrer	70
De matar	58
De chorar	51
De assustar	26
De tirar o chapéu	26
De parar o trânsito	24

De vomitar	19
De enlouquecer	18
De amargar	18
De comer rezando	15
De arrebentar	7
De viver	6
De enjoar	4
De fechar o comércio	4
De incendiar	3
De estourar a boca do balão	3
De ofuscar	2
De abalar	2
De cortar os pulsos	2
De arrebatat	2
De cansar	2
De fuder	2
De abafar	1
De apavorar	1
De humilhar	1
De tremer	1
De arder	1
De abalar as estruturas	1
De atropelar	1
De detonar	1
De perder o ar	1
De alegrar	1
Total de tipos: 37	Número total de ocorrências: 1261

Tabela 7: Tipos e número de ocorrências da CSCN encontradas no site da Editora Abril

Como demonstra a Tabela 7, a busca no *site* da Editora Abril correspondeu à nossa expectativa, trazendo-nos uma ocorrência total de 1261 *tokens* para 37 *types*/tipos.

Após todo esse processo de busca e seleção das ocorrências nas três fontes identificadas, montamos um *corpus* específico (Anexos 1, 2 e 3)²⁹ relativamente grande, com 37 tipos e um total de 1.390 ocorrências.

²⁹ *Corpus* digitalizado em CD que acompanha a dissertação.

3ª etapa: uso do instrumental *WordSmith Tools* versão 5.

Para auxiliar na análise do *corpus* da Editora Abri³⁰ que constituímos, utilizamos a ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools*, versão 5. Essa ferramenta permite tanto a visualização da palavra de busca (*search word*) no contexto em que ocorre como também destacar outra palavra além da *search word*. Além disso, por identificar uma lista de agrupamentos lexicais (*clusters*) e uma lista de padrões (*patterns*) que exhibe os colocados³¹ em grupos, nas posições mais freqüentes, auxilia na detecção de possíveis regularidades nas construções.

A posse de tal instrumental auxiliou na visualização dos padrões construcionais formados.

4ª etapa: Análise quantitativa e qualitativa das Construções Superlativas Causais Nominais do Português a partir dos parâmetros dos Modelos de Uso e da Gramática das Construções.

Após a apresentação de todo o percurso percorrido na coleta de dados, desde a listagem de tipos até a montagem final do *corpus* específico, passaremos, no próximo capítulo, para a análise propriamente dita em que, além das análises quantitativas, serão evidenciadas as motivações cognitivas e será proposta uma descrição semântico-pragmática e formal para o padrão construcional que emerge do *corpus*.

³⁰ Para os dados coletados de *corpora* tratados não foi necessário o uso do instrumental *WordSmith Tools* uma vez que estes *corpora* já possuem ferramentas próprias que auxiliam na visualização dos dados.

³¹ Os colocados são palavras que ocorrem ao redor da palavra de busca em posições determinadas.

5- A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA CAUSAL NOMINAL

Conforme já explicitamos à Introdução e no capítulo 3, no qual tratamos do fenômeno da intensificação, este estudo representa mais um produto do macroprojeto “Construções Superlativas no Português do Brasil – um estudo sobre a semântica de escalas” (CNPq – 2008) cujo foco é o desvelamento de padrões formais e semântico-pragmáticos de uma rede de construções metafóricas que evocam um *frame* de Escala em seu grau superlativo, com valor mínimo ou máximo. Estamos nos referindo à rede de Construções Superlativas do Português que, de acordo com Miranda (2008a, p. 2),

Trata-se de um repertório de construções variadas do PB, distintas em termos formais, e que se alinham, em termos de elos familiares, em torno de uma dimensão conceptual e de uma dimensão comunicativa básicas:

DIMENSÃO CONCEPTUAL: expressão superlativa em uma gradação; evocação do *frame* de uma escala, focalizada no seu grau máximo ou mínimo, e motivada figurativamente (por metáfora e/ou metonímia);

DIMENSÃO COMUNICATIVA: saliência expressiva através de motivação figurativa e humor.

Este capítulo propõe uma descrição de mais um nódulo dessa rede de Construções Superlativas, as Construções Superlativas Causais Nominais (CSCNs), a partir de um recorte **sincrônico** que correlacione sua arquitetura formal com seu polo de significação semântico-pragmática. Os exemplos abaixo ilustram as CSCN estudadas:

(1) ...também vale para hotéis e restaurantes. Mas justiça seja feita, a *cidade é linda de doer*. E deve ser *linda de chorar* durante o inverno...
http://viajeaqui.abril.com.br/blog/73137_comentarios.shtml?352217...

(2)... garotas travam com o espelho. Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para *um visual de arrasar*, a dica é dar...
<http://www.abril.com.br/noticias/comportamento/maneiras-certeiras...>

(3)... edifícios gigantescos, shoppings mais capitalistas do que nunca, *mulheres bonitas de doer* e gente podre de rica...
http://www.viajeaqui.abril.com.br/blog/127465_comentarios.shtml...

A razão da escolha deste objeto está no propósito de contribuir com a descrição do Português, enriquecendo-a com um novo padrão construcional. Trata-se, como pretendemos evidenciar no presente capítulo, de uma construção que apresenta *um modo peculiar, metafórico de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físico, orgânico ou emocional, que se manifestam de forma negativa sobre o Afetado*. Tal estratégia de saliência expressiva e de modalização, amplamente usada em

nossa língua, tem sido, no entanto, negligenciada nos estudos semântico-pragmáticos do Português. Como vimos no capítulo 3, nenhum estudo sobre tais construções foi encontrado na literatura linguística do Português do Brasil ou Europeu.

Tendo, pois, como hipótese central a afirmação de um padrão expressivo como uma construção superlativa do Português, nossa proposta analítica consiste, portanto, em investigar, sob a perspectiva privilegiada da Linguística Cognitiva (cf. cap. 2), as multidimensões da CSCN recobrando os seguintes pontos:

- (i) A motivação conceptual da construção – esquemas imagéticos e processos metafóricos e metonímicos – de modo a desvelar os processos cognitivos que a configuram;
- (ii) A arquitetura formal e semântico-pragmática da CSCN.

De modo a cumprir nossa agenda investigativa, nas seções seguintes passaremos a considerar a multidimensionalidade da CSCN buscando explicitar, em primeiro lugar, sua motivação conceptual (seção 5.1) para, posteriormente, tratarmos da CSCN de modo mais amplo (seção 5.2). As dimensões semântico-pragmáticas (polo da significação) que caracterizam e definem a CSCN como um nóculo construcional dentro da gramática do Português e sua dimensão formal serão discutidas na seção seguinte (5.3), onde também nos deteremos nos padrões construcionais (*types*) e de ocorrência (frequência de *tokens*) de modo a configurar, de forma mais precisa, os padrões reais de uso da construção em foco. Na seção 5.4 trataremos da não-sinonímia semântico-pragmática da construção e seu processo de convencionalização. O processo de gramaticalização da CSCN será pontuado na seção 5.5 e a emergência da metáfora complexa “Viver é Guerrear”, seu mapeamento e submetáforas que evoca são pontos explicitados na seção 5.6. Por fim, na seção 5.7 elencaremos os ganhos analíticos obtidos com a análise.

5.1 – A MOTIVAÇÃO CONCEPTUAL DA CSCN

Como vimos assumindo, dentro do paradigma sociocognitivo e construcionista, “gramática é conceptualização” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 1). Nesses termos, a

gramática é tida como uma rede de signos, isto é, emparelhamentos de forma e modos de significação semântico-pragmática. Mais que isso, a gramática é **motivada** conceptual e pragmaticamente. Assim, tanto a dimensão conceptual que envolve a participação de esquemas pré-conceptuais básicos, domínios conceptuais, projeções entre domínios, metáforas e metonímias, como a dimensão pragmática que implica o uso linguístico, funcionam como *inputs* da gramática, intrinsecamente correlacionados.

Assim, nesta seção, pretendemos desvelar a motivação cognitiva da CSCN. Consideremos o exemplo (2): ... garotas travam com o espelho. Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para um visual de arrasar, a dica é dar...; a cena desta ocorrência evoca a força de uma entidade não humana (*visual*) possuidora de um Atributo superlativo implícito (*lindo*) sobre uma entidade humana Afetada.

Tal cena deixa entrever, primeiramente, o esquema imagético da Força, configurado em termos do Modelo da Dinâmica das Forças (TALMY, 2000) (cf. seção 2.3.1.1). Para Talmy (2000), o Modelo da Dinâmica das Forças tem a seguinte estrutura: *duas entidades de força – um Agonista, foco da atenção e do exercício da força, e um Antagonista, a entidade de força que se opõe ao Agonista*. Tais entidades apresentam uma *tendência de força intrínseca* tanto para o repouso quanto para o movimento, e nessa interação, *a oscilação das forças* implicará uma entidade de força igual, mais fraca ou mais forte que a outra.

Nas Construções Superlativas Causais Nominais, tal modelo se traduz na força do Agonista, o que faz dele o foco da construção, de tal modo que o Antagonista não é lexicalmente expresso. O *script* da cena é o seguinte:

- (i) O Agonista (Agente/Causativo) exerce uma **força** sobre o (s) Antagonista (s) (Afetado (s));
- (ii) Tal força desencadeia a tendência intrínseca ao movimento do Agonista contra o Antagonista, entidade mais fraca.

Assim, em termos do Modelo da Dinâmica das Forças, podemos propor o seguinte diagrama³² para o exemplo (2) retomado abaixo:

³² Conceitos básicos usados no diagrama:

Figura convexa = antagonista

Círculo = agonista

+ = entidade mais forte

Ponto preto = repouso

Traço e seta = o resultado da interação de forças é o movimento

(2)... garotas travam com o espelho. Mas que tal desatar esse nó e assumir as suas madeixas como elas são? Para um visual de arrasar, a dica é dar... <http://www.abril.com.br/noticias/comportamento/maneiras-certeiras...>

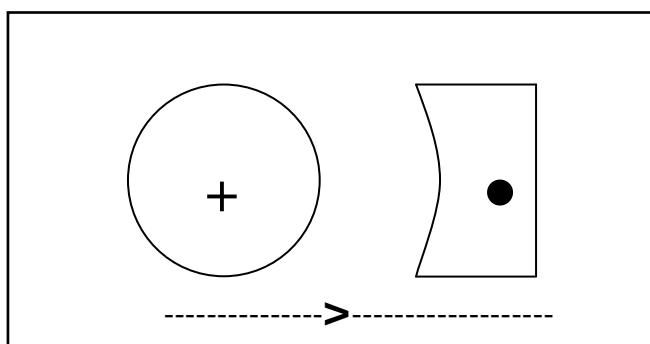


Figura 7: Esquema da Dinâmica das Forças da CSCN – Agonista mais forte

Neste exemplo, temos um Causativo (*um visual*) que é o Agonista (tem tendência ao movimento e nesse estado permanece, uma vez que, na interação das forças, é a entidade mais forte) cuja intensidade de um Atributo implícito na cena (*lindo, maravilhoso*) exerce uma força sobre o Afetado (Antagonista), força esta metaforicamente expressa pela UL *arrasar*. O Antagonista (enunciador) não consegue inverter a tendência do Agonista, uma vez que sua voz se revela apenas através da prática de um ato de fala avaliativo. Portanto, o resultado desse encontro de forças é a manutenção da força intrínseca “agônica”.

Subjacente a este cenário temos ainda a metáfora primária que articula causa e força física – CAUSA É FORÇA FÍSICA.

De acordo com Lakoff e Johnson, o centro do conceito de causalidade é a interferência consciente e voluntária do homem através da força física. Essa noção prototípica de causalidade, envolvendo a ação física, que resulta em uma mudança, levará à formulação da metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999) (cf. seção 2.3.3.1).

Com isso, a união do julgamento de causa à experiência sensório-motora de força resulta na metáfora em questão, utilizada em casos de extensão radial do protótipo (quando a força física é perceptível), quando a causalidade abstrata é conceitualizada metaforicamente em termos da força física (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Como vimos no capítulo 3, a intensidade é sempre representada em termos de cenas básicas como dimensão, verticalidade, escala e força. No cenário conceptual da

CSCN a **causa** é, pois, metonimicamente representada pela **intensidade**, como vimos no exemplo (2), o que nos permite evocar a mesma metáfora de forma mais específica: INTENSIDADE É FORÇA FÍSICA.

Outra metáfora primária presente nas bases conceptuais da CSCN e que tem como estofo o esquema imagético da Escala (cf. seção 2.3.1.1) é INTENSIDADE É ESCALA.

A CSCN é caracterizada basicamente por Unidades Lexicais (seção 5.3.3) que se agrupam em uma escala semântica referente ao grau de impacto físico, orgânico ou emocional causado no Afetado pelo uso metafórico dessas ULs, como *morrer*, *doer*, *arrepisar*, *vomitar*, entre outras. Segundo Lakoff (1987), o aspecto de “mais” ou “menos” básicos da experiência humana é a base do esquema de Escala que, por sua vez, ancora o desvelamento do significado semântico-pragmático da CSCN mesmo que os impactos físico, emocional ou orgânico acima referidos não possam ser quantitativamente medidos.

O resultado dessas motivações conceptuais se traduz em uma **compressão** da cena *scriptizada*, o que pode ser claramente observado na estrutura formal e informacional da CSCN:

- (i) O Agonista (Agente/Causativo) (+ forte), como foco atencional da cena, emerge lexicalmente e em posição de tópico;
- (ii) O (s) Antagonista (s) (Afetado (s)) (+ fraco (s)) é lexicalmente apagado, não tendo expressão sintática;
- (iii) As consequências/efeitos da força exercida pela intensidade têm expressão sintática (ULs verbais precedidas da preposição *de*);
- (iv) O Atributo graduado pode ou não ter expressão lexical. É, na maioria das ocorrências, metonimicamente absorvido pelo seu possuidor (TODO PELA PARTE).

No exemplo (4) a seguir temos o Agonista (Causativo) expresso lexicalmente, sendo o foco atencional da cena (*gasolina*). O Antagonista, por sua vez, é apagado e, no caso do exemplo em questão, infere-se ser o “*dono do carro*”. A UL *assustar*, precedida da preposição *de*, expressa a consequência/efeito da força exercida pela intensidade. O Atributo graduado, por sua vez, não tem expressão lexical e é metonimicamente absorvido pelo seu possuidor (*gasolina*).

(4) ... carros que não atendem as necessidades dos próprios americanos. São carros que quebram muito e gastam uma *gasolina de assustar*.
http://quatorrodas.abril.com.br/noticias/134937_p.shtml

Um ponto relevante a ser retomado aqui se refere à estrutura informacional da CSCN. Conforme vimos, um dos aspectos apontados na escassa literatura sobre o fenômeno da intensificação (cf. cap. 3) é sua atuação enquanto estratégia retórica relacionada à força argumentativa. Assim, as formas linguísticas usadas enquanto intensificadores são usualmente *empregadas com o propósito, dentre outros, de expressar o grau de apreciação, manipular (impressionando o alocutário) e persuadir, revelando, desse modo, a intenção da fala*.

A maneira como se configura o âmbito semântico e pragmático da CSCN vai ao encontro da questão da força argumentativa, só que, neste caso específico, temos a demarcação do grau de intensidade de um Atributo através de uma força imposta pelo Agonista – força esta executada e direcionada ao Antagonista através de impactos físicos (*arrasar, abalar, detonar...*), orgânicos (*arder, chorar, tremer...*) ou emocionais (*alegrar, enlouquecer...*).

De fato, esta cena conceptual constitui-se como motivadora não só da CSCN, mas de muitos outros nódulos da rede de construções superlativas já estudadas dentro do nosso macroprojeto (cf. cap. 3).

Tal achado analítico constitui-se como um forte argumento em favor do papel da metáfora e da metonímia na constituição da gramática e do léxico. A esta questão voltaremos na seção 5.6, quando uma metáfora complexa estruturada em nossa cultura “Viver é Guerrear”, poderá ser explicitada e demarcará, ainda de modo mais contundente, este papel das projeções figurativas na emergência de novos padrões construcionais na língua.

A descrição da arquitetura formal e semântico-pragmática da CSCN é o foco das próximas seções.

5.2 – A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA NOMINAL GENÉRICA DO PORTUGUÊS

Nosso foco investigativo é, conforme já dito, um nóculo de uma grande rede de padrões construcionais superlativos, constituída de construções mais ou menos centrais. Nosso propósito, ao focalizar um nóculo periférico, é evidenciar que a periferia – longe da idiosincrasia a ela atribuída – se encontra com o centro, na medida em que apresenta padrões de regularidade, analisabilidade e produtividade. Neste sentido é, a um só tempo, *output* do sistema, porque dele se origina; e *input*, porque fornece novas alternativas de expressão.

É na perspectiva acima exposta que passamos a descrever a CSCN.

Começamos, então, nos termos da Gramática das Construções (cf. seção 2.4), por propor um padrão mais aberto para a rede construcional em foco que recobre as combinações mais canônicas ou regulares do Português. Assim, postulamos a Construção Superlativa Nominal Genérica do Português, uma macroconstrução que pode ser configurada da seguinte forma:

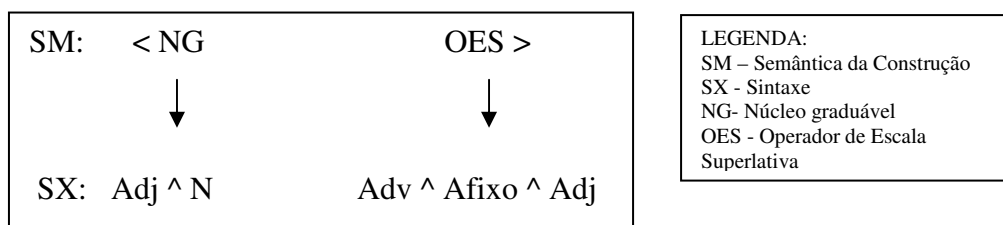


Figura 8: Formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português

A Figura 8, baseando-nos em Goldberg (1995), mostra, de modo genérico, a formalização da Construção Superlativa Nominal Genérica do Português. Utilizando, como exemplo de instanciação de Núcleo Graduável (NG), o adjetivo *linda*, ao qual é aplicado um Operador de Escala Superlativa (OES) que pode ser tanto um advérbio, a exemplo de *demais*, ou um sufixo, a exemplo de – *íssimo* ou um prefixo como – *hiper*. Temos os seguintes exemplos:

(5) Ela é muito chata. / Ela é chatíssima. / Ela é hiperchata (grau superlativo).

Adv.	Adj.	Adj. + sufixo	Prefixo + Adj.
OES	NG	NG OES	OES NG

(6) Ele tem uma boca enorme. / Ele tem uma bocarra. (grau aumentativo)

Subs.	Adj.	Subs. + sufixo
NG	OES	NG OES

Em termos semânticos, portanto, temos um Núcleo Graduável (NG) e um Operador de Escala Superlativa (OES) que se fundem, de modo analítico ou sintético, à categoria sintática de adjetivo ou substantivo no emparelhamento do que estamos chamando de Construção Superlativa Nominal Genérica do Português.

Estas são, de fato, estratégias de intensificação inteiramente gramaticalizadas em nosso idioma, e, por isso, agregadas à descrição de nossas gramáticas³³. O que sabemos, contudo, é que a Língua Portuguesa, em sua gama de riqueza expressiva do léxico ou da morfologia, oferece uma rede muito mais ampla de construções de intensidade. Assim, passamos a evidenciar que a CSCN é um dos nós dessa rede. Embora se configure semanticamente como uma construção superlativa em que a um NG se aplica um OES, em termos da forma, temos unidades lexicais **verbais** ocupando a função semântica de Operador Escalar Superlativo. É o que trataremos na próxima seção.

5.3 – A CORRELAÇÃO ENTRE O POLO DA FORMA E O POLO DA SIGNIFICAÇÃO DA CSCN

Conforme sinalizamos às seções anteriores, nossa hipótese é de que a Construção Superlativa Causal Nominal tem, dentro da rede de Construções Superlativas, o estatuto de uma construção do Português, dada a sua especificidade em exprimir, de modo metafórico, uma gradação máxima e mesmo hiperbólica de um Atributo de uma entidade.

Como um padrão construcional, sabemos que diferentes níveis de esquematicidade podem emergir, considerando os graus de idiomatidade ou as possibilidades de preenchimento aleatório: as **Construções abertas ou macroconstruções**, as **Construções semiabertas ou mesoconstruções** e as **Construções cristalizadas** (cf. seção 2.4.3).

³³ O uso de prefixo para marcar grau do adjetivo, ainda que seja uma forma mais informal e menos convencionalizada, já é considerado pelas gramáticas normativas.

Com a finalidade de clarear nosso percurso argumentativo, comecemos, pois, por uma identificação mais genérica da Construção Superlativa Causal Nominal, uma mesoconstrução, a partir de uma divisão em seus dois polos: o polo da forma e o polo de significação semântico-pragmática.

No polo da forma nossos *corpora* desvelam três variações. Primeiro, temos uma estrutura **produtiva** que irradia dois padrões:

$$(i) \quad \boxed{X_N \quad (W)_{ADJ} \quad de \quad Y_V}$$

(7) ...de Leonardo Coutinho na VEJA desta semana. Tribos brasileiras ainda praticam o infanticídio. O livro traz histórias de arrepiar. Impressionante...

$$X_N \quad Y_V$$

http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007_08_05_reinaldo-azeve...

(8) ...Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar uma mulher feia de doer.

$$X_N \quad W_{ADJ} \quad Y_V$$

http://mundo_estranho.abril.com.br/historia/pergunta_287735.shtml

$$(ii) \quad \boxed{X_{SN} \quad \text{cópula} \quad (W)_{ADJ} \quad de \quad Y_V}$$

(9) ...tão simplista é inverter tudo em nome da ideologia ditatorial fracassada que quer implantar no Brasil. Esse PHA é de vomitar.

$$X_{SN} \quad Y_V$$

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/12/o-choror-dos-anes...>

(10) ...Quem foi que votou nesse cara, hein?! Deve estar arrependido ou é tão sem noção quanto ele. Esse senador é chato de doer, mas é oportunista, sonso...

$$X_{SN} \quad W_{ADJ} \quad Y_V$$

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/08/revolucao-gramscian...>

Nos exemplos acima, temos em (i) um X expresso por um Nome, (W) representado por um Adjetivo que pode ser lexicalmente expresso (exemplo 8) ou não (exemplo 7) e um Y expresso por Verbos que indicam impacto físico, orgânico ou

emocional. Já em (ii) temos um X representado por um Sintagma Nominal, uma vez que temos, após este SN, verbos de cópula. Além disso, temos o Adjetivo (W), que pode ser expresso (exemplo 10) ou não (exemplo 9) e Verbos (Y) precedidos da preposição *de*.

Duas marcas da estrutura formal, como evidenciaremos neste estudo, merecem realce.

A primeira respeita ao fato de os verbos usados nesta cena serem prototipicamente transitivos, sem, no entanto, apresentarem **complemento lexicalmente expresso**. Nesta construção há uma destransitivização, como ilustra o exemplo abaixo com o verbo transitivo direto *matar*:

(11) Brasil no corpo, pílula do demônio e tanto encanto no olhar, um sorriso de matar. Tinha o defeito e era leve, dava pena... (*Corpus do Português*)

Como segunda marca estrutural temos o caráter opcional da categoria do Adjetivo, o que também pode ser exemplificado em (11) acima, em que o Adjetivo (W) não é expresso lexicalmente.

- (iii) Um terceiro padrão, distinto dos primeiros e constituído de construções cristalizadas, isto é, com preenchimento lexical pleno, também foi encontrado. Nesse caso temos verbos transitivos que preservam seu objeto.

(12) A estrela da mais recente produção de Steven Spielberg não é Sharon Stone, mas também é **de fechar o comércio**.
http://super.abril.com.br/superarquivo/1996/conteudo_36308.shtml

Dada a cristalização desses casos, deixaremos de tê-los em foco em nossas análises, voltando a eles apenas na seção 5.4.2.

Quanto ao polo da significação temos, semanticamente, a expressão de valor **superlativo** que pode ser descrita nos seguintes termos:

- a) Um Agente (humano) ou uma Causa (não humana) cuja intensidade de um Atributo afeta o enunciador e/ou uma terceira pessoa (Afetados);

- b) O valor superlativo e o efeito sobre o (s) Afetado (s) são metaforicamente expressos por verbos (antecedidos da preposição *de*) que, majoritariamente, se agrupam em *frames* de Causa.

Como exemplo, temos:

(13) ...propinas para a liberação de recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) captou uma frase de arrepiar, revelada...
http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008_05_11_reinaldo_azeve...

Neste exemplo temos uma Causa (não humana), *uma frase*, cuja intensidade de um Atributo que está implícito e pode ser inferido pela cena (*horrível, imoral...*), atinge os Afetados (*enunciador e quem captou a frase*) não expressos lexicalmente. Esse valor superlativo implícito e o efeito sobre os Afetados são metaforicamente expressos pela forma verbal *arrepiar*.

(14) ...Campinas como é que é? O bigodudo afetado do Mercadante não gostou que a ex-gorda, mas ainda feia de doer, ideli “ciscasse pra dentro”?! ora...
<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2009/03/e-renan-emplaca-c...>

Já neste exemplo (14) temos um Agente (humano), *a ex-gorda*, cuja intensidade de um Atributo explícito na cena (*a feiúra*), atinge os Afetados (*enunciador e Mercadante*). Esse valor superlativo e o efeito sobre os Afetados são metaforicamente expressos pela forma verbal *doer*. Assim, teríamos uma *ex-gorda* muito feia, extremamente feia, uma *ex-gorda feia de doer*.

Em termos da significação pragmática, temos a configuração seguinte:

- c) Tal construção implica inferências avaliativas positivas ou negativas dependendo do *frame* ativado em cada instanciação da Construção Superlativa Causal Nominal.

É assim que, como veremos em nossas análises (seção 5.3.7.2), verbos de semântica de base de valor negativo que integram a CSCN, como *doer* (“O Fiat pode ser bom, mas o preço é de doer. Temos várias outras opções mais em conta: Ford Focus, Fiat Punto...para outro Corolla...”), expressam uma avaliação também negativa da cena, devido ao *frame* negativo ativado. Já no exemplo “... mas que maravilha!!!! Parabéns pelo vídeo, foi de arrepiar!!! Esse eh o Brasil dos verdadeiros brasileiros....MARAVILHOSO...” com o

verbo *arrepiar*, o impacto sobre o Afetado (*enunciador*) permanece negativo mesmo que o *frame* ativado seja positivo.

O uso da intensidade como estratégia modalizadora, impondo forças na dinâmica intencional discursiva é outra especificação do uso (seção 5.3.7.3). Além disso, também se desvela o uso da CSCN em gêneros textuais específicos (seção 5.4.1).

A partir da configuração genérica das Construções Superlativas do Português, podemos propor o seguinte diagrama para a CSCN, uma mesoconstrução, semiespecificada:

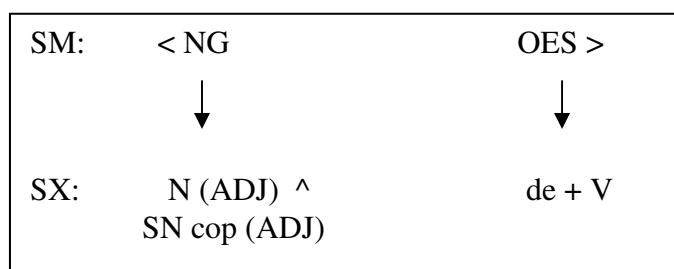


Figura 9: Formalização da Construção Superlativa Causal Nominal (CSCN)

A configuração desenhada para a Construção Superlativa Causal Nominal na presente seção deixa entrever que o Operador de Escala Superlativa (OES) é expresso por formas verbais antecidas da preposição *de*, como ilustra o exemplo (15) abaixo:

(15)...o senso de humor é próprio dos seres inteligentes. Não é para os grosseiros esquerdopatas. Chatos de doer. Como dizia o Ibrahim...

NG OES

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/10/bananas-de-pijama...>

O esperado é que a função de Operador de Escala Superlativa (OES) seja ocupada por categorias gramaticalizadas para tal função, como os advérbios e afixos. Nas CSCNs isso não ocorre, uma vez que uma **categoria verbal** se combina com uma **categoria nominal** para expressar grau máximo de intensidade desta e não para criar um **predicado discursivo “real”**. Assim, na CSCN temos uma reanálise semântica das unidades lexicais verbais que passam à função semântica de Operador de Escala Superlativa.

Há, portanto, na CSCN, um Núcleo Graduável, que normalmente é associado a Operadores de Escala Superlativa, formalmente representados por advérbios ou afixos,

que se integra com uma unidade verbal antecedida da preposição *de*, conforme ilustrado no exemplo (15), que é reanalisada semanticamente como um Operador Escalar.

Após esta identificação mais genérica da CSCN, passamos, nas próximas seções, a nos deter, com mais detalhes, sobre cada um dos polos construcionais da CSCN anunciados.

5.3.1 – Os aspectos semânticos da construção

Nossas análises, conforme anunciado, nos conduziram à seguinte postulação: a Construção Superlativa Causal Nominal expressa um **grau superlativo** de um Atributo que **causa** um efeito, um impacto sobre o enunciador e/ou uma terceira pessoa (Afetados). A expressão superlativa desse Atributo e seu impacto são metaforicamente expressos por unidades lexicais verbais que integram, em sua grande maioria, *frames* de Causa.

Observemos o exemplo (15) retomado abaixo:

(15)...o senso de humor é próprio dos seres inteligentes. Não é para os grosseiros esquerdopatas. **Chatos de doer**. Como dizia o Ibrahim...
<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/10/bananas-de-pijama...>

Neste exemplo, o que podemos inferir é que os *esquerdopatas* (Agente) são tão *chatos* (Atributo) que causam um impacto sobre o Afetado (*enunciador*), impacto metaforicamente expresso pela *dor*. Dito de outro modo, de fato ninguém sente dor, apenas sofre o impacto do valor superlativo de uma propriedade.

O significado da Construção Superlativa, portanto, se impõe ao das ULs verbais de base que, circunscritas em distintos *frames* de Causa (seção 5.3.3), passam a ocupar a função semântica de Operador Escalar na Construção Superlativa Causal Nominal, em um *frame* de Escala. Em síntese, a reanálise semântica promove uma primeira mudança de *frame* (da outra mudança falaremos na seção 5.3.2.2).

Conforme apresentamos no capítulo de Metodologia (cf. cap. 4) e retomamos aqui, dentro dos limites dos *corpora* investigados, foram encontrados 28 *types*/tipos destas ULs verbais em Construções Superlativas Causais Nominais:

Tipos/Types	Exemplos
1- DE ABAFAR	...o estilo gostosona. Até meus seios diminuíram de 93 centímetros fui para 88!, diz. Cabelo bem cuidado, corpo de abafar e lindamente bronzeado..."
2- DE ABALAR	...iluminar o mundo com suas idéias, apesar de muitas vezes não ter noção de sua força interior. O 11 apresenta um magnetismo de abalar .
3- DE ALEGRAR	Sapato sem meia num dá! Adorei Reinaldo, essa foi de alegrar!
4- DE AMARGAR	...ações subam outros 5,5% na quinta-feira, o prejuízo em julho ainda seria de 16,67%, ou seja, uma perda de amargar .
5- DE APAVORAR	Parecia que havia vozes a perseguir-me, num agarra-agarra de apavorar . Mal atingi a primeira travessa, parei à escuta e, como nada ouvisse...
6- DE ARRASAR	Sob a luz azul de um spot, serpenteou uma mulata clara de arrasar . Vestindo biquíni e bustiê vermelhos, ondulava a cada passo, a exhibir um...
7- DE ARREBATAR	A cidade das festas e shoppings de arrebatat voltou à moda. Com novos museus, boa comida e hotéis badaladíssimos...
8- DE ARREBENTAR	O Brasil se não fosse tão rico, já teria falido, porque a corrupção tá de arrebentar .
9- DE ARREPIAR	Para quem acompanha o circuito do tênis internacional, a trajetória das duas irmãs vem sendo de arrepiar .
10- DE ARDER	Meu ouvido não é penico. Pode crer... O cara é muito ruim! É ruim de arder!
11- DE ASSUSTAR	O adversário não é de assustar – tal como o Benfica e o Cibona Zagreb.
12- DE ATROPELAR	...que veio para uma Bienal, por 10.000 dólares. Hoje, vale 200.000", conta, satisfeito. Com esse jeitão de atropelar , é claro que o viking volta...
13- DE CANSAR	É de cansar ver tanta sede de totalitarismo. É preciso esmagar a cabeça...
14- DE CHORAR	...saudades de um belo pão de queijo, rrsrrs, tem uma lanchonete chamada Pan de Queso na rua da Torre de Serranos que serve um de chorar! Beijijos,...
15- DE DETONAR	Tio Rei é referência mesmo. Deixem essa petralhada vir aqui também. Ao menos podemos praticar, o jogo é de detonar .
16- DE DOER	...concluiu ele, não se fazem duas aventuras daquelas, e a minha foi de doer . Você verá, agora é para sempre. A vida recomeçou tão feliz...
17- DE ENJOAR	...braceletes, bolsas, carteiras e até unhas postiças com lacinhos! No começo você até acha fofo, mas com o tempo, é de enjoar!
18- DE ENLOUQUECER	...Zé Maria, a melhor do país segundo os leitores da VT. Não tem borda infinita nem está diante de um panorama de enlouquecer , debruçada sobre o...
19- DE FODER	...posso, não tenho grana, mas falar que é feio ou que você ajudaria uma família pobre ou sei lá faria outra coisa, é de fuder , afinal, se você...
20- DE HUMILHAR	...sempre mantendo folgada vantagem para o "sim". O restante, não preciso mais repetir. Foi de humilhar!
21- DE INCENDIAR	...pão francês? A gente revela o segredo: é só fazer as contas. Queremos que você entre no biquíni com curvas de incendiar .
22- DE LASCAR	... posso aliviar " Mandico que tinha perdido tudo, estava numa " m " de lascar . Tinha vendido até seu carrinho velho onde transportava as encomendas.
23- DE MATAR	A temperatura era de matar , por as 13h30 , e o ministro era um de os vários membros...
24- DE MORRER	...mais hipnotizadas por esses olhinhos castanhos liiiindos de morrer! Atualmente, Jonatas faz o papel de Peralta, de Malhação...
25- DE OFUSCAR	...quilos, exíguos, sim, mas com concentrações exatamente nos lugares certos. Isabeli Fontana tem uma daquelas belezas de ofuscar .
26- DE TREMER	...da banda de Cássia Eller, juntou-se à cantora Emanuelle Araújo, ex-vocalista da banda Eva, para montar uma dupla de tremer .
27- DE VIVER	...muito a pena, pois estamos muito felizes, ele é lindo de viver amo demais.....o sono quem sabe um dia volto a saber...para habituar seu sono...

28- DE VOMITAR	São lixo do lixo!O pronunciamento do idealizador do falso dossiê(Mercadante) ontem no senado foi também de vomitar! Bandidos defendendo...
----------------	---

Tabela 1: Listagem dos tipos/*types* licenciados pela CSCN ³⁴

Assim, em nosso *corpus* específico, são, pois, 28 *types*/tipos verbais habilitados pela CSCN e que compõem o domínio-fonte do processo metafórico que a institui, somando 993 ocorrências (cf. cap. 4). Vale pontuar, a esta altura, dois aspectos concernentes a tais tipos verbais, aos quais voltaremos de modo mais detalhado em outras seções:

- (i) Este conjunto de verbos licenciados constitui-se, em sua quase totalidade, de verbos **causativos** e **transitivos**;
- (ii) Desse conjunto, 26 verbos, representando 93% do total, apresenta uma semântica **negativa**, enquanto apenas 2 verbos (7%) traduzem um sentido positivo. Tal seleção semântica acentua um traço da cena, qual seja, o da força do Agente (Agonista) sobre o (s) Afetado (s) (Antagonista (s)).

Passaremos, então, a nos debruçar sobre a descrição desses *types*/tipos de modo a melhor compreender a cena metafórica evocada pela Construção Superlativa Causal Nominal e a desvelar os padrões de forma e significação que a definem.

5.3.2 – Investigando os tipos/*types* verbais da construção

Os aspectos sintático-semânticos correlacionados aos *types* verbais instanciados serão o foco de nossa análise nas próximas seções.

³⁴ Esta Tabela 1, retomada do capítulo de Metodologia, exclui as construções cristalizadas que trataremos na seção 5.4.2.

5.3.2.1- A valência dos verbos no domínio-fonte

Como apresentamos no capítulo teórico, o significado de uma construção está associado ao *frame* semântico dos verbos que a instanciam. Assim, os verbos instanciados na CSCN participam de dois modos de seu processo de significação.

Em primeiro lugar, as unidades lexicais licenciadas se submetem ao sentido da construção de intensidade – essas unidades lexicais são reanalisadas como Operadores de Escala Superlativa em um *frame* Escalar.

Em segundo lugar, tais ULs preservam o seu sentido original, imprimindo à cena as consequências provocadas pela intensidade. Esse efeito evoca, assim, além das cenas básicas de **causa** e **força física**, os *frames* específicos que tais ULs sinalizam. Não há, pois, opacidade semântica em relação às ULs verbais.

Daí a necessária análise destes verbos em seu domínio-fonte. É o que veremos nesta seção.

Para começar, buscamos os dicionários de verbos do Português. A escolha do Dicionário Gramatical de Verbos do Português de Borba *et al.* (1990) tem uma justificativa. Perini (2008, p. 166) atenta para o fato de este ser um dicionário muito mais rico que os demais trabalhos lexicográficos sobre verbos no Português, já que “tenta descrever a semântica ao lado da regência, indicando os papéis temáticos e utilizando uma variedade maior de descrições estruturais”. O problema apontado por Perini (2008) é o fato de o dicionário de Borba *et al.* (1990) se concentrar exclusivamente nos fatos da língua escrita, deixando de consignar construções coloquiais.

Como em outros dicionários, Borba *et al.* (1990) toma cada lexema como um verbete. Começa por especificar a matriz semântica do verbo considerando, em subverbetes, suas diferentes acepções. Assim, vale-se de uma tipologia de predicadores e papéis temáticos em que postula a existência de quatro classes sintático-semânticas do verbo. São elas: verbos de ação, de processo, de ação-processo e de estado, assim definidas pelo autor (BORBA, 1996, p. 58-63):

- (i) Verbos de ação: Expressam uma atividade realizada por um sujeito agente. Indicam um fazer por parte do sujeito. Todo verbo de ação tem, no mínimo, um argumento. Quando tiver dois, o segundo será um complemento que se caracteriza pelo fato de não experimentar nenhuma mudança (de estado físico ou

moral, de condição, de posicionamento no tempo e/ou no espaço). Pode ser também que o verbo de ação se realize com especificadores.

- (ii) Verbos de processo: expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador. Por isso traduzem sempre um acontecer ou um experimentar, isto é, algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta.
- (iii) Verbos de ação-processo: expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causativo, que afetam o complemento. A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir. No primeiro caso o complemento é um afetado, no segundo um efetuado.
- (iv) Verbos de estado: expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito que é, pois, mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário. Os verbos de estado têm, obrigatoriamente, um argumento que é inativo, na medida em que não é agente, nem causativo, nem paciente.

Em nossa perspectiva, a análise valencial de cada acepção do verbo determina as relações temáticas que fazem parte da estrutura conceitual de cada UL. Diante disso, importa destacar também os papéis temáticos delineados por Borba (1996) que comparecem nas valências das cenas da CSCN em estudo. São eles: Agente, Causativo, Experimentador e Paciente.

Essa tipologia, tal como proposta pelo autor, representa noções relacionais que se estabelecem nas configurações estruturais de uma sentença. O Agente designa a entidade que por si mesmo desencadeia uma atividade (física ou não) sendo origem dela e seu controlador. O Causativo é o que provoca um efeito ou o que desencadeia algo e expressa também uma atividade ligada a um estímulo. O Experimentador, por sua vez, caso de evento psicológico genuíno, traduz uma experiência ou uma disposição mental causada por um evento psicológico. Já o Paciente é o que sofre os efeitos de determinada ação que não psicológica (BORBA, 1996).

A partir da classificação proposta por Borba (1996) e da qual o autor se vale na descrição de cada verbete em seu dicionário de verbos (1990), os 28 *types*/tipos habilitados para integrar a CSCN podem ser assim agrupados:

Classes sintático-semânticas dos verbos	Verbos	Papel temático do Sujeito	Número de Types	Frequência de Type	Número de Tokens	Frequência de Tokens
Verbos de ação-processo	Abafar, Abalar, Alegrar, Amargar, Apavorar, Arrasar, Arrebatat, Arrebentar, Arrepiar, Arder, Assustar, Atropelar, Cansar, Detonar, Doer, Enjoar, Enlouquecer, Foder, Humilhar, Incendiar, Lascar, Matar, Ofuscar.	Agentivo Causativo	23	83%	834	84%
Verbos de ação	Chorar Vomitar	Agentivo	2	7%	76	7%
Verbos de processo	Morrer Viver Tremar	Paciente Experienciador	3	10%	83	9%
		TOTAIS:	28	100%	993	100%

Tabela 8: Classes sintático-semânticas, papéis temáticos e frequência de *types* e *tokens* dos verbos.

Dada a natureza escrita e certamente mais formal do *corpus* usado por Borba et al. (1990), não comparecem, em seus verbetes, nenhum exemplo desses verbos na construção estudada (CSCN). Mesmo assim, a Tabela 8 pode nos orientar em nossas análises.

De acordo com o que demonstramos na Tabela 8, os verbos de ação-processo (83%) predominam entre as ULs que compõem nosso *corpus* específico, o que nos revela, de pronto, a predominância de sujeitos Causativos ou Agentivos cujas ações afetam o complemento. No que concerne aos verbos de ação (7%) e de processo (10%), temos a emergência de cenas basicamente intransitivas ou ergativas em que o sujeito é representado, respectivamente, por um Agentivo e um Paciente ou Experienciador.

Em termos dos argumentos que se integram a tais predicadores, conforme descrito acima, todos os predicadores de ação-processo apresentam um complemento - um argumento interno - que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição (um afetado), ou, então, algo que passa a existir (um efetuado) (Borba, 1996). Trata-se, pois, de cenas **prototipicamente** transitivas, como ilustram os exemplos abaixo retirados de Borba (1990):

(16) Maria *abafou* o chá, como mandava a receita.

(17) O terremoto *abalou* todos os prédios do bairro.

(18) O calor *detonou* os explosivos.

O que podemos salientar, diante disso, é que os verbos de ação-processo têm como característica fundamental a presença de um complemento afetado. Esse efeito, de natureza semântica, implica na experimentação, por parte do argumento interno, de uma alteração **física** ou **emocional**. No primeiro caso, essa alteração se processa tanto na modificação da estrutura física quanto na simples mudança de lugar e os complementos são, em princípio, concretos, sendo indiferente o traço de animacidade (por exemplo, *O terremoto detonou a cidade*). No segundo caso, há uma alteração de natureza emocional e o complemento apresenta o traço animado (por exemplo, *O presente alegrou a mulher*).

A condição *sine qua non* para que o verbo seja considerado como de ação-processo é, portanto, o caráter **afetado** do objeto nas estruturas verbais (podemos então ter um Paciente e um Experienciador afetados em consequência da relação de causa e efeito em que se encontra esse constituinte com o sujeito).

Em síntese, a descrição dos *types* verbais que atuam na CSCN, considerados no domínio-fonte da metáfora que se articula em tal construção, é a seguinte:

1. A grande maioria (83%) é constituída de verbos de ação-processo;
2. Os verbos de ação-processo selecionam um sujeito Agentivo ou Causativo e um argumento interno Afetado;
3. Os verbos de ação (7%.) selecionam um sujeito Agentivo;
4. Os verbos de processo (10%.) selecionam um sujeito Paciente ou Experienciador;

5. Os verbos de ação e de processo não selecionam um argumento interno Afetado.

Cabe ressaltar ainda que Perini (2008), diferentemente do trabalho lexicográfico de Borba et al. (1990), situa a valência verbal a partir do conceito de construção. As valências verbais são descritas por Perini (2008, p. 112) em termos de construções, ou seja, a valência de um verbo é o conjunto de construções em que ele pode ocorrer:

O receptor, ao processar uma oração, deve identificar a construção que a oração representa. Isso é importante porque, com o mesmo verbo podemos ter sujeito Agente ou sujeito Paciente, dependendo da diátese que a frase realiza. Há naturalmente muitas maneiras de representar isso na descrição da língua. A maneira que prefiro é a de associar cada verbo a um conjunto de construções onde ele pode ocorrer. Cada uma dessas construções é uma diátese desse verbo, e o conjunto de todas as diáteses de um verbo é sua valência.

Nesses termos, as **classes** verbais também se definem a partir das construções em que o verbo pode ocorrer. Assim, verbos transitivos são os que ocorrem em Construções Transitivas (*Ele comeu o doce*) e não ocorrem em Construções Ergativas (*Ele desmaiou*) e assim por diante. Nessa perspectiva, a quase totalidade dos verbos licenciados pela CSCN pertence à classe dos transitivos (os verbos de ação-processo).

Tal perspectiva vai ao encontro de nosso estudo porque implica, como quer Fillmore (1982), que os significados sejam relativizados às cenas, isto é, às construções evocadas em cada ato de linguagem. De fato, na Gramática das Construções (cf. seção 2.4), as semânticas da construção e do verbo se fundem de tal modo que o sentido da construção se impõe muitas vezes sobre o verbo. É o que vemos na CSCN.

As descrições propostas nesta seção, conforme já explicitamos, tiveram como foco os predicadores verbais que integram a CSCN. Aos sentidos, semanticamente descritos, em seu **domínio-fonte**, impõe-se o sentido da construção superlativa, de tal forma que a cena, metaforicamente configurada, passa a expressar um valor superlativo e seu impacto sobre o Afetado. O que muda na cena alvo é o que passamos a considerar.

5.3.2.2 – A valência dos verbos no domínio-alvo

Nas cenas alvo, isto é, nas CSCN, a configuração da grade argumental se define em termos similares, com algumas especificações em relação aos papéis temáticos. A diferença fundamental está na expressão formal, uma vez que a CSCN envolve um processo de compressão metonímica do *script* evocado pela cena. Enfim, a construção em foco *diz muito menos do que quer dizer*.

Assim, nos predicadores de ação-processo que constituem a quase totalidade de ocorrências (23 *types* e 834 *tokens*), alguns aspectos são distintos das cenas básicas descritas (cf. seção 5.3.2.1):

1. O argumento interno não é lexicalmente explícito, o que implica a detransitivização dos verbos;
2. O argumento interno é sempre um Afetado (cf. seção anterior);
3. O enunciador é também um Afetado (cf. seção anterior);
4. O argumento interno é sempre humano.

Nos exemplos a seguir podemos notar essas características:

(19) É um trabalho de enlouquecer. (Corpus do Português)

(20)... explica, a Receita Federal está quebrando a cabeça para tentar demitir um servidor concursado, dono de um prontuário de arrepiar...

<http://veja.abril.com.br/310500/radar.html>

(21)... as coisas não são tão simples. Elena escondeu duas ou três coisas do seu pretendente, e Aymé, um homenzinho de lascar, fica meio perdido ao...

http://veja.abril.com.br/270607/veja_recomenda.shtml

Em (19) temos uma Causa não humana (*um trabalho*) cuja intensidade de um Atributo que está implícito e pode ser inferido pela cena (*ruim, desgastante...*) gera um efeito sobre os Afetados (*enunciador e aqueles que realizam o trabalho*), efeito este expresso metaforicamente pelo verbo *enlouquecer*. Em (20) uma Causa (não humana), *um prontuário*, cuja intensidade de um Atributo que está implícito e pode ser inferido pela cena (*enorme, falso...*) atinge os Afetados (*enunciador e a Receita Federal*). Esse valor superlativo implícito e o efeito sobre os Afetados são metaforicamente expressos pelo verbo *arrepiar*. Da mesma forma, em (21), um Agente (humano), *um homenzinho*,

cujos Atributos são inferidos pela cena (*feio, estranho...*), causa um efeito no Afetado (*enunciador*), expresso metaforicamente pelo verbo *lascar*.

Notamos que na CSCN temos sempre um Agentivo ou Causativo que desencadeará um efeito em um Afetado (+ *humano*) inferido pela cena. Este Afetado pode ser tanto o enunciador quanto uma terceira pessoa. Além disto, ao contrário da atuação dos verbos no domínio-fonte, na CSCN, o argumento interno será um Afetado não expresso lexicalmente, mas que pode ser identificado pela cena maior em que se realiza a CSCN. Como ilustra o exemplo (22) adiante em que há uma Causa não humana (*corpo*) e um Afetado humano (enunciador) não realizado lexicalmente:

(22)...o estilo gostosona. Até meus seios diminuíram de 93 centímetros fui para 88! Diz. Cabelo bem-cuidado, **corpo de abafar** e lindamente bronzeado...
<http://boaforma.abril.com.br/edicoes/220/fechado/Famosas/conteudo...>

Ocorre, na CSCN, conforme atestamos no *corpus*, uma destransitivização dos verbos transitivos. No entanto, é importante ressaltar que é possível encontrar construções com o argumento interno explícito, como vimos à seção 5.3 e veremos à seção 5.4.2. São construções altamente cristalizadas, como no exemplo “Para conseguir pernas e glúteos **de parar o trânsito**...” e não produtivas, o que significa dizer que são totalmente preenchidas lexicalmente.

Assim, nossa análise, operando com um modelo probabilístico (cf. cap. 4), se ancora em dados de frequência de *types* e *tokens* e focaliza os padrões produtivos da CSCN. O primeiro relacionado à produtividade da construção e o segundo à sua convencionalização.

Nesses termos, o que temos nas cenas configuradas pela Construção Superlativa Causal Nominal é o seguinte:

1. No caso dos 23 predicadores de ação-processo que configuram as cenas prototípicas da CSCN (83% dos *types* e 84% dos *tokens*); temos uma ação transitiva, como se observa na Figura 11(cf. modelo de Goldberg, cap. 2), tomando, como ilustração, o exemplo (23):

(23) ... continente em busca de poder contra os humanos. É...Não é só o personagem...O ator Allan Lima também tem **um olhar lindo de matar**.
<http://capricho.abril.com.br/famosos/eles-sao-gatos-...>

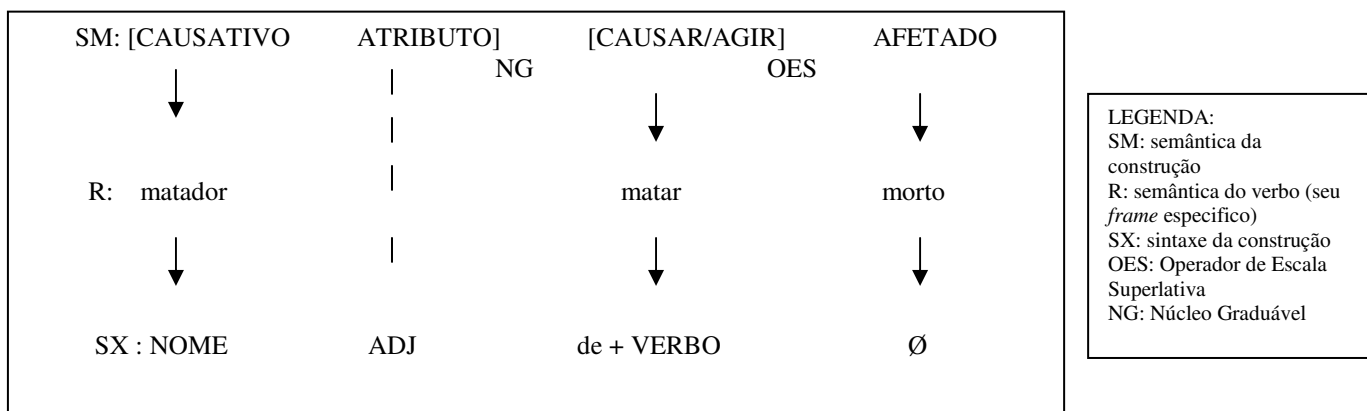


Figura 10: A construção “um olhar lindo de matar”.

Neste exemplo temos uma construção cuja representação semântica evoca uma cena transitiva e causativa:

- (i) No nível da semântica da construção temos o Núcleo Graduável (NG) preenchido por um Causativo e um Atributo; um Operador de Escala Superlativa (OES) preenchido por um verbo causativo de ação-processo; e um Afetado;
- (ii) No nível do *frame* acionado pelo verbo instanciado no exemplo, temos o **matador**, o **morto** e a ação- causativa **matar**;
- (iii) No nível sintático, temos um Nome e um Adjetivo mais a expressão verbal precedida de preposição. O Afetado não tem expressão sintática, o que sinaliza a detransitivização do verbo **matar**.

O resultado, sintaticamente comprimido, pode ocorrer com algumas variações de padrões, como veremos na seção 5.3.5. A expressão sintática desvela, então, o principal foco atencional da construção, quais sejam, a **causa** e o **efeito/consequências**. Uma evidência forte da não composicionalidade literal das construções, uma vez que CSCN implica uma grande **metonímia** da cena – diz-se muito menos do que se quer dizer. Pontos para a Hipótese Fraca da Composicionalidade, em que se pode esperar transparência e previsibilidade relativos em termos do léxico ou da gramática de uma língua (cf. cap. 2).

A fusão das semânticas da construção e do verbo implica uma leitura metafórica da construção como uma construção superlativa. A semântica do verbo, sem se tornar opaca, é coagida pela semântica da construção.

As demais cenas, que representam 17% dos *types* e 16% dos *tokens* constituem-se como formas de heranças específicas, cognitivamente mais complexas e, por isso, menos produtivas.

- No caso de *vomitar* (21 *tokens*), que se constitui como predicado de ação, temos a seguinte possível representação ilustrada pelo exemplo (25):

(24) ...O que aconteceu para ele sair da disputa? Deve ser coisa de vomitar. Coisa nojenta! O Nelson Jobim tinha afirmado o que aconteceu para ele sair da disputa...
http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2007/03/pmdb_homologa_hoj...

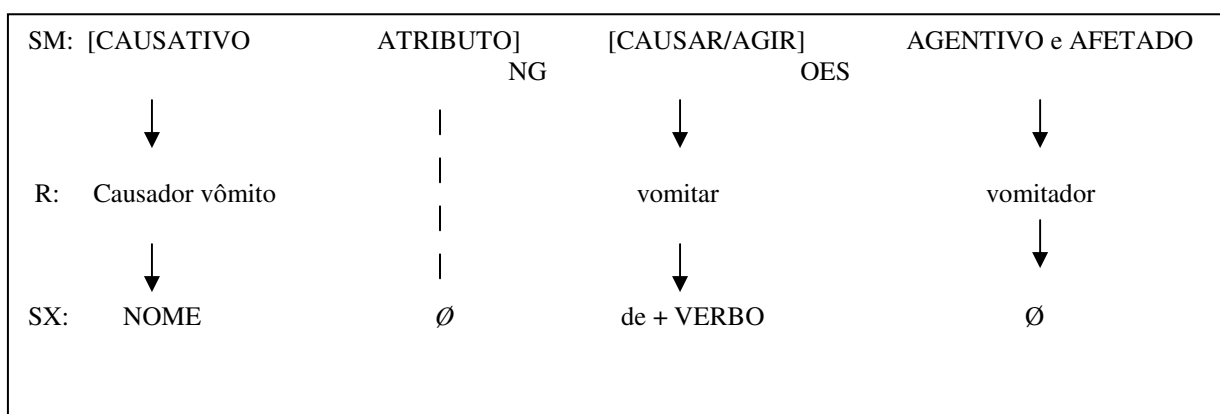


Figura 11: A construção “deve ser coisa de vomitar”.

Neste caso, temos *coisa*, um Nome, com função semântica de Núcleo Graduável (Causativo). Um Atributo inferível pela cena, mas não lexicalmente explícito (*desagradável, ruim...*) causa em uma entidade humana (*o enunciador*) um efeito, que no caso é representado pelo verbo de ação *vomitar* (Operador de Escala Superlativa).

Temos nesse caso uma cena cognitivamente mais complexa. Um Causativo (1° participante) causa uma Ação que se desenvolve fora do seu domínio, ou seja, a ação está no domínio do segundo participante Agente (alguém realiza a ação de vomitar) que é também o Afetado (alguém vomita por ter sido afetado por uma causa) pela força/intensidade do Causativo. O que acontece é o **cruzamento ou mescla de duas cenas** – uma cena causativa, com uma cena intransitiva. Há, assim, uma acumulação de papéis temáticos, mas que, na CSCN, não são representados lexicalmente. Temos, portanto, uma cena complexa: **Causador (*coisa*) CAUSA Agente-Afetado (∅) Ação (*vomitar*)** – um caso de duplo papel temático conforme salienta Perini (2006). Enfim, a

coisa não vomita; ela causa o vômito de alguém que foi afetado pela intensidade de seu Atributo.

Perini (2006) ressalta a possibilidade de sobreposição de papéis temáticos. Cada sintagma que constitui uma oração tem um papel temático dentro da cena descrita pela oração. No entanto, em alguns casos específicos, pode-se distinguir mais de um papel temático para o mesmo sintagma e, normalmente, esses papéis temáticos múltiplos se relacionam a um evento múltiplo.

Para Perini (2006, p. 129) “os papéis temáticos múltiplos não são apenas algo que a gente entende a partir do contexto geral, mas são codificados através de estruturas linguísticas específicas. São, portanto, parte legítima da estrutura gramatical da língua”.

3. No caso de *morrer* (75 tokens) e *tremar* (2 tokens) temos predicados de processo, como ilustra o exemplo (25) abaixo.

(25) ...hábito de usar capacetes para se proteger. Mas não dava para culpar as gaivotas. Os filhotinhos que protegiam eram *fofos de morrer*.
<http://nationalgeographic.abril.com.br/ng/edições/88/reportagens/...>

No caso de *morrer*, a complexidade da cena cognitiva se repete. Temos a mescla de uma cena causativa com uma ergativa³⁵. Temos, também, nesta cena, uma acumulação dos papéis temáticos de Paciente (alguém torna-se morto) e Afetado (alguém morre por ter sido afetado por uma causa) mas que, na CSCN, não são lexicalmente representados. Temos, portanto, uma cena complexa: **Causador (os filhotinhos) CAUSA Paciente-Afetado Tornar-se (morto)**. Enfim, os *filhotinhos* não morrem; eles causam a morte do Afetado.

Cabe considerar, por fim, a emergência do tipo/type *viver* (6 tokens). Nossa hipótese é de que se trata de uma herança por **decalque** do *type morrer*. De fato, os seis *tokens* de *viver* se combinam exclusivamente com *linda*, o que caracteriza mais fortemente o **decalque** – “linda de morrer” é uma forma altamente cristalizada.

A complexidade semântica das cenas descritas no caso de verbos de ação e verbos de processo explica, a nosso ver, a baixa frequência das CSCN com tais predicadores. Como vimos, apenas 17% (5 *types* e 159 *tokens*) de nossa construção se

³⁵ Perini (2008, p. 306-309) distingue os verbos em transitivos e ergativos. A construção transitiva é exemplificada por *O frentista encheu o tanque*; já a construção ergativa é exemplificada por *O tanque encheu*.

valem dos mesmos, enquanto 83% (23 *types* e 834 *tokens*) são verbos de ação-processo com cenas transitivas canônicas.

5.3.3 – Os múltiplos *frames* que configuram a CSCN

Conforme explicitamos à seção 5.3.2.1, os verbos que configuram a cena prototípica da CSCN evocam um *frame* de Causa. São verbos causativos em cenas semânticas, isto é, em construções igualmente transitivas. Um *frame* mais abstrato descrito pela FrameNet parece ser o gatilho da cena. Trata-se do *frame* de Ação Transitiva cuja definição e EFs centrais reproduzimos abaixo:

<p>Ação Transitiva</p> <p>Definição: este <i>frame</i> caracteriza, em um nível muito abstrato, um Agente ou Causa que afetam um Paciente.</p> <p>Tipo semântico: <i>Frame</i> não lexicalizável</p> <p>Elementos do <i>Frame</i> (EFs)</p> <p>EFs Centrais:</p> <p>Agente: é uma entidade que age sobre outra entidade.</p> <p>Causa: é um evento que causa um efeito em um Paciente.</p> <p>Evento: um evento em que um agente atua sobre uma entidade.</p> <p>Paciente: uma entidade que é afetada e que pode sofrer alguma mudança.</p>
--

A partir do *frame* de Ação Transitiva investigamos se os 28 *types* que constituem a CSCN poderiam ser separados e agrupados em *frames* herdeiros dessa cena. Um exemplo encontrado, descrito pela FrameNet, foi o *frame* de Causar Emoção (*Cause emotion*).

No caso do *frame* de Causar Emoção, temos 5 ULs em nosso *corpus* que evocam: *assustar*, *apavorar*, *enlouquecer*, *humilhar* e *alegrar*. A definição deste *frame* e de seus EFs centrais é a seguinte:

Causar Emoção

Definição: um **Agente** atua para causar em um **Experienciador** determinada emoção.

Eu me senti muito ofendido com o comportamento dela comigo

An **Agent** acts to cause a **Experiencer** to feel a certain emotion.

I was so offended by her behaviour towards me.

Elementos do *Frame* (EFs)

EFs Centrais:

Agente: é a pessoa cuja ação causa uma emoção no **Experienciador**.

The **Agent** is the person who's action's cause an emotion in the **Experiencer**.

Evento: é o acontecimento ou ocasião que evoca determinadas emoções no **Experienciador**.

The **Event** is the occasion or happening that evokes emotions in the **Experiencer**.

Experienciador: é aquele que sente a emoção que é causada pelo **Agente**.

The **Experiencer** feels an emotion as caused by the **Agent**.

As 5 ULs que compõem o *frame* de Causar Emoção (*assustar, apavorar, enlouquecer, humilhar e alegrar*) somam 80 *tokens*. O que esses verbos têm em comum é o fato de desencadear algum tipo de emoção ou sentimento em um dos participantes da cena em que aparecem, ou seja, há um Agente cuja ação causa uma emoção sentida de alguma forma por um Experienciador.

No exemplo (26) abaixo, retirado de nosso *corpus* específico, há uma **Causa** (*situação do controle do tráfego aéreo brasileiro*) que atua sobre um **Experienciador** não expresso lexicalmente, através de um **Evento** metaforicamente perspectivizado pela UL *apavorar* – o que gera emoções negativas no **Experienciador** – Afetado pelo evento e, mesmo que não expresso lexicalmente, pode ser evocado pela cena mais ampla.

(26) ...vezes antes de entrar em um avião. É sério. A situação do tráfego aéreo brasileiro descrita pelo dois é de *apavorar*...

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2006/12/veja-4-gamecorp-b...>

Contudo, tendo em vista o número relativamente grande de ULs e os limites descritivos da FrameNet no presente estágio de seu desenvolvimento, não foi possível o

enquadramento de todas as ULs verbais em outros *frames* específicos já descritos. Diante deste obstáculo, inspirados em *frames* herdeiros de Ação Transitiva descritos pela FrameNet, como o *frame* Causar Emoção, realizamos uma divisão semântica das ULs em dois outros campos conceituais que denotam, semanticamente, uma Causa. Assim, passamos a propor a divisão semântica das demais ULs em dois outros *frames*: Causar Impacto Físico e Causar Impacto Orgânico.

Em todas estas cenas, temos basicamente uma Ação Transitiva em que um Agente ou Causativo causa um efeito/consequência sobre um Afetado (Experienciador/Paciente/Agente).

No sentido de alinhar os *frames* que participam da CSCN, passamos a nomear o *frame* de Causar Emoção como os demais, ou seja, Causar Impacto Emocional. Assim, temos os seguintes *frames*:

<i>Frames</i>	ULs	Número de <i>Tokens</i>	Frequência de <i>Tokens</i>
1- Causar Impacto Físico	Lascar, foder, matar, arrasar, arrebentar, ofuscar, abalar, abafar, detonar, incendiar, arrebatar, atropelar, morrer	583	59%
2- Causar Impacto Orgânico	Arder, chorar, arrepiar, cansar, doer, enjoar, vomitar, tremer, amargar	324	33%
3- Causar Impacto Emocional	Assustar, apavorar, enlouquecer, humilhar, alegrar	80	8%
TOTAIS:		987	100%

Tabela 9: Os *frames* ativados pelas ULs verbais.³⁶

Cabe considerar que, no conjunto de todos os *types* verbais licenciados pela CSCN temos apenas dois verbos de semântica positiva – *alegrar* e *viver*. No caso do *type viver*, como vimos à seção anterior, temos uma herança clara por **decalque** de *morrer*. Digamos que “*de viver*” e “*de alegrar*”, são *types* “politicamente corretos” que se contrapõem ao *frame* de impacto, dano, destruição causado pela semântica dos demais *types*.

³⁶ É importante ressaltar que, na Tabela 9, a soma dos *tokens* resulta em 987 e não em 993. Isso ocorre devido ao fato de não estarmos enquadrando a UL *viver* (6 *tokens*) em nenhum *frame*, já que a consideramos como uma herança por **decalque** de *morrer*.

5.3.4- A reanálise semântica promovida pela CSCN – os *frames* de Posição em uma Escala e de Avaliação

O processo de mudança semântica em foco na CSCN, metaforicamente promovido, provoca uma reanálise das expressões em foco, passando a suscitar um *frame* Escalar e um *frame* de Avaliação sem, contudo, tornar opaca a cena de dano, impacto, destruição, suscitada pela semântica dos verbos.

O *frame* Posição em uma Escala (FrameNet) aponta o reenquadre de intensidade promovido por tal processo de reanálise.

Posição em uma escala

Definição: As palavras neste *frame* descrevem a posição estática de um **Item** em uma escala referindo-se a alguma **Variável** de propriedade.

Elementos do *Frame*: (EFs)

Centrais:

- **Item [Item]** – O EF **Item** identifica a entidade cuja propriedade escalar é especificada.

Bacon é alto/rico em gordura. (**Bacon** is high in fat)

- **Valor [Val]** – O EF **Valor** corresponde à posição ou variações de posição que o **Item** ocupa em uma escala.

Este carro está com o preço **alto**/caro. (This car is **high** in price.)

- **Variável [Var]** – O EF **Variável** é a propriedade escalar que o **Item** possui.

Refrigerante tem um alto/rico teor de **açúcar**. (**Soda** is high in **sugar**.)

Não-centrais:

- **Grau** – Este EF identifica o **Grau** para o qual a propriedade escalar de um **Item** retém com respeito a alguma **Variável**.

Bacon é **muito alto**/rico em gordura. (Bacon is **very** high in fat.)

Tomemos os EFs (Elementos do *Frame*) que configuram a cena perspectivizada pelo *frame* Posição em uma Escala (Item, Valor, Variável e Grau) e exemplos de ocorrências do nosso *corpus*. No exemplo (27), as inferências semântico-pragmáticas plausíveis em relação à *de arrepiar* remetem, claramente, a uma posição escalar superlativa (EF Grau) de uma propriedade implícita (EF Variável – *forte, imenso*, neste

caso) atribuída a uma entidade (EF Item), no caso, o *frio*. Parafraseando temos: *Margarida riu, uma risada que se quebrava naquele imenso frio/frio de arrepiar.*

Vale pontuar, mais uma vez, o **caráter metonímico** da cena, sua compressão, o que leva à expressão lexical apenas dos elementos em foco que são o Agentivo/Causativo e o Efeito/Consequência. Os elementos “apagados” pela força do Agentivo/Causativo não têm, pois, expressão sintática. Assim, se tentarmos fazer a anotação semântica deste exemplo, uma dificuldade emergirá de pronto. É que o processo de mudança semântica em foco, metonimicamente e metaforicamente promovido, representa uma forte compressão do *frame* de Posição em uma Escala. Como ilustramos no exemplo (27), temos o EF Item expresso pelo item lexical “*frio*” e o EF Grau expresso por *de arrepiar*. Assim, o uso de *arrepiar* metaforicamente impõe um Grau (superlativo) sobre uma propriedade variável inferível (*forte*) de um Item (*frio*). Os exemplos (28) e (29) também acionam a mesma cena escalar, metonimicamente comprimida.

(27) “queixo batendo. Margarida riu, uma risada que se quebrava, naquele frio **de arrepiar**: - Minha mana, quem está dando ordens é o Louro.” (*Corpus* do Português).

(28)...assim dizer, com um adicional que, em algum momento da vida, pode ser alvo de uma infecção capaz de provocar uma dor **de lascar**. Trata-se do... (Abril)

(29) Pupilas naquele olhar, no movimento dos lábios entreabertos, havia de fato uma significação **de assustar**. Então não se acha melhor? (*Corpus* do Português)

A CSCN evocaria, ainda, um *frame* semântico de Avaliação. Assim, teríamos um EF Avaliador que seria o (s) Afetado (s) pela cena e um EF Avaliado que seria o Núcleo Graduável (Nome e Atributo) que causa o impacto na cena. Tomemos o exemplo abaixo:

(30) ...A gente revela o segredo: é só fazer as contas. Queremos que você entre no biquíni com *curvas* **de incendiar**.
<http://nova.abril.com.br/especiais/verao/dietadospontos.shtml>

Neste exemplo (30), o EF Avaliador, ou seja, aquele que se posiciona subjetivamente com relação ao Causativo (*curvas*) é o enunciador da sentença, ou seja, o Afetado. Já o EF Avaliado são as *curvas* com seus Atributos, não expressos lexicalmente neste exemplo, mas que inferimos ser *maravilhosas, atraentes, perfeitas,*

entre outros Atributos possíveis. É justamente esse Núcleo Graduável que causa o impacto na cena – representado metaforicamente pela UL verbal *incendiar*. É importante ressaltar que, embora o Afetado (Antagonista) sofra toda a força imposta pelo Agonista ele consegue, pelo menos, **avaliar a cena**, o que emerge como uma marca discursiva da CSCN.

Sem a pretensão de descrever tal *frame*, tarefa que não cabe dentro dos limites de nosso trabalho, cabe-nos, no entanto, pontuar tal dimensão semântica da cena evocada pela CSCN.

A reanálise semântica promovida pela CSCN não leva, como já afirmamos, à opacidade da semântica dos verbos de base que metaforicamente é incorporada pela construção. Assim, a semântica dos itens lexicais verbais (*Frames* de Impacto Físico, Orgânico e Emocional), que atuam como Operadores de Escala Superlativa é preservada e não há opacidade uma vez que a reanálise construcional preserva o sentido do efeito/consequências causadas sobre o Afetado. De fato, verbos são unidades lexicais de semântica plena e, por isso, resistem a um processo de gramaticalização mais radical ou pleno.

O que as análises empreendidas nesta seção revelam, de modo contundente, é a complexidade semântica da cena perspectivizada como uma CSCN. Temos, assim, a participação de diversos *frames* somando-se à semântica das ULs verbais que permanecem na cena metafórica, a dos *frames* evocados pela semântica da construção – Posição em uma Escala e Avaliação.

5.3.5 – Variações da expressão formal da CSCN

Dentro do paradigma construcionista que norteia nossas análises, as estruturas da língua são analisadas tal como se apresentam, o que significa dizer que nossas estruturas superficiais não incluem categorias vazias, concebidas como sintaticamente presentes (GOLDBERG, 1995; PERINI, 2008). Assim, conforme já anunciamos, ainda que presentes na cena semântica, alguns elementos da CSCN não tem expressão sintática.

Consoante ao que foi atestado no *corpus* específico montado (Anexos 1, 2 e 3), dois padrões formais da CSCN, já apresentados à seção 5.3, emergiram, de forma

produtiva, sendo que em ambos ocorre a **destransitivização** do verbo e a **elipse** do argumento interno. Os dois padrões formais são descritos adiante:

(1)

X_N (W) _{ADJ} de Y_V

Temos um SN em que X, um nome substantivo, é o núcleo; W, uma categoria opcional, é um Adjetivo e Y é um Verbo precedido da preposição *de*. Y é, assim, o predicador do SN, que é seu argumento externo.

Os exemplos (31) e (32) abaixo ilustram essa primeira variação da expressão formal da CSCN:

(31) ... No passado, o símbolo de poder estava na garagem, onde ficava estacionado o carrão
 (Ø) **de matar**... X_N
 Y_V

(32) Esses caras trabalham dez horas por dia. Estão no campo quando o sol nasce. É trabalho
duro de matar. X_N
 W_{ADJ} Y_V

(2)

X_{SN} cópula (W) _{ADJ} de Y_V

Nesta segunda variação formal temos uma construção **estativa** em que X é um SN simples ou complexo (sujeito – argumento externo); W, quando explícito, é um Adjetivo com função predicativa (predicador 1), precedido de uma cópula; e Y é um Verbo precedido da preposição *de*, com função de predicador 2. Nos padrões sem o adjetivo, *de Y* (de + verbo) é também o predicador. Os exemplos abaixo ilustram este segundo padrão da CSCN:

(33) Na superprodução 300, pelo menos tem o Rodrigo Santoro, colírio p/ os olhos. Estes 308
são (Ø) **de lascar**... X_{SN}
 Y_V

(34) ...falando que a carraspana (pinga, cachaça, manguaça, amansa sogra, quebra resguardo,

X_{SN}

etc) derivada da mandioca é ruim de lascar...

$W_{ADJ} \quad Y_V$

Neste segundo padrão formal temos sintagmas nominais complexos, como no exemplo (34), o que não acontece no primeiro padrão.

A Tabela 10 a seguir mostra as ocorrências registradas de cada padrão formal recorrente da construção no *corpus* específico montado (Anexos 1, 2 e 3). É importante ressaltar mais uma vez que, embora o *corpus* seja constituído de 1.390 ocorrências, 397 destas são de expressões idiomáticas (*de tirar o fôlego, de comer rezando...*) que trataremos na seção 5.4.2. Diante disso, a frequência aqui é calculada a partir das 993 ocorrências em que os padrões formais produtivos ocorrem.

Polo formal	Número de ocorrências	Frequência (%) em 993 ocorrências
$X_N (W)_{ADJ} \text{ de } Y_V$	353	36%
$X_{SN} \text{ cop. } (W)_{ADJ} \text{ de } Y_V$	640	64%
	Total: 993	Total: 100%

Tabela 10: Os dois padrões formais da CSCN.

Desdobrando estes dados em quatro subtipos, teríamos os seguintes níveis de produtividade:

Polo formal	Número de ocorrências	Frequência (%) em 993 ocorrências
$X_{SN} \text{ cop. de } Y_V$	570	58%
$X_N \text{ de } Y_V$	260	26%
$X_N W \text{ de } Y_V$	93	9%
$X_{SN} \text{ cop. } W \text{ de } Y_V$	70	7%
TOTAL:	993	100%

Tabela 11: Os quatro subtipos de padrões formais da CSCN

Como pudemos notar, o padrão $X_{SN} \text{ cop. de } Y_V$ é o que aparece na maioria dos *tokens* encontrados, sendo o padrão $X_N \text{ de } Y_V$ o segundo mais recorrente. A frequência dos dados diacrônicos, ainda que bastante escassa (*Corpus* do Português) (cf. cap. 4) replica este fato, ou seja, confirma a maior frequência destes dois padrões. Nesses dados históricos, o padrão $X_N \text{ de } Y_V$, no século XIX, tem nove *tokens* contra sete do padrão $X_{SN} \text{ cop. de } Y_V$.

No mesmo *corpus* a frequência se repete também no século XX. São 22 tokens do padrão **X_N de Y_v**, 17 de **X_{SN} cop. de Y_v** e apenas uma ocorrência do padrão **X_{SN} cop. W de Y_v** (É lindo! É melhor do que nos filmes! É *lindo de morrer!* Quanto a isto só o meu filho, de nove anos, mais interessa...).³⁷

Outro dado bastante relevante refere-se ao número de ocorrências em que o (W)_{ADJ} aparece lexicalizado na cena. Das 993 ocorrências com os 28 *types* verbais encontrados, somente em 163 o adjetivo está lexicalizado. Tal resultado desmente nossa expectativa inicial que, ancorada em expressões cristalizadas como *linda de morrer*, apostava na maior convencionalização de padrões com adjetivos explícitos. O que nos parece, pois, é que a metonímia redesenha a gramática gerando uma grande compressão na estrutura sintática da CSCN, como vimos nesta seção.

O que o padrão formal da CSCN reafirma, enfim, é o papel fundamental do processo metonímico na instituição da gramática. A metáfora do iceberg, conforme ilustra Fauconnier e Turner (2002) acerca da insuficiência do significante é grandemente elucidativa. Neste caso, o significante é apenas o sinal que aponta para uma complexa dimensão conceptual, cultural e interacional da linguagem. É o que temos na Construção Superlativa Causal Nominal.

5.3.6 – Investigando o Núcleo Graduável (NG) da Construção

Até aqui, percorremos o âmbito semântico e formal da CSCN. Neste momento, trataremos do Núcleo Graduável da construção, ou seja, verificaremos se há alguma restrição semântica seletional em relação à sua escolha para além dos limites categoriais de nome e também se há alguma restrição quanto aos adjetivos lexicalizados na CSCN.

5.3.6.1 – A seleção de X e W

Mediante as Tabelas 10 e 11, observamos que as ocorrências que se enquadram no padrão formal **X_{SN} cop. de Y_v** são maioria no *corpus*. Além disto, as ocorrências em que o Adjetivo (W) aparece lexicalizado na cena são minoria – 163 ocorrências.

³⁷ Conforme vimos no capítulo 4, o total de ocorrências do *Corpus* do Português é 59, sendo 4 destas de construções idiomáticas (cf. seção 5.4.2).

Passaremos a verificar as possíveis restrições de seleção para o preenchimento de X (núcleo do SN) e de W (adjetivo) na CSCN. No caso de núcleos dos SN que preenchem o X da construção, encontramos substantivos comuns, não próprios e que se dividem em entidades concretas (*histórias, jogadas, chuva, time, férias, semana, perfume, espetáculo, festa, shopping, etc.*), abstratas (*tédio, burocracia, covardia, fracasso, beleza, tristeza, machismo, etc.*) e também em entidades humanas (*chinesinha, mulheres, mulher, homenzinho, morena, universitária, garotas, quarentona, etc.*), sendo que a prevalência na CSCN é de entidades concretas.

Em relação aos adjetivos (W), temos a relação daqueles que aparecem lexicalizados em ocorrências da CSCN:

Adjetivos	Exemplos
LINDO	“E lindo! É melhor do que nos filmes! É lindo de morrer! ”
TRISTE	“com os dois singles de a banda, tristes de morrer. ”
SEXY	“...em looks austeros, grudados no corpo com direito a cabelão preso em rabos de cavalo balançantes num grand finale sexy de morrer. ”
RUIM	“É muito simples de entender. O texto de Antunes é ruim de doer , é ginasiano.”
INVEJOSO	“Além de ser invejoso de doer , o sujeito tem mania de grandeza?”
BURRO	“...gostaria de saber porque a imprensa, não todas, tem medo, de devorar este cidadão, analfabeto, burro de doer... ”
CHATO	“Deve estar arrependido ou é tão sem noção quanto ele. Esse senador é chato de doer , mas é oportunista...”
FEIO	“Como é que é? O bigodudo afetado do Mercadante não gostou que a ex-gorda, mas ainda feia de doer , ciscasse pra dentro!?”
POBRE	“Balela! Meus pais foram pobres de doer , não tinham emprego bom...”
FROUXO	“Tudo isso é muito lindo, mas, na prática, são frouxos de doer! ”
ESTUPIDO	“O mula-sem-cabeça é assim mesmo: estúpido de doer. ”
BONITO	“Mesmo assim, devemos ter whit christmas esse ano. O inverno aqui é sofrível, mas bonito de chorar. ”
DIFICIL	“Infelizmente, também existe um lado desencorajador em Rawis. Ele é difícil de doer . Seu texto é serio...”
DURO	“Estão no campo quando o sol nasce. É um trabalho duro de matar. ”
FOFO	“Mas não dava para culpar as gaivotas. Os filhotinhos que protegiam eram fofos de morrer. ”
CRESPO	“Com a ajuda dele e dos produtos certos, vai ser fácil explorar ao máximo – ou mudar – seu estilo crespos de arrasar. ”
CHIQUE	“E como é um caso de remédio, ela que é chique de doer pode comprar...”
SIMPLES	“Em troca, a moça, que era simplesinha de doer e tinha orgulho...”
FRACO	“Quem vai vê-lo sabe que a ideia em si é ridícula, e sabe também o que vai encontrar: uma história fraquinha de doer... ”
GELADO	“A água, em qualquer uma das praias, é gelada de doer. ”
AMARGO	“Por isso, além de serem encontradas somente nas cores preta ou marrom, eram amargas de doer! ”
BRONZEADA	“Ela ressurgiu belíssima, 14 quilos mais magra, bronzada de arrasar. ”
PERFEITO	“...Juliana Góes guerreira linda, sensual, perfeitinha de doer . Ela saiu do BBB direto para a nossa lista de preferidas...”

SÉRIO	“...sobre piadas que tem a rara distinção de ser, às vezes, completamente engraçado a maioria deles costuma ser <i>sério de matar</i> .”
Total: 24 adjetivos	

Tabela 12: Os adjetivos lexicalizados na CSCN

Ao observarmos a Tabela 12, podemos notar que há uma restrição semântica na seleção do W. A maioria dos adjetivos são propriedades negativas – *sério, amargo, gelado, fraco, simples, crespo, duro, difícil, estúpido, frouxo, pobre, feio, chato, burro, invejoso, ruim, triste*. Somente *perfeito, bronzeada, chique, fofo, bonito, sexy e lindo* representam propriedades positivas sendo que *lindo (a)* aparece em 83 das 163 ocorrências com adjetivo lexicalizado. Mais que isso, dessas 83 ocorrências do adjetivo *lindo (a)*, 66 delas acompanham a UL *morrer*, já cristalizada na cena perspectivizada pela CSCN, conforme veremos na seção 5.3.7.1.

O fato de a maioria dos adjetivos representarem propriedades negativas relaciona-se com a cena predominante nas ocorrências da CSCN, que remetem a um impacto negativo no Afetado. A seleção dos adjetivos, portanto, reitera nossa hipótese.

Partiremos, na próxima seção, para a análise pragmática da CSCN.

5.3.7 – A dimensão pragmática da Construção Superlativa Causal Nominal

Nesta seção, abordaremos os aspectos pragmáticos e discursivos que levam a CSCN a adquirir contornos especiais, peculiares, que permitem postulá-la como uma construção já fixada no repertório linguístico do falante do Português, constituindo-se, pois, como uma forma já convencionalizada. A análise pragmática feita aqui não se limitará a um enfoque do uso linguístico em contextos específicos, mas se correlacionará com os aportes cognitivos que norteiam este trabalho.

5.3.7.1 – Avaliação pragmática da escala semântica de impacto físico, orgânico e emocional

O esquema da Escala é básico na nossa experiência no que se refere à quantidade, intensidade e qualidade (cf. seção 2.3.1.1). “O mundo é experienciado parcialmente em termos de aumento, diminuição e igualdade. Pode-se ter mais, menos ou o mesmo número de objetos, quantidade de substância, graus de força, intensidade de sensação. O aspecto de mais ou menos da experiência humana é a base do esquema de ESCALA” (JOHNSON, 1987, p. 122). Essa noção escalar permeia toda experiência humana.

As ULs verbais tomadas nas valências que constituem a CSCN podem ser consideradas em termos de uma escala semântica inferível dos *frames* de impacto físico, orgânico ou emocional de que participam. Ainda que não seja possível estabelecer uma medida precisa do grau de impacto causado pelo uso metafórico de cada unidade lexical, uma gradação de força pode ser observada.

Assim, podemos considerar uma escala semântica de gradação que teria no topo as ações prototípicas do *frame* de Causar Impacto Físico (*arrasar, matar...*). Os *frames* de Causar Impacto Orgânico e de Causar Impacto Emocional implicariam forças mais atenuadas uma vez que não implicam a destruição plena do Antagonista da cena.

Um dos exemplos do topo dessa escala semântica estaria na UL *morrer* já que “representa uma ESCALA SUPERLATIVA FINAL em termos do estágio máximo de EFEITO metafórico sobre o organismo (efeito somato-sensório e sensório-motor)” (MIRANDA, 2007, p. 5), como acontece na ocorrência da construção com *de morrer*, no exemplo “Super bacana essa edição sobre a Espanha...vocês deveriam publicar um livro só com fotos, pois elas estão lindas **de morrer!!!...**”.

Esta escala semântica pode possuir, no entanto, outra leitura pragmática. As construções com a UL *morrer* já são cristalizadas, ou seja, estão entrincheiradas na língua. Evidência disto é a sua concordância quase **exclusiva** com o adjetivo *lindo (a)*. Das 75 ocorrências desta UL na CSCN, 66 apresentam o padrão construcional com o adjetivo *lindo (a)* explícito.

Consoante seu uso já convencionalizado e mesmo cristalizado, a UL *morrer* passa a ter uma força argumentativa menor ao representar intensidade e o falante se vê diante da necessidade de criar novos padrões capazes de representá-la. Daí o surgimento

de novos *types*. Isso significa que itens lexicais de valor semântico em nível mais baixo que *morrer* na escala semântica de impacto físico, orgânico ou emocional são mais frequentemente usados com o intuito de criar novos efeitos comunicativos não mais expressos pela construção cristalizada com *de morrer*. Daí a **produtividade** da construção em busca de novos *types* que, respeitando o padrão construcional, passam a expressar a perspectiva enunciativa imposta pelo falante em cada cenário interativo. A dimensão enfática, superlativa, da CSCN tem que ser assegurada, e a expansão da categoria garante tal força expressiva.

5.3.7.2- A avaliação positiva ou negativa – uma inferência pragmática

Conforme descrito à seção 5.3.4, a reanálise da CSCN implica um *frame* de Avaliação. A direção dessa avaliação, contudo, não está assegurada. A Construção Superlativa Causal Nominal implica inferências avaliativas **positivas** ou **negativas** dependendo do *frame* ativado em cada instanciação da construção. Isto significa que esta avaliação não está semantizada e que verbos de **semântica de base negativa** podem configurar cenas positivas ou negativas mesmo que o impacto sobre o Afetado seja **sempre negativo**.

Os únicos verbos cuja semântica de base é positiva entre os *types* encontrados são *alegrar* e *viver*, sendo que *viver*, conforme já ressaltado, é uma herança clara por decalque de *morrer*.

Nas ocorrências em que esses verbos aparecem, a CSCN irá implicar uma inferência avaliativa positiva da cena e um impacto igualmente positivo sobre o Afetado, em consonância com a semântica positiva de base dessas ULs, como nos exemplos (35) em que a declaração de Reinaldo de que ‘*sapato sem meia não dá*’ alegrou, deu prazer ao interlocutor e em (36) em que o interlocutor procura enfatizar a beleza da Colômbia:

(35) ...referências está fazendo um belo estrago. Atenciosamente Ronaldo pô! Sapato sem meia num dá! Adorei Reinaldo, essa foi **de alegrar!**

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2006/09/bastos-um-ministr...>

(36) Caro Rei, apenas esqueci de dizer que a Colômbia é um país maravilhoso, lindo **de viver**, com um povo sensacional...

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/05/indiodescendentes...>

As ULs cuja semântica de base é negativa representam, como já vimos, a quase totalidade dos *types* (26) e *tokens* (986) da CSCN (cf. seção 5.3.1): *abafar*, *abalar*, *amargar*, *apavorar*, *arrasar*, *arrebatar*, *arrebentar*, *arrepiar*, *arder*, *assustar*, *atropelar*, *cansar*, *chorar*, *detonar*, *doer*, *enjoar*, *enlouquecer*, *foder*, *humilhar*, *incendiar*, *lascar*, *matar*, *morrer*, *ofuscar*, *tremar*, *vomitar*. O verbo *amargar*, por exemplo, em todas as ocorrências encontradas configura uma cena negativa (...Serra ainda criticou as administrações anteriores afirmando que elas foram **de amargar**.), assim como os verbos *foder* (...não tenho grana, mas falar que é feio ou que você ajudaria uma família pobre ou sei lá faria outra coisa, é **de foder**.), *cansar* (É **de cansar** ver tanta sede de totalitarismo. É preciso esmagar a cabeça...), *apavorar* (...buscava ir ao íntimo de Sofia, explicando-lhe talvez mistérios terríveis, possibilidades **de apavorar**, completando a confissão confusamente bosquejada.), *vomitar* (...e aquele jeito paternalista com que o Bonner dá a notícia no JN é **de vomitar**.), *enjoar* (...Esse Gilvam Borges quando discursa no senado é **de enjoar**...), *humilhar* (...calibrar os números, mas sempre mantendo terrível vantagem para o 'sim'. O restante não preciso mais repetir. Foi **de humilhar**!) e *lascar* (...de calamidade pública. Esgotos à céu aberto, valas negras correndo a poucos metros do centro da capital, uma miséria **de lascar**, convivem com...).

A cena será positiva nas ocorrências do *corpus* com os verbos *tremar* (...integrante da banda de Cássia Eller, juntou-se à cantora Emanuelle Araújo, ex-vocalista da banda Eva, para montar uma dupla **de tremar**.), *ofuscar* (...quilos, exíguos, sim, mas com concentrações exatamente nos lugares certos. Isabeli Fontana tem uma daquelas belezas **de ofuscar**.), *arrebatar* (...tinha enorme talento para a cena, 'uma figura **de arrebatar**!'. Bonito, cabelos crespos e uma voz que nem um tenor italiano.), *detonar* (...Tio Rei é referência mesmo. Deixem essa petralhada vir aqui também. Ao menos podemos praticar, o jogo é **de detonar**.), *atropelar* (...que veio para uma Bienal, por 10.000 dólares. Hoje vale 200.000, conta, satisfeito. Com esse jeitão **de atropelar**, é claro que o viking volta...) e *incendiar* (A gente revela o segredo: é só fazer as contas. Queremos que você entre no biquíni com curvas **de incendiar**.). Nos exemplos do *corpus* com as ULs *tremar*, *ofuscar*, *arrebatar*, *detonar*, *atropelar* e *incendiar*, o *frame* ativado é sempre positivo.

As ULs *doer*, *enlouquecer*, *assustar*, *abalar*, *abafar*, *matar*, *morrer*, *arrasar*, *arrebentar*, *arrepiar* e *chorar* se realizam em ocorrências em que expressam uma

avaliação tanto positiva quanto negativa da cena. No exemplo (37), o *frame* ativado é positivo, ou seja, inferimos pela cena que o *pão de queijo* servido na lanchonete é muito bom, é tão bom que o Afetado chega a *chorar*; já no exemplo (38), o *frame* ativado é negativo:

(37) ...saudade de um belo pão de queijo. Tem uma lanchonete chamada Pan de Queso na rua da Torre de Serranos que serve um de chorar.

http://vaijeaqui.abril.com.br/blog/75818_comentarios.shtml

(38) ... INFERNO FHC!!!! Vá enganar seus amigos do CFR. Pois é, Yara, sinto muito em lhe dizer, mas... é verdade. É de chorar. Que lástima!

http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/161919_comentario.sht...

O que concluímos, então, é que a questão da avaliação **positiva** ou **negativa** da cena não está associada diretamente com a semântica de base do verbo que compõe a construção, mas sim com o *frame* ativado em cada instância discursiva da CSCN. A semântica de base do verbo determina **sempre** o impacto sobre o Afetado (**negativo** na maioria das ocorrências); a construção, por sua vez, promove sua Avaliação e a escalaridade superlativa da cena.

Deve-se ressaltar que a avaliação positiva ou negativa da cena depende do cálculo de sentido pragmático **somente** nos padrões em que o Atributo não aparece (quando o adjetivo está explícito, a inferência decorre de sua semântica, e não do contexto discursivo em que está inserida a instância da construção).

Ainda com relação à inferência pragmática da cena, atestamos que, quando o *frame* ativado é positivo, as construções irão evocar o **sucesso** (BRONZATO, 2010). A autora, em tese de doutorado a qual tivemos acesso recentemente (cf. cap. 3), descreve as construções gramaticais hiperbólicas do tipo *A festa bombou*, *A mulher arrasou*, *A cantora arrebeitou* como cenas de sucesso motivadas pela metáfora complexa “Sucesso é Destruição” e vinculadas à indústria do entretenimento. Os dados da CSCN, ao apontarem também para cenas negativas, não nos permitem equiparar nossa construção com a descrita por BRONZATO (2010) uma vez que nem todas as ocorrências remetem ao *frame* de Sucesso, é o que discutiremos com maior precisão na seção 5.6.

5.3.7.3 – A CSCN como uma estratégia de modalização

Segundo Miranda (2005, p. 193), “a modalidade gerencia a interação distribuindo as relações de poder comunicativo entre seus participantes de tal modo que as enunciações por eles praticadas expressem, como articulações cognitivas, a topologia da Dinâmica de Forças (imposição de forças ou remoção de barreiras)”.

Assim, de acordo com a autora, o que o processo de modalização promove é a negociação de identidades, é a representação do drama, removendo-se barreiras ou impondo-se forças em relação ao interlocutor.

Ao usar determinado recurso de intensificação, o falante demonstra a necessidade de exprimir, de modo enfático, uma noção acerca de algo, além disto, este recurso acaba por funcionar como elo entre os interlocutores, revelando a posição do falante em relação àquilo que anuncia, seu julgamento avaliativo sobre algo.

A CSCN atua, assim, como uma estratégia modalizadora em que o enunciador impõe forças em relação ao seu interlocutor – neste caso a força é traduzida em um impacto físico, orgânico ou emocional.

Marcada pelo processo de subjetificação (TRAUGOTT, 1995) (cf. seção 2.5), essa construção implica um marcante jogo de forças no domínio discursivo. Nesse jogo de forças estabelecido pela CSCN, portanto, o Agonista causa um impacto, exerce uma força sobre o Antagonista que é, por sua vez, o Afetado. Em “Quem vai vê-lo sabe que a ideia em si é ridícula, e sabe também o que vai encontrar: uma *história fraquinha de doer...*”, o Agonista (*história*) é um Causativo cuja intensidade do Atributo (*fraquinha*) exerce uma força, causa um impacto orgânico (*dor*) sobre o Antagonista (afetado por essa força). O enunciador, neste caso, ao mostrar a força do Agonista, busca o fortalecimento de sua posição argumentativa (a de que a história é péssima); a despeito da força, do impacto que o Agonista exerce sobre o Antagonista, o ato avaliativo é exercido.

O papel modalizador da CSCN ancora-se, portanto, no esquema imagético de força, configurado no Modelo da Dinâmica de Forças (TALMY, 2000) (cf. seção 2.3.1.1), e na metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA (LAKOFF, 1987, LAKOFF; JONHSON, 1999) (cf. seção 2.3.3.1).

5.4 – A NÃO-SINONÍMIA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA CAUSAL NOMINAL E SEU PROCESSO DE CONVENCIONALIZAÇÃO

Nossa hipótese analítica, conforme anunciado, é que a CSCN tem, dentro de uma rede de Construções Superlativas, o estatuto de uma construção do Português dado o seu valor simbólico, específico e metafórico *de demarcar o grau superlativo de um Atributo através de impactos físico, orgânico ou emocional, que se manifestam de forma negativa sobre o Afetado*.

Um dos princípios postulados por Goldberg (1995, p. 67), acerca da definição do estatuto de uma construção gramatical é o Princípio da Não-sinonímia, apresentado abaixo de modo a tornar a argumentação mais clara.

Princípio da Não-Sinonímia: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não devem ser semanticamente sinônimas.³⁸

Nesta direção, nosso intuito nesta seção é comprovar a não-sinonímia semântica e pragmática deste nóculo da rede de Construções Superlativas – a CSCN, usando como recurso argumentativo a descrição do **ambiente discursivo** em que essa construção aparece e também sua **produtividade** e grau de **convencionalização**.

5.4.1 – O ambiente discursivo da CSCN

Conforme já dito na seção 4.3, os *corpora* tratados a que recorreremos – *Corpus* do Português e *Corpus* VISL – não apresentam um número significativo de ocorrências da CSCN, 59 e 70 respectivamente, somando um total de 129 *tokens*. A característica principal desses *corpora* é a origem mais formal de suas ocorrências. Embora o *Corpus*

³⁸ Tradução nossa.

do Português possua textos do gênero oral (Tabela 13), a grande maioria das ocorrências de CSCN encontradas neste *corpus* se enquadra entre os gêneros acadêmico, notícias e ficção (dentre os 59 *tokens* encontrados no *Corpus* do Português, somente 2 foram classificados como sendo do gênero oral). O *Corpus* VISL, também nessa direção, é constituído por textos do Jornal Folha de São Paulo e do Jornal Público de Portugal, canais de comunicação que veiculam textos de natureza mais formal. A baixíssima ocorrência da Construção Superlativa Causal Nominal nesses *corpora* mais formais já sinaliza, de pronto, sua possível distribuição discursiva.

Em contrapartida, é muito significativa a presença desta construção no *corpus* específico que montamos a partir do *site* de busca da Editora Abril (*corpus* constituído de 1261 *tokens*) que veicula textos de diferentes naturezas – formais e informais. As CSCN são mais peculiares às interlocuções informais, seja na modalidade escrita ou oral. Os veículos de comunicação utilizados na composição do *corpus* oriundo de textos disponíveis no *site* da Editora Abril, tais como revistas em ambiente *online* e *blogs*, apesar de serem meios de elaborações textuais escritas, propiciam o surgimento de situações próximas da utilização oral da língua, como fóruns, depoimentos, *chats* e o próprio *blog*, pela sua natureza³⁹, além de apresentarem recursos de reprodução da fala (CARVALHO-MIRANDA, 2008).

Para que o ambiente discursivo em que a CSCN aparece fique mais bem delimitado – ressaltando o fato de que estamos trabalhando aqui com os dados que o *corpus* que montamos nos fornece – faremos um enquadramento mais detalhado dos *tokens* dentro dos gêneros presentes em cada *corpus*, começando pelo *Corpus* do Português.

O *Corpus* do Português, conforme já dito, constitui-se de quatro gêneros fundamentalmente – gênero acadêmico, notícias, ficção e oral (cf. seção 4.3)⁴⁰. A Tabela 13 a seguir mostra o número de ocorrências da CSCN encontradas em textos acadêmicos, notícias, ficção e oral, delimitados pelo *corpus* e também o número total de palavras em cada gênero – o que nos possibilita avaliar a frequência de ocorrência dos *tokens* em cada gênero e também nos permite comprovar o grau de formalidade

³⁹ Um *blog* é um *site* de fácil utilização, onde se pode postar rapidamente o que se pensa, interagir com as pessoas de modo gratuito. www.blogger.com

⁴⁰ O *Corpus* do Português usa as seguintes siglas para a identificação dos gêneros: Fic (ficção), N (notícia), Or (Oral) e Ac (acadêmico). As 59 ocorrências da CSCN encontradas no *Corpus* do Português estão em Anexo 1 (CD *room* que acompanha a dissertação).

veiculado pelos textos do *Corpus* do Português, uma vez que o maior número de palavras⁴¹ está concentrado entre os três primeiros gêneros:

Gênero	Número de Palavras	Número de Ocorrências
Acadêmico	5.903,854	0
Notícias	6.618,316	15
Ficção	6.076,666	42
Oral	2.178,889	2
		Total: 59 tokens

Tabela 13: Os gêneros no *Corpus* do Português

O que esses dados nos mostram comprova, em certa medida, o fato de a CSCN predominar em situações mais informais de comunicação. Essa conclusão emerge a partir de quatro pontos principais:

- (i) o número de ocorrências da CSCN encontradas no *Corpus* do Português é baixa, representando somente 4,2% do total;
- (ii) nenhuma ocorrência da CSCN foi encontrada no gênero acadêmico (caracterizado pelo grau elevado de formalidade);
- (iii) somente duas ocorrências da CSCN apareceram dentro do gênero oral (este gênero é o que possui o menor número de palavras dentro do *Corpus* do Português, somando 2.178,889 palavras contra 5.903,854 palavras do gênero acadêmico, por exemplo);
- (iv) os gêneros notícia e ficção são os que apresentaram o maior número de *tokens* da CSCN, somando 57 ocorrências; isto é, nos gêneros em que há a possibilidade de veiculação de uma linguagem menos formal, encontramos o maior número de ocorrências.

Um dado importante a ser levantado com relação ao item (iv) é o fato de todas as 15 ocorrências classificadas como do gênero notícia trazerem informações relacionadas a **entretimento**: futebol, viagens, festas, personalidades, curiosidades – temas com

⁴¹ O número de palavras é importante para que tenhamos acesso ao tamanho do *corpus*. Nesta tabela, o Numero Total de Palavras representa a soma de palavras do Português de Portugal e do Português do Brasil, somadas separadamente em cada gênero (cf. seção 4.3).

um teor informacional mais leve e que aceitam uma veiculação em linguagem mais informal. Os exemplos (39) e (40) abaixo ilustram essa tendência temática das notícias em que encontramos ocorrências da CSCN, tratando de futebol e música respectivamente:

(39) ...envolvida até os cabelos na Copa do Brasil, e como este campeonato está **de arrepiar**, já há quem tenha esquecido até que estamos em pleno Gauchão. (*Corpus* do Português)

(40) A banda competente, já conhecida de outros carnavais, também em posição **de arrasar**. Só que um deslize na equalização da bateria quase bota tudo a perder... (*Corpus* do Português)

Com relação às 42 ocorrências enquadradas como sendo do gênero ficção, a liberdade e autonomia com que os autores de textos literários manipulam a linguagem, permite o uso de construções próprias da linguagem informal e da oralidade. Junto a esse fato, cabe ressaltar que, em narrativas, as sequências dialogais fazem emergir de modo frequente, construções que imprimem mais expressividade, ênfase e subjetividade ao enunciado. Os exemplos (41) e (42) abaixo reproduzem trechos de diálogos na obra de Joaquim Manuel de Macedo:

(41) Braz diz: – Estupendo! É **de arrebatat**! Bravo, madrinha! (*Corpus* do Português)

(42) Cincinato diz: – E no fim de quinze dias faço-me viúvo! É **de arrebatat** e de encher a cidade com a minha fama. (*Corpus* do Português)

As 70 ocorrências que encontramos no *Corpus* VISL nos fornecem informações a partir das quais podemos tirar conclusões convergentes com o que já dissemos até aqui – a predominância da CSCN em ambientes informais. O *Corpus* VISL é formado por ocorrências do Jornal Folha de São Paulo e do Jornal Publico de Portugal e, conforme ocorreu com o *Corpus* do Português, a cena comunicativa emergente na maioria das ocorrências (42 das 70 ocorrências) apontam para um campo temático voltado também para o **entretenimento**: futebol, cinema, televisão, destinos de viagem, música, festas, moda, personalidades, como notamos nos exemplos (43) e (44) abaixo:

(43) ...coleções em um mix que garanta preços **de arrasar** durante todo o ano. (*Corpus* VISL)

(44) É **de assustar** um programa como o “Jah Love Reggae Show”. (*Corpus VISL*)

Declarações também figuram entre as ocorrências do *Corpus VISL*, ou seja, a presença da CSCN em reproduções de falas é evidente, inclusive quando o assunto foge do teor descomprometido do entretenimento:

(45) “A TVI poderá estar a planejar uma primeira semana **de arrasar**”, disse ao Público o proprietário de uma agência... (*Corpus VISL*)

(46) “Será um debate difícil e **de arrasar**, a raiar a ruptura”, disse um dos diplomatas. (*Corpus VISL*)

(47) ...os termos da equação “são **de assustar**”, como admite o próprio Pitta. (*Corpus VISL*)

As ocorrências de CSCN encontradas no site da Editora Abril (Anexo 3) representam 90.7% do *corpus* específico montado, ou seja, são nessas manifestações da construção que o ambiente discursivo predominante nos salta aos olhos – o ambiente informal dos *blogs*, fóruns e depoimentos - as reportagens e notícias são também recorrentes, como observamos na Tabela 14:

Gêneros	Número de Ocorrências	Frequência (%) em 1.261 ocorrências
Blogs/fóruns/depoimentos	704	55,8%
Noticias/Reportagens	538	42,6%
Ensaios/crônicas/resenhas críticas	19	1,5%
	Total: 1261	100%

Tabela 14: O ambiente discursivo da CSCN nas ocorrências da Editora Abril.

Essas delimitações do *corpus*, claramente expostas na Tabela 14, atestam a função da CSCN, qual seja a de manifestação de atitude e crença pessoal, i.e., de auto-expressão. Assim, as 704 ocorrências encontradas em *blogs*, depoimentos e fóruns revelam uma maior proximidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor já que emergem de gêneros marcados pelo caráter dialógico e argumentativo.

Os exemplos retirados do nosso *corpus* demonstram isso:

(48) ...SER PROFESSOR, DE VERDADE, NÃO É PARA QUEM QUER, É PARA QUEM PODE, PÔ!!!! ESTUDEI EM ESCOLA PÚBLICA!!!! É **DE CHORAR!!!**

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/0/o-sexo-dos-petral...>

(49) NOSSA! ESSA FOI **DE LASCAR!** TOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOODAS A NÃO SER A MÚSICA YOU...

http://www.abril.com.br/forum/98733_comentários1.shtml

(50) ... dados obtidos por cada revista nos testes de veículos. Agora Fuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu! Realmente esse carro ta lindo...LINDO **DE DOER.** OOOOOOOO COISA....

http://quatorrodas.abril.com.br/noticias/comentarios105125_p.shtml

(51) ...vocês são o máximo! ADOOOOREI a revista com os gatos do NxZero na capa, Mara! E a historia de Nayara e Eloá, é **de chorar.** TUDO MARA, AMEEEI!...

http://capricho.abril.com.br/clube/dizai/127475_dizai.shtml

O conteúdo de cada um desses exemplos demonstra, claramente, a expressão da opinião de quem o escreve. O exemplo (48) demonstra a natureza do *blog* – uma publicação virtual em que se tem espaço para expor ideias com o intuito de atrair leitores. A utilização de uma linguagem informal permite a aproximação do interlocutor e a facilitação do estabelecimento de uma relação, ainda que virtual.

Os fóruns, uma vez que possibilitam aos participantes conversarem em tempo real e exporem suas opiniões, facilitam a emergência de uma linguagem informal e revelam o ambiente dialógico de manifestação da CSCN, como vemos em (49). Os comentários também se caracterizam pela auto-expressão daquele que escreve. Normalmente, em cada revista *online* da Editora Abril há um espaço virtual para que os leitores divulguem suas opiniões sobre determinado assunto, além das cartas de leitor divulgadas nas edições impressas das revistas.

Em todos os exemplos, o uso da caixa alta em algumas palavras ou mesmo em todo o texto - uma peculiaridade da comunicação virtual – demonstra a tentativa do escritor em chamar atenção para o que diz, demarcando uma possível prosódia no seu texto. Além disto, a repetição de letras, como em “TOOOOOOOOOOOOOODAS” é também um recurso para dar ênfase àquilo que é dito. A predominância de elementos da coloquialidade em todos os exemplos apontam a intenção de facilitar a interação. A começar pela expressão “pô”, que designa uma atitude de reprovação, de insatisfação; além das gírias “Fuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu” e “Mara”.

As ocorrências encontradas em notícias e reportagens sinalizam também para um ambiente informal de realização da CSCN. Os assuntos tratados predominantemente

nessas realizações se alinham a campos temáticos de **entretenimento**, **comportamento** e **curiosidades** – moda, beleza, viagens, gastronomia, celebridades, sexo, mundo animal, automóveis e informática, divulgados por revistas como Boa Forma, Capricho, Super Interessante, Quatro Rodas e Info, como nos exemplos (52) e (53). As poucas ocorrências restantes se dividiram entre os gêneros ensaio, crônica e resenha crítica.

(52) ...para enfrentar esse roteiro arriscado provavelmente não existe mulher mais que Demi Moore. A quarentona **de arrasar** selou em segredo...

<http://veja.abril.com.br/051005/gente.html>

(53) ...podem até comprar os novos modelos de ThinkPads, os laptops da IBM. As engenhocas são de primeira linha. Mas o preço é **de amargar**.

<http://veja.abril.com.br/221097/p.018.html>

Bronzato (2010), ao discutir a Construção Gramatical de Hiperbolização na Língua Portuguesa, aponta para a atração dessa construção pelo cenário de **indústria do entretenimento**, traduzindo sempre a noção de sucesso do sujeito, como nos exemplos abaixo retirados do site da Editora Abril com o intuito de ilustrar a pesquisa da autora:

Juliana Paes posa para edição de aniversário de revista -...

Juliana Paes posa para edição de aniversário de revista. Atriz **arrasou** na sessão de fotos feita para a Porção Por Redação...

<http://contigo.abril.com.br/noticias/juliana-paes-faz-ensaio-edic...>

Catch Side está atrás do palco do NoCapricho - NoCAPRICH0 2009

...está pronta para subir no palco do NoCapricho pela segunda vez. A primeira atração do Catch Side na festa teen mais legal do mundo **bombou!** Estamos...

<http://capricho.abril.com.br/blogs/nocapricho2009/catch-side-esta...>

Dado vence A Fazenda com 83% dos votos. Que lavada! - Jorge...

... Joilson disse: A voz do povo é a voz de Deus. 83% é muita coisa. Dado **arrebentou**. Cleise disse: Dado nunca foi...

<http://mdemulher.abril.com.br/blogs/jorge-brasil/tv-novelas-e-fam...>

Na CSCN, embora não haja uma veiculação única da noção de sucesso, há, no que se refere ao ambiente em que é veiculada, uma convergência com o trabalho de Bronzato (2010). As ocorrências da CSCN apontam, em número significativo (736 ocorrências, o que significa 53% do total), também para contextos discursivos em que a indústria do entretenimento emerge como cenário: futebol, cinema, televisão, moda, beleza, festas, personalidades, viagens, música, carros, informática, arte, entre outros, como comprovam os exemplos 49, 50, 51 e 52 nesta seção.

As 654 ocorrências restantes (47% do total) apontam, por sua vez, para contextos discursivos que envolvem temas largamente debatidos na sociedade: política, economia, saúde, justiça, educação, desigualdades sociais, como retratam os exemplos 53 e 54:

(53) ...somos ao Chaves, ao Fidel e a Rússia, faz tempo. Quando lembro que FHC mandava nosso dinheiro prar ajudar Cuba, é **de lascar**.

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2009/03/de-olho-em-2010...>

(54) ...transferida para outra penitenciária, o pior lugar de todos. A pressão psicológica das agentes e enfermeiras é **de enlouquecer**: elas ameaçam...

<http://claudia.abril.com.br/materias/3197/pagina...>

Além disso, os dados trazidos nesta seção confirmam a nossa hipótese – as Construções Superlativas Causais Nominais se manifestam predominantemente em ambientes informais e dialógicos. Tais traços explicam também a sua quase ausência em contextos formais, ambientes pouco propícios a manifestação de subjetividade e intersubjetividade em que os gêneros são marcados pelo distanciamento discursivo dos enunciadores. As conclusões anunciadas na presente seção acerca do uso da CSCN encontram, em um belo exemplo do *Corpus* do Português, um forte aval:

(55) “...tenha dito que se em literatura posso dizer “está um calor **de morrer**” no jornalismo não (*Corpus* do Português).”

5.4.2 – Produtividade e convencionalização da CSCN

Embora se possa, em princípio, dizer que construções do tipo *linda de doer* e *muito linda* são simplesmente variantes de uma mesma construção – a Construção Superlativa Nominal – que implica a intensificação de determinado Atributo, a CSCN funciona de uma maneira bastante peculiar. Isto quer dizer que uma escolha entre *linda de doer*, *muito linda* ou *lindíssima* depende da força expressiva que o falante pretende imprimir ao seu discurso. Essas construções não são sinônimas, ao contrário, se o falante opta pela CSCN sua fala terá um impacto pragmático maior.

Podemos enumerar três pontos relevantes que falam em favor da **produtividade** e da **convencionalização** da CSCN:

(i) Frequência de ocorrência e de tipos

Conforme discutimos à seção 2.4.3.1, a frequência de **ocorrência** tem uma relação direta com o grau de **convencionalização** de uma construção, i.e., o entrincheiramento de uma estrutura só é possível se ela for predileta. Já a frequência de **tipos** é vinculada à **produtividade**, ou seja, um padrão produtivo é o que instancia muitos tipos (BYBEE, 2003).

A CSCN, dentro dos limites das buscas em *corpora* que realizamos neste trabalho, instancia 28 tipos (tabela 1), o que nos possibilita atestar que esta construção veicula um padrão produtivo. A frequência de ocorrência da CSCN, por sua vez, demarca seu grau de convencionalização, ou seja, seu armazenamento pelo falante da língua. Assim, nosso *corpus* específico é constituído de 1.390 ocorrências, sendo 397 de um padrão cristalizado e 993 do padrão focalizado neste estudo. A Tabela 15 delimita a frequência de ocorrência de cada *type* da CSCN:

Types/Tipos	Número de ocorrências	Frequência (%)
1- De lascar	299	21.5%
2- De arrasar	116	8.3%
3- De doer	112	8.05%
4- De arrepiar	109	7.8%
5- De morrer	75	5.3%
6- De matar	68	4.8%
7- De chorar	55	3.9%
8- De assustar	45	3.2%
9- De enlouquecer	30	2.1%
10- De vomitar	21	1.5%
11- De amargar	18	1.2%
12- De arrebentar	8	0.5%
13- De viver	6	0.4%
14- De arrebatrar	5	0.3%
15- De enjoar	4	0.28%
16- De incendiar	3	0.21%
17- De apavorar	3	0.21%
18- De ofuscar	2	0.14%
19- De abalar	2	0.14%
20- De cansar	2	0.14%
21- De foder	2	0.14%
22- De tremer	2	0.14%
23- De abafar	1	0.07%
24- De humilhar	1	0.07%
25- De arder	1	0.07%
26- De atropelar	1	0.07%
27- De detonar	1	0.07%
28- De alegrar	1	0.07%
Total: 28 tipos	Total: 993 ocorrências	Total: 71.5%

Tabela 15: A frequência de ocorrência dos *types* verbais licenciados pela CSCN

Cabe ressaltar que a frequência de *tokens* recai, basicamente, nos onze primeiros tipos da tabela. Os dados, em nosso *corpus*, revelam a maior frequência das ULs verbais que se agrupam nos *frames* de Causar Impacto Físico (*lascar* e *arrasar*) e Causar Impacto Orgânico (*doer* e *arrepiar*). Essa informação se correlaciona com a avaliação pragmática da escala semântica de impacto que propusemos para a CSCN (cf. seção 5.3.7.1) em que as ações prototípicas seriam aquelas pertencentes ao *frame* de Causar Impacto Físico já que implicam na destruição plena do Antagonista da cena. Os demais tipos, com poucas ocorrências, servem como evidência da **produtividade** do padrão construcional, mas não atestam a **convencionalização** de cada uma dessas instâncias.

Nos limites de nosso *corpus*, portanto, essas ULs podem ser consideradas como *types* emergentes, mas não convencionalizados. A comprovação da convencionalização mais ampla da CSCN dependeria, assim, de *corpora* mais amplos e diversificados. De fato, no entanto, como discutimos no capítulo de Metodologia, são muitos os limites dos dados tanto dos *corpora* tratados disponíveis hoje, como da base de dados que fomos obrigados a construir, montando nosso *corpus* específico.

A hipótese de que o efeito sobre o Afetado é sempre negativo e de que a cena prototípica da CSCN aponta para um dano, impacto, destruição, alia-se à baixa frequência de *types* positivos na cena da CSCN; apenas *alegrar* e *viver*. Além disto, a frequência de ocorrência dessas ULs é muito baixa, 0.07% e 0.4%, respectivamente.

Consoante ao relatado no capítulo de Metodologia, em nossa busca por ocorrências da CSCN, encontramos 37 *types*, sendo que 9 desses *types* se enquadram no que chamamos de **construções idiomáticas**. A Tabela 16 lista estes 9 *types* e qual a frequência de ocorrência deles no *corpus* específico de 1.390 ocorrências.

Types/Tipos	Número de ocorrências	Frequência (%)
De tirar o chapéu	26	1.8%
De abalar as estruturas	2	0.14%
De comer rezando	15	1.07%
De fechar o comércio	5	0.35%
De parar o trânsito	24	1.72%
De perder o ar	1	0.07%
De cortar os pulsos	2	0.14%
De estourar a boca do balão	3	0.21%
De tirar o fôlego	319	22.9%
Total: 9 types	Total: 397	Total: 28.5%

Tabela 16: A frequência de ocorrência das construções idiomáticas

Os 9 *types* listados na Tabela 16 são também um subtipo da CSCN, como apresentado na seção 5.3. Representam, contudo, um padrão **crystalizado**, ou seja, sem efetiva possibilidade de novos preenchimentos a partir de um padrão construcional próprio. Poderíamos até dizer, por exemplo, em vez de “fechar o comércio”, “de fechar a conferência, a aula” ou “de cortar a garganta” ao invés de “os pulsos” mantendo a

significação semântico-pragmática escalar. Contudo, estamos lidando com um modelo probabilístico em que a possibilidade não implica a real instanciação de uma construção no léxico ou gramática. E tal possibilidade não se revelou, de fato, em nossos dados.

Uma única variação que parece ocorrer entre estes tipos é uma espécie de câmbio entre os próprios verbos licenciados para este subtipo: de fechar o trânsito / de fechar o comércio; de parar o trânsito / de parar o comércio; de abalar as estruturas / de abalar o trânsito. Tais possibilidades, no entanto, não foram empiricamente atestadas em nosso *corpus*, mas foram consideradas como ocorrências “reais por falantes”.⁴²

Tal subtipo se distancia dos demais padrões veiculados pela CSCN principalmente no que se refere ao argumento interno, que é **lexicalmente preenchido** como objeto direto (exceto em “de comer rezando”). Parece ser esta, de fato, a chave da questão. As construções superlativas tenderiam à detransitivização de seus tipos verbais, apagando literalmente seu argumento interno pela força da intensidade do Agonista. Assim, a sintaxe comprimida, como um resultado metonímico parece ser, como evidenciamos, o padrão preferencial e produtivo da CSCN. O mesmo resultado alcançado por Bronzato (2010) é um argumento a mais nesse direção. Os tipos de sua construção superlativa (*arrebentar*, *bombar*, *arrasar*, entre outros) são todos detransitivizados.

Esse subtipo da CSCN, que representa 28.5% de nosso *corpus*, não se constitui como o foco de nosso trabalho. No entanto, cabe-nos ressaltar a existência desses idiomas na língua - que provavelmente não se esgotam nestes 9 *types* listados - e a forte convencionalização do *type* “de tirar o fôlego”, com a maior frequência de *tokens* (22.9%).

Passemos ao segundo argumento em favor da convencionalização da CSCN.

(ii) Cristalização da forma *de Y* sem flexão

Os verbos na CSCN não funcionam como categorias verbais plenas uma vez que não podem ser usados em sua gama de flexões gramaticais, tendo forma infinitiva fixa, cristalizada (*doer*, *chorar*, *vomitar*, *arrepisar*...). Além disto, estes verbos, mesmo quando comparecem no padrão **X_N (W)_{ADJ} de Y_V**, não são cambiáveis por formas adjetivas agentivas deverbais do tipo **X-nte**. Isso acontece porque os adjetivos em – nte

⁴² Não estamos falando de um experimento, mas sim de discussões entre os membros do nosso Grupo de Pesquisa que atestaram tais variantes como ocorrências em sua fala.

preservam, na cena, o valor negativo da base semântica e alguns já têm até a forma lexical convencionalizada, como *doente*⁴³. Assim, formas como *festa de arrasar* → *festa arrasante* (cena negativa); *festa de arrepiar* → *festa arrepiante* (cena negativa), não são padrões cambiáveis no sistema. Assim, posso ter *festa (boa) de arrasar* ou *festa (ruim) de arrasar*. Se digo, no entanto, *festa arrasante*, restrinjo as possibilidades de interpretação da cena, que será sempre negativa.

Estes dados são argumentos a favor da convencionalização da CSCN, em que a expressão **de Yv** da construção imprime seu valor superlativo a um Atributo, ou seja, não é o item que é superlativo, mas uma propriedade deste item.

(iii) Presença de expressões reduzidas

Outro argumento a favor da natureza formulaica da CSCN é a presença significativa de expressões reduzidas dessa construção, do tipo: “*É de matar*”, “*É de lascar*”, “*De doer*”. Nestes casos, uma parte evoca metonimicamente o todo, fazendo referência à cena anterior, como ilustrado nos exemplos abaixo:

(56) Elegeram tem que agüentar. Imaginem o que vem por aí. **É de arrepiar**. Não percam os próximos capítulos da novela “Cartão”...

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/04/dilma...>

(57) Mais essa do Evo Morales cercando o Brasil. **De lascar**, hein? Pior eh a passividade e a cara de ‘to gostando’...

http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2006/09/lula_aquele...

5.5 – O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DA CSCN

A seção 2.5, dedicada à releitura do processo de gramaticalização promovida por Miranda (2008b), em que a autora postula a convergência entre os Modelos de Uso e a gramaticalização, e as análises empreendidas neste capítulo, que desvelaram as

⁴³ A rede de Construções Agentivas Deverbais x-nte (estudante, governante, hidratante, absorvente...) foi descrita no trabalho de Santos (2006).

multidimensões da CSCN, nos autorizam a argumentar em favor de um processo de gramaticalização em curso na instituição dessa construção.

O fato é que a existência da CSCN como um padrão construcional específico dentro da rede de construções superlativas do Português, evidenciada em nossas análises, já é, em si, a prova de um processo de gramaticalização em curso. Tal argumento se funda na visão construcionista, aqui defendida, de que a gramaticalização tem lugar quando os seres humanos usam, de modo reiterado, um símbolo para se comunicarem, fazendo emergir um padrão de uso que se consolida como **construção** (TOMASELLO, 2006 apud MIRANDA 2008b). De igual modo, como quer Bybee (2003), a gramaticalização não se dá com um item lexical particular isolado, ou seja, os itens lexicais desenvolvem funções gramaticais novas **dentro de construções que instanciam**.

Embora esta questão mereça um maior aprofundamento, devido aos limites de nosso trabalho, apenas apontaremos alguns fatores, dentre outros emergentes em nossas análises, que podem ser vistos como resultados de um processo de gramaticalização em curso da CSCN. Alguns dos argumentos em favor desse processo na CSCN são elencados a seguir:

- (i) Reanálise semântica das unidades lexicais verbais que passam, de formas verbais plenas, à função semântica de Operador de Escala Superlativa (*frame* Escalar), sem, contudo, tornar opaca a cena de dano, impacto, destruição, suscitada pela semântica dos verbos;
- (ii) A cristalização da forma *de Y* (*de arrasar, de matar, de enlouquecer, de vomitar...*) sem a possibilidade de formas flexionais alternantes;
- (iii) Configuração da CSCN como demarcadora dos *frames* de Escala e de Avaliação.

Estes traços semânticos e formais do verbo e da construção apontam para a direção da mudança promovida pela gramaticalização, qual seja: os verbos licenciados pela CSCN passam por uma mudança que vai do mais lexical ao mais gramatical, da maior autonomia à dependência, do mais específico/concreto ao mais genérico/abstrato.

Evidência mais contundente ainda é o fato de definirmos um padrão de uso, no caso as CSCNs, em termos **probabilísticos**. Conforme dito à seção 2.5, são as escolhas simbólicas motivadas sociocognitivamente e acrescidas da **reiteração pelo uso coletivo**

que permitem a ocorrência de processos de convencionalização. Nesses termos, temos evidenciada:

- (iv) A relação entre frequência de *types* e produtividade da construção (a CSCN instancia 28 *types*) e frequência de *tokens* e convencionalização da construção (montamos um *corpus* específico com 993 ocorrências do padrão produtivo);
- (v) A presença significativa em nosso *corpus* de expressões reduzidas da CSCN (*É de matar!*, *É de lascar!*), o que atesta a forte convencionalização desta construção, evocada metonimicamente (A PARTE PELO TODO).

O uso pragmático da CSCN atesta outra direção de mudança, qual seja, do mais objetivo ao mais subjetivo. Estamos falando do conceito de subjetificação, promovido por Traugott (1995). No caso da CSCN, os significados emergentes são largamente baseados nas crenças e atitudes do falante. Seu embate discursivo, de modo a mostrar sua expressividade, sua força subjetiva frente ao outro, configuram a necessidade de buscar novas construções, mais enfáticas e superlativas.

O que podemos afirmar, por fim, a respeito das CSCNs, é que elas se encontram em uma distribuição complementar com as demais formas de expressão de superlativização existentes na língua (cf. cap. 3), ou seja, a emergência desse novo padrão não exclui os demais, o que é mais uma prova de sua especificidade em exprimir intensidade.

5.6 – A EMERGÊNCIA DA METÁFORA COMPLEXA “VIVER É GUERRAR”

Toda a cena semântica da CSCN discutida – os *frames* evocados pelas consequências de uma causa superlativa (*Frame* de Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional), e sua motivação conceptual – a metáfora primária CAUSA/INTENSIDADE É FORÇA FÍSICA – faz também emergir uma metáfora complexa (LAKOFF; JOHNSON, 1999) por traz da nossa cena causativa: “**Viver é Guerrear**”.

Como vimos ao longo de nosso estudo, nossa construção faz emergir cenas de sucesso e fracasso em um cenário preferencial da indústria do entretenimento, perspectivizadas pela força, pelo dano ou destruição de um Afetado. Nesse sentido, nossos resultados convergem, como já pontuamos, com o trabalho de Bronzato (2010), apontando um evento cultural de força – a guerra – como *frame* de nova metáfora complexa.

Na Figura 12, temos a formalização da metáfora conceptual “Viver é Guerrear” atestada, conforme a notação proposta por Lakoff (2008 apud PIRES, 2008, p. 58)⁴⁴:

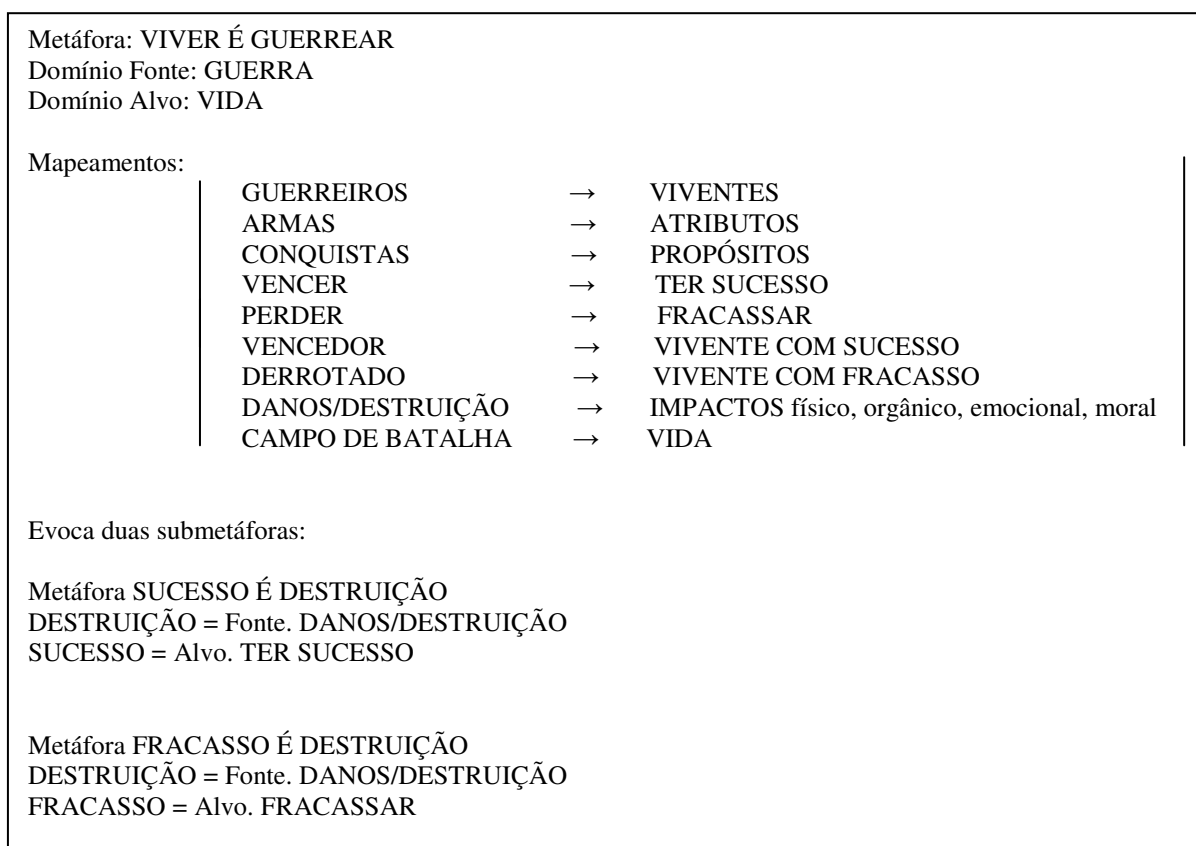


Figura 12: Mapeamento da metáfora complexa “Viver é Guerrear”.

Para exemplificar, temos:

⁴⁴ A notação proposta por Lakoff (2008, apud PIRES, 2008, p. 58) é a seguinte: (i) o nome da metáfora refere-se à *gestalt* correspondente; (ii) as setas identificam as conexões entre os domínios; (iii) os sinais de igualdade indicam as ligações de elementos da metáfora conceptual com elementos da metáforas primarias; (iv) o enunciado “evoca” indica as metáforas primarias que compõem a metáfora conceptual em questão.

1- SUCESSO É DESTRUIÇÃO

(58) ...vidinha angustiada de passar o mês treinando matemática no extrato bancário. E como é um caso de remédio, ela que é *chique de doer* pode comprar.

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/02/calma-meninas.html>

2- FRACASSO É DESTRUIÇÃO

(59) ...a imprensa o devorou. Gostaria de saber porque a IMPRENSA, não todas, tem medo de devorar este cidadão analfabeto, *burro de doer*, pilantra...

<http://veja.abril.com.br/blogs/reinaldo/2008/02/cartes-coporati...>

O foco da CSCN está no **vencedor**, no **derrotado** e nos **danos/destruição**. No exemplo (58), temos um sujeito (*ela*) vencedor, uma vez que é um vivente de sucesso, como atesta o adjetivo (*chique*) e um impacto orgânico (*dor*); já no exemplo (59), temos um sujeito derrotado (*este cidadão*), já que é um vivente fracassado, como explicita o uso do adjetivo (*burro*).

Bronzato (2010) postula a metáfora secundária “Sucesso é Destruição” em sua descrição das construções hiperbólicas do Português. Neste caso, construções do tipo “A menina arrasou” traduzem uma única noção de **sucesso** da entidade/sujeito, o que diverge da nossa proposta com relação à CSCN que remete às inferências avaliativas **positivas** ou **negativas** dependendo do *frame* ativado, embora o impacto sobre o Afetado seja sempre negativo. Diante desses dados que emergiram do *corpus*, postulamos a metáfora complexa “Viver é Guerrear” como subjacente à nossa construção e que evoca as submetáforas SUCESSO É DESTRUIÇÃO e FRACASSO É DESTRUIÇÃO.

Além de “guerrear” ser uma metonímia de força física, a metáfora “Viver é Guerrear” permeia a linguagem cotidiana e, por vivenciarmos em nossa cultura, as nossas ações, desejos e papéis que desempenhamos na sociedade serão estruturados com base em uma visão bélica. A CSCN, como um recurso de subjetificação (TRAUGOTT, 1995) e auto-expressão, possibilita ao falante se posicionar diante dos acontecimentos que o circundam de maneira mais **impositiva**, **enfática** e **avaliativa**. Diante disso, a metáfora complexa em questão traduz a forma como nos posicionamos diante dos sucessos e fracassos do outro, i.e., a maneira competitiva com que nos posicionamos e, mais amplamente, a forma como concebemos a vida, que será estruturada e concebida em termos de guerra.

Assim, na vida, enquanto campo de batalha, nós somos os guerreiros, nossos atributos são nossas armas e, dependendo do valor desses atributos, alcançaremos nossos propósitos, conquistaremos o espaço e o mérito que poderia ser de outro, teremos sucesso, seremos vitoriosos. Ao contrário, caso nossos atributos não sejam tão valiosos quanto se espera, perderemos espaço, mérito e seremos derrotados, fracassados. Os danos, destruição, oriundos de toda essa batalha causam impactos emocionais, orgânicos, físicos e até morais naqueles que a disputam. Quando, então, avaliamos e opinamos a respeito daquilo que está fora do nosso campo de batalha, ou seja, da nossa vida, estamos travando uma disputa, uma competição com o outro que pode resultar em fracasso ou sucesso, daí emergem as metáforas SUCESSO É DESTRUIÇÃO e FRACASSO É DESTRUIÇÃO.

Se retomarmos os exemplos (58) e (59) perceberemos que um atributo positivo ou negativo do “outro” causam, da mesma forma, uma destruição, um impacto que atinge o Afetado. Em “... *ela que é chique de doer pode comprar.*”, por exemplo, a expressão avaliativa do enunciador com relação a *ela* aciona, de pronto, a ideia de disputa, guerra, em que um Atributo valoroso do outro, ao mesmo tempo em que o torna um vivente de sucesso, causa um impacto, um dano no enunciador, metaforicamente expresso pela *dor*.

5.7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visamos, neste capítulo, descrever as CSCN enquanto mais um nódulo integrante de uma rede de Construções Superlativas do Português.

O panorama analítico traçado buscou contemplar as dimensões múltiplas que compõem a Construção Superlativa Causal Nominal, ora em estudo, a fim de desvelar o plano da forma em seus aspectos sintáticos, bem como a face do sentido, manifestada pelos processos cognitivos imperceptíveis para a consciência, que aliam os elementos conceituais aos pragmáticos.

Os ganhos analíticos e teóricos de nosso empreendimento investigativo serão objeto do próximo capítulo de conclusão. Vale pontuar, contudo, que nossos resultados não têm a pretensão de esgotar a riqueza multidimensional da CSCN.

6 – CONCLUSÃO

Neste capítulo passamos às sínteses dos ganhos analíticos e teóricos alcançados nesta dissertação.

O presente trabalho, tendo como escopo os pressupostos sociocognitivos fundados pela Linguística Cognitiva, fincou suas hipóteses no caráter construcional das unidades linguísticas de qualquer dimensão, vistas como pareamentos de forma e modos de significação semântico-pragmáticos. Tal pressuposto implica apostar na insuficiência da forma, na motivação conceptual e pragmática da gramática. Em síntese, implica reconhecer que **a gramática e o léxico emergem na cultura através do uso.**

Nesse enquadre teórico, a hipótese principal foi a de que as Construções Superlativas Causais Nominais (CSCNs) do tipo “Quem foi que votou nesse cara, hein?! Deve estar arrependido ou é tão sem noção quanto ele. Esse senador é chato **de doer**, mas é oportunista, sonso...”, constituem um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Superlativas do Português.

Para que tal hipótese fosse confirmada, procedemos à análise de um *corpus* específico constituído de 1.390 ocorrências e 37 tipos, montado a partir de três fontes: o *Corpus* do Português, o *Corpus* VISL e o *site* de busca da Editora Abril. A partir daí, empreendemos uma descrição que apontou os aspectos da natureza conceptual, semântico-pragmática e sintática da CSCN que passamos a sumarizar.

Em termos dos **padrões formais produtivos** (28 *types*), três traços da estrutura sintática veiculada por eles mereceram realce: (i) o processo de deansitivização dos verbos causativos com a consequente elipse do argumento interno (O projeto tem orçamento proporcional ao tamanho do edifício, 1,6 bilhões de dólares, e um aspecto **de assustar Ø**); (ii) a forma infinitiva cristalizada dos mesmos verbos precedidos da preposição *de* (*de matar, de morrer, de enlouquecer, de lascar*); (iii) o caráter opcional da categoria do Adjetivo na superfície sintática (Só desaconselho totalmente ficar na capital ta ilha, Phuket City – é feia **de doer**, suja, medonha.; e ...que lança um Punto esticado e diz que vale mais de R\$ 60.000,00. A empresa que acabou com o Palio com um design **de chorar...**).

Registrou-se ainda a presença de um padrão distinto, menos produtivo (9 *types*) de construções inteiramente cristalizadas, i.e., com preenchimento lexical pleno, como

de fechar o comércio, de estourar a boca do balão, de abalar as estruturas nas quais o processo de destransitivização não é promovido.

Quanto ao **polo da significação**, temos a seguinte paráfrase da Construção Superlativa Causal Nominal: um Agente (humano) ou uma Causa (não humana) cuja intensidade de um Atributo afeta negativamente o enunciador e/ou uma terceira pessoa (Afetados). O valor superlativo e o efeito sobre o (s) Afetado (s) são metaforicamente expressos por verbos (antecedidos da preposição *de*) que, majoritariamente, se agrupam em *frames* de Causa.

As **bases conceituais** motivadoras de tal cena metafórica estão no Esquema Imagético da Força, configurado em termos do Modelo da Dinâmica das Forças que, entrelaçado com Esquema da Escala e com as metáforas primárias INTENSIDADE É ESCALA e CAUSA É FORÇA FÍSICA imprimem a configuração semântica da CSCN. Tais bases seriam também as moléculas de uma metáfora complexa “Viver é Guerrear” e suas submetáforas “Sucesso é destruição” e “Fracasso é destruição” que ajudam a desenhar a configuração conceptual por traz dessa cena causativa.

Tal cena assim motivada envolve os seguintes aspectos descritivos em relação às ULs verbais licenciadas pela CSCN:

1. As ULs verbais são agrupadas em *frames* de Causa (Causar Impacto Físico, Causar Impacto Orgânico e Causar Impacto Emocional). Dessas ULs licenciadas, 26 apresentam uma semântica negativa e apenas 2 (*viver e alegrar*) traduzem um sentido positivo;
2. As ULs verbais se agrupam também em termos uma escala semântica de intensidade referente ao grau de impacto físico, orgânico ou emocional causado no (s) Afetado (s) (Antagonista (s)).

A tal configuração semântica, no entanto, se impõe o significado de intensidade da Construção Superlativa de tal forma que as expressões **de + V** passam a ocupar a função semântica de Operador Escalar na CSCN. Tal reanálise semântica, suscitadora dos *frames* de Posição em uma Escala e Avaliação, não implica, contudo, a opacidade semântica dos verbos licenciados. Assim, esses verbos preservam seu significado de origem, demarcando o efeito, o impacto provocado pela intensidade e, no embate de forças promovido, os Afetados por tais Forças/Causas são literalmente apagados de

modo a não terem expressão na superfície sintática, o que resulta na destransitivização dos verbos (...Ver um padre soltar uma batatada dessas é **de matar** Ø).

É, pois, da fusão semântica entre os significados dos verbos e da construção de intensidade superlativa que emerge o complexo significado da CSCN.

A dimensão **pragmática** da Construção Superlativa Causal Nominal, por sua vez, demonstrou seus contornos especiais, peculiares, que contribuíram para sua postulação como uma construção já fixada no repertório linguístico do falante de Português. Os aspectos mais relevantes que emergiram neste ponto são os seguintes:

- 1- A CSCN, nos padrões em que o Atributo não aparece lexicalizado, implica inferências positivas ou negativas da cena configurada, dependendo do *frame* ativado em cada instanciação da construção (...saudade de um belo pão de queijo. Tem uma lanchonete chamada Pan de Queso na rua da Torre de Serranos que serve um **de chorar**. (avaliação positiva); e ...INFERNO FHC!!! Vá enganar seus amigos do CRF. Pois é Yara, sinto muito em lhe dizer, mas...é verdade. É **de chorar**. Que lástima! (avaliação negativa));
- 2- A CSCN atua como uma estratégia modalizadora em que o enunciador impõe forças em relação ao seu interlocutor;
- 3- A CSCN é marcada pelo processo de subjetificação;
- 4- O ambiente discursivo da construção em foco é predominantemente informal (blogs, fóruns, depoimentos, notícias, reportagens);
- 5- A maioria das ocorrências da CSCN aponta para contextos discursivos em que a indústria do entretenimento surge como cenário (Tudo muito convencional? Pois marcas como a Baby Basics fazem da menina uma chinesinha **de enlouquecer**).

No âmbito do paradigma cognitivista e construcionista referenciados nesta análise, o desvelamento das multidimensões das Construções Superlativas Causais Nominais deu-se a partir de sua definição como um padrão de uso definido em termos **probabilísticos**, o que implicou argumentar em favor da **produtividade** e **convencionalização** dessa construção. Tal caminho argumentativo, acima descrito, levou-nos a afirmar a CSCN como resultado de um processo de gramaticalização, nos termos em que tal conceito dialoga com os Modelos de Uso da Gramática das Construções.

Em termos de contribuição teórica à hipótese sociocognitiva e construcionista da linguagem, o que nossos achados fortalecem, em primeiro lugar, é a força das metáforas e metonímias na constituição da gramática e do léxico. As projeções figurativas têm o poder de constituir e expandir a rede de construções de uma língua. De igual modo, nossas análises demonstraram a importância da consideração da frequência de *types* e *tokens* para a afirmação da produtividade e convencionalização de um padrão linguístico, o que contribui fortemente com uma das teses mais cara ao paradigma eleito, o de que **a gramática e o léxico emergem na cultura através do uso**.

Afirmamos, também, a Hipótese Fraca da Composicionalidade que empresta à integração dos sentidos um olhar multidimensional, considerando-o, essencialmente, como uma ação partilhada nas cenas interacionais de uma cultura. Refuta-se, com isso, a ideia de interpretação dos signos em termos de previsibilidade e transparência – a forma diz muito menos do que dizer, como ficou evidente na análise das CSCNs.

Nossas análises atestam em favor também da existência de um *continuum* do substantivo para o esquemático e em favor de que a existência de idiomatismos é uma evidência para a existência de construção. Assim, as anomalias, idiosincrasias e a periferia se encontram com o centro. Outro ganho teórico alcançado é a afirmação da dimensão cognitiva da mudança linguística em consonância com a dimensão pragmática, semântica, discursiva e formal.

Vale pontuar, ainda, que o estudo de caso – as CSCNs - aqui desenvolvido constituiu-se, a nosso ver, como um forte argumento em favor das teses que afirmam a insuficiência do significante linguístico e a complexidade do sistema pré-conceptual e conceptual que subjaz a linguagem.

O que temos, por fim, a afirmar é que o mergulho “de verdade” em dados reais da língua para desvelarmos mais um nóculo de uma rede de Construções Superlativas do Português foi “difícil de doar”. Esse percurso analítico, além de nos colocar diante de significados “de arrepiar”, nos provou que a intuição do linguista é fundamental, mas somente se este não se deixar afetar pelas informações “de assustar” e até mesmo “de enlouquecer” que borbulham no *corpus*. De fato, apesar dos percalços, o desejo incessante de imersão nas redes de significado da língua ativou somente *frames* positivos. Assim, embora estejamos cientes das possíveis lacunas que estamos deixando, esperamos que nosso trabalho seja um convite a outros projetos dispostos na direção que apontamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL.COM. **Notícias on-line, atualidades e sites Abril.** Disponível em: <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: janeiro - março de 2009.

ALUÍSIO, Sandra Maria & ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística.** Revista Caleidoscópio, Vol. 4, n. 3, p. 155-177, Unisinos: set/dez 2006.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

ALBERGARIA, Genezpabla. **Projeção Figurativa e Expansão Categorical no PB: o caso de um frame 'animal'.** Juiz de Fora: UFJF, 2008, 107 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2008.

BARCELONA, Antonio. **The cognitive theory of metaphor and metonymy.** In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective.* Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 1-28.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORBA, Francisco. S. et. al. **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil.** São Paulo: UNESP, 1990.

_____. **Uma gramática de valências para o português.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

BRONZATO, Lucilene Hotz. **A Construção Gramatical de Hiperbolização: um caso de coerência metafórica da Gramática.** Niterói: UFF, 2010, 226 p. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BYBEE, J. **Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency.** In: B. D. Joseph and J. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics.* Oxford: Blackwell, 2003. 602-623.

CARMO, C. B. da S. **A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista.** 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005.

CARRARA, Anna Carolina; UCHÔA, Daniela Novaes; RODRIGUES, Paulo Soares. **A metáfora SEXO É ALIMENTO como estratégia de coerência textual nas piadas.** Revista Gatilho, UFJF, ano IV, vol. 7, Juiz de Fora: março de 2008, p. 1-15.

CARRARA, Anna Carolina Ferreira; MIRANDA, Neusa Salim. **Linda de doer: um estudo de caso sobre o caráter metafórico das construções superlativas do Português**. In: HORA, Dermeval da. (org.). Anais Abralín em cena, Vitória, Espírito Santo: Ideia, 2009, p. 73-82.

CARVALHO-MIRANDA, Lara. **As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, 2008, 159 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2008.

CORPUS DO PORTUGUES.ORG. **O corpus do Português**. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: janeiro – março de 2009.

CORPUS VISL. **Visual Interactive Syntax Learning**. Disponível em <<http://visl.sdu.dk/visl/about/>>. Acesso em: janeiro-março de 2009.

COSTA, Giselda dos Santos Costa. **Investigando o fenômeno da intensificação em uma interação institucional**. CEFET – PI: 2003. Disponível em <<http://www.pdf4free.com>>. Acesso em: 15/03/2009.

CROFT, William & CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT - **Construction Grammar**. In D. Geeraerts / H. Cuyekens. The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics. Oxford / New York: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **A nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FAUCONNIER, Giles & TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, Charles. J. **Frame semantics**. In: Linguistic Society of Korea (ed.). Linguistics in the Morning calm. Seoul: Hánshin, 1982.

FILLMORE, C.; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. **Background to FrameNet**. In: International Journal of Lexicography, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.

FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et all. (coord.). Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>>. Acesso em: janeiro 2010.

GOOGLE.COM. **Site de busca**. Disponível em <<http://www.google.com.br>>. Acessado em: março de 2010.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRIES, ST. & D. DIVJAK (no prelo). **Behavioral profiles: A corpus-based approach to cognitive semantic analysis**. In: EVANS, V. and S. POURCEL (eds.). *New directions in Cognitive Linguistics*. Amsterdam – Philadelphia: John Benjamins, p. 57-75.

JOHNSON, Mark. **The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason**. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

KOCH, Ingedore Villaça & CUNHA-LIMA, Maria Luiza. **Do cognitivismo ao sociocognitivismo** in *Introdução à Linguística 3 – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 251-300.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Cicago: The University Chicago Press, 1987.

_____. **The contemporary theory of metaphor** in ANDREW, O. (org.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 203-251.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].

_____. **Philosophy in the flesh: the Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **A intensificação no Português culto soteropolitano**. UNEB e UFBA: 2001. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno08-02.html>>. Acesso em: 15/03/2009.

MIRANDA, Neusa Salim. **Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais**. *Veredas* v. 3, n. 1. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 81-95.

_____. **A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (Tese de Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

_____. **O caráter partilhado da construção da significação**. *Veredas* v. 5, n. 1. Juiz de Fora: UFJF, 2002, p. 57-81.

_____. **A gramática das construções na constituição do léxico**. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2003.

_____. **Modalidade: o gerenciamento da interação**. In: Neusa Salim Miranda & Cristina M. Name (orgs.) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005, p. 171-195.

_____. **Construções Superlativas no Português do Brasil – uma abordagem sociocognitiva.** Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

_____. **Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala.** Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008a.

_____. **Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências. Um estudo de caso: as Construções Negativas Superlativas de IPN.** Relatório Acadêmico de Pós-doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, dezembro de 2008b, 108 p.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2007.

PERINI, Mário A. **Cópus, introspecção e o objeto da descrição gramatical.** UFMG/CNPq, inédito.

_____. **Princípios de linguística descritiva. Introdução ao pensamento gramatical.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Estudos de gramática descritiva – as valências verbais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **O funcionalismo em linguística** in MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística 3 – fundamentos epistemológicos.** São Paulo: Cortez, 2007.

PIRES, Robledo Esteves Santos. **O amor é uma viagem. A teoria cognitivista da metáfora e do discurso amoroso no cancioneiro popular brasileiro.** Juiz de Fora: UFJF, 2008, 84 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2008.

ROMERITO-SILVA, José. **Aspectos semântico-cognitivos da intensificação.** Revista *Gragoatá*, n. 21. Niterói: 2006, p. 201-218.

_____. **A intensificação numa perspectiva funcional.** Revista *Odisséia*, n. 01. UFRN: 2008, p. 1-18. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/odisseia/numero1/sumario.php> >. Acesso em: 15/03/2009.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem.** Veredas, Juiz de Fora: UFJF, v. 4, n. 1, 1999, p. 61-79.

_____. **Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico.** In: *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, nº 1, p. 63-74, 2002.

_____. **Implantação do projeto FrameNet.** 2007, inédito.

_____. **Teorias da linguagem – a perspectiva sociocognitiva.** In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M.M.M. (org.) *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a, p. 20-32.

_____. **Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua.** In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M.M.M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 33-74.

SAMPAIO, Thaís Fernandes. **O uso metafórico do léxico da morte – uma abordagem sociocognitiva.** Juiz de Fora: UFJF, 2007. 167 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2007.

SANTOS, Ana Maria Tavares dos. **Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais x-nte.** Juiz de Fora: UFJF, 2005, 133 p. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus: Histórico e Problemática.** Revista Delta, vol. 16, nº 2, LAEL, PUC-SP: 2000.

_____. **Linguística de Corpus.** Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, Augusto Soares da. **A Linguística Cognitiva.** Revista Portuguesa de Humanidades vol. I, Braga: Faculdade da U.C.P., 1997, p. 59-101.

_____. **O poder cognitivo da metáfora e da metonímia.** Revista Portuguesa de Humanidades, vol. VII, Braga: Faculdade da U.C.P., 2003, p. 13-75.

STEFANOWITSCH, A. **The function of metaphor – Developing a corpus-based perspective.** International journal of corpus linguistics, vol. 10, n. 2. Benjamins Publishing, Amsterdam, 2005, p. 161-198.

_____. **Words and their metaphors: A corpus-based approach.** In *Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy.* Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 61-105.

TALMY, Leonard. **Force Dynamics in Language and Cognition** in *Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems*, vol. 1. Cambridge, MA: The MIT Press: 2000, p. 409 – 470.

TOMASELLO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [2003].

TRAUGOTT, E. C. **Subjectification in grammaticalisation**. In: Stein, Dieter & Susan Wright (eds.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.31-54.

_____. **Grammaticalization and Construction Grammar**. In: CASTILHO, A.T. (org.) *Historia do Português Paulista*. Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.